



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

7435
FIALHO D'ALMEIDA



869-8
F438a

Á Esquina

(JORNAL DUM VAGABUNDO)

12 de Maio 1912

França Amado — Editor
Coimbra.

UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES



40.11

À Esquina

FIALHO D'ALMEIDA

À Esquina

(JORNAL DUM VAGABUNDO)



COIMBRA

F. FRANÇA AMADO — EDITOR

1903

869.8

F438a

63-298703

Autobiografia



EU

SNR. DIRECTOR DA *R* . . .

Faz V. a honra de pedir algumas linhas d'autobiografia a um individuo que precisamente se orgulha de não ter historia, e de pôr em difficuldades d'orgulho um intransigente acusado de jámais ter feito campo á mediocridade do seu tempo. O ardil é habil, mas não seja eu quem no aproveite para falar *cubierto* aos seus leitores. Persuado-me tambem que á posteridade pouco se dará que eu tenha nascido em Villa de Frades, no largo da Misericordia, numa casinha de taipa construida por pedreiros da minha gente, e que haja sido meu pae, mestre-escola da terra, e typo de santo austero numa alma de sonhador sempre calado, quem protegesse e dirigisse os rudimentos da minha

educação. E' costume, tratando-se dum homem de penna, especificar, nesta altura da historia, a sua vocação precoce para as letras, mas a verdade é que eu, até entrar no Collegio Europeu, ao Conde Barão, em 66, só me senti com vocação para sezões. Fui bom estudante sempre, e uma creaturinha triste e socegada — duas razões que acumuladas com a de meu pae nunca vir da provincia, visitar-me, e de por sua pobreza não poder mandar presentes bons ao director, me valeram cinco annos de privações e de maus tratos, e uma resistencia aparentemente submissa e timida d'orgulho, que pela vida fóra tem sido a minha bella independencia e a minha força. Em 72 deixei o collegio, porque a nossa situação pecuniaria, em vez de melhorar, tendia a decahir, e ahi vou eu apodrecer numa botica, sete annos, uma botica que era a projecção agravada da existencia do collegio, com uma enclausura mais rude, uma fadiga phisica mais forte, e peorias consideraveis de tratamento e convivio, de que

ainda hoje me não posso lembrar sem ranger os dentes de despeito. A botica para mim teve a vantagem de me pôr em contacto absoluto com o povo, de me mostrar a existencia dos bairros pobres, numa cidade onde o operario envelhece sem a menor ideia de conforto, e cumulativamente ensinou-me o manuseio e preparo dos venenos, arte de que me tenho servido com exito para rebentar diversos ratazanas. Durante esses sete annos d'emplastos e de pilulas, ninguem pode imaginar os tormentos que eu passei. Davam-me tres horas aos domingos para oxigenar os pulmões cançados de respirar fedentinas de drogas e hervas podres; a minha alimentação era uma berundanga que sobrava do jantar da familia do patrão, e que mal poderei comparar, como nutriencia e aspecto, ás mais asquerosas pastas que os soldados distribuem nos quartéis, á pobralhada. Dormia num caci-fro de seis palmos de largo, por vinte de comprido e dez d'altura, numa enxerga metida numa especie de gaveta, que pela

manhã reentrava na parede, e da qual tanta vez pedi a Deus me talhasse caixão onde acabar meus grotescos males por uma vez. A baiuca onde eu praticava, era tão velha, infecta, escura e desornada, que ainda hoje me surprehendo da triumphancia vital deste arcabouço, que poude resistir sete annos áquelle inferno de ratos, pias rotas, miseria alimenticia e rações d'unguentos pre-historicos. A's oito horas da noite começavam a entrar os da palestra; armava-se uma conversinha pulada sobre os casos do bairro e da politica: havia o gracioso, o sensato, o espirito inventivo, o intransigente e o erudito, que soadas as onze, depois de se terem envenenado tres horas do azedume dos seus ordenados famelicos e dos seus azares de familia embirrativos, debandavam aos pares, erguendo as golas dos fraques, e concordando em que não havia senão ladrões neste paiz. O meu desforço foi por áquelle tempo uma creada que servia um fidalgo, por cima da botica, e que me consolava as tristezas enviando-me

mimos de cabelo, e confessando-me, por uma frincha da porta, coitada, que nunca encontrára um « amor de rapaz » mais dedicado. Pagou-me essa dedicação indo viver com um barbeiro do largo do Mitelo, homem frascario e facil, quasi tropego, que acumulava o mister capilar, com ess'outro, não menos unctuoso, d'ajudar á missa o padre da Bemposta. Este barbeiro-sachrista, era ciumento, e tendo mobilado a boca, para a cerimonia nupcial, com alguns dentes postiços, foi a exigir, num acesso de zelos, que a rapariga em testemunho d'amor lh'os engulisse. Esteve á morte, e por precaução nunca mais a frequentei — do que lhe peço aqui desculpa, caso ainda viva, a espevitada, com os dentes a esmo na barriga.

Esta residencia entre drogas, estragou-me a saude, e alem doutros achaques d'espírito e de corpo, incutiu-me uma tendencia morbida para as letras. Gastei sete annos a percorrer todos os logares comuns dos escritores nacionaes, de 1830 para cá, e a matar o tedio desta leitura

com romances de cadernetas, e pequenos ensaios literarios de fabrica propria, para os jornaes de provincia, onde a petulancia das minhas asneiras me acarretou, por Leiria e Vizeu, fóros de escritorinho esperançoso. Minavam-me o tédio e uma ancia de liberdade insaciavel, e alcancei que me deixassem ir findar os preparatorios do lyceu, findos os quaes, ao matricular-me na Escola Polytechnica, o fallecimento de meu pae me obrigou a abandonar botica e estudos, para ir acudir ao bem estar dos meus, ameaçado terrivelmente por aquella morte, que nos deixava ás portas da miseria.

Por lá estive um anno inteiro, e tornando no seguinte, por ahi fóra vim vindo, té ultimar o curso medico. Como vivi todo esse tempo? Dos recursos do pouco que minha pobre mãe podia dar-me, dalguma colaboração avulsa por dictionarios e pequenas folhas literarias, e enfim de lições que fui dando, á hora em que os meus condiscipulos folgavam, descuidosos, felizes, bem comidos, bem vestidos,

ignorando o martyrio do pão ganho aos patacos, e os prodigios d'energia heroica consumida a vencer economias de cigarros e de ceias, e a desaparecer enfim de toda a parte onde o « successo tem praça », e poderia ser notado o nosso casaco velho, o nosso cabelo crescido, e as nossas botas roídas nos tacões. Vencidos os cursos scientificos, em vez de seguir, como os meus condiscipulos, nas facilidades profissionais que elles fomentam, cometti a tollice de me lançar na vida literaria, de querer viver por uma penna donde continuamente espirravam revoltas, e que fatalmente havia de me agravar as dificuldades do caminho. Tendo escrito desde então, cerca de mil e trezentas paginas por anno, o que representa uma actividade rara num paiz onde a bagagem literaria é um livro de versinhos e meia duzia d'artigos laudatorios, apenas consegui na opinião de muitos dos meus contemporaneos « arranjados », a reputação dum desequilibrado indolente, que arma á sensação por via do galicismo, e a dum

presador colerico, prohibido do successo pelo mau séstro de não poder ser lido por senhoras. Dos resultados materiaes do meu trabalho acerrimo, baste a V. saber que nem lógro auferir da penna o sustento necessario, ganhando menos que um carpinteiro ou um pedreiro, e tendo de resignar os meus gastos a condições de parcimonia de que só eu sei o mysterio, e perante as quaes forçoso me foi abdicar de todas as aspirações e vanglorias que entram por meio na confeção da alegria, e são neste mundo o factor principal da felicidade. Basta-lhe um facto. Tenho publicado até hoje seis volumes de contos e *bluettes*, cujas materias somadas prefazem alguma coiza como *mil novecentas e oitenta e tantas paginas* compactas. Quer V. saber quanto me deram os editores por toda esta bagagem? *Seiscentos mil réis*. O que representa uma paga a tres tostões por pagina, menos da metade do salario do mais reles e ignaro traductor de Ponson du Terrail ou Xavier de Montépin.

•

Ahi tem V. pouco mais ou menos a historia do homem de letras que alguns criticos teem apodado de vaidoso, e topicos mais que necessarios para a interpretação razonada da minha mysantropia e essencia literaria. Está vendo lá donde procedem algumas das sensibilidades especiaes que melhor ou peor contem a minha prosa: o sentimento da paysagem, nascido da minha origem d'aldeão contemplador; as predileções por assumptos humildes, inspiradas numa longa e quasi exclusiva convivencia entre as classes chamadas infimas; e enfim todas as minhas sedes asperas de justiça, reação natural da minha indole singela contra os despotismos duma sociedade que durante annos a trouxe enrodilhada nos pés continuamente. Quinze annos deste regimen, escravo de quantos obstaculos a pobreza e o orgulho põem nos rails duma vida laboriosa e continuamente orientada na evitação dos faceis triunfos, das lisonjas pulhas e das recompensas servilmente obtidas no desprezível mister de engraxa-

dor, se por um lado me teem mostrado a inutilidade material e moral de toda a especie de protesto isolado, deixaram-me vêr, por outro, na convivencia de milhares d'individuos de todas as categorias e de todas as especies, a porção comum de velhacaria e de baixeza que quasi todos elles precisaram desenvolver para installar na vida o seu talher. A muito poucos dos que ahi estão hoje elevados, e que passaram por mim nas redações dos jornaes, nos atrios das escolas e nas mezas dos cafés, invejaria um momento a historia ascencional, porque a gloriola ganha sem trabalho, espatifa-se em bagatelas, como o dinheiro do jogo, sem de si propulsionar senão defeitos.

Tornando ás letras, os meus proprios amigos reparam no character fragmentario dos meus escritos, e os mais ferozes me accusam d'intrometer fêzes humanas nas tintas duma paleta onde só deveriam esmair suavemente as côres do espectro. O primeiro ponto é bem notado, e eu mesmo me entristeço de até á hora pre-

sente não ter senão uma efemera bagagem de historietas d'espuma e artigos « mais ou menos verrineiros ». Pouco importa que essa obra faça o melhor de cinco ou seis mil paginas, e represente a fadiga de mais de quinze annos de nervos excitados. O publico entre nós não divisa senão fabricantes de grandes calha-maços (criterio natural num paiz onde a leitura é toda de lombadas), e mesmo que eu fizesse naquelles pobres bocados, maravilhas, passaria sempre por um chronista aguado das futilidades mansas do meu tempo. Resignar-me-hei calado ao *verdictum*, tanto mais sendo elle, quasi por completo, verdadeiro, mas explicando sempre que quem não aufere, como eu, dinheiros do Estado, e tem de ganhar o seu pão dia por dia, não pode senão produzir minuscularias literarias, obrinhas de facil curso, pagas aos quinze tostões, Deus sabe quando, e escritas sabe Deus em que disposições de cabeça e de barriga! A cada instante abordam-me os ingenuos — mas porque não escreve você um livro

inteiro? um grande romance, um grande quadro critico?...

Imaginam que esses trabalhos se abordam com a inconsequencia e a rapidez de vinte ou trinta paginas; mal comprehendem que sejam precisos longos mezes d'estudo, annos de concentraçãõ, paciencias benedictinas de factura; e durante todo esse tempo quem é que garante ao desprovido escritor, o passadio, e depois da obra feita, quanto dá por ella o editor, ou mesmo quem é que a edita, não havendo em Portugal senão tresentas pessoas capazes de pagar até seis tostões por exemplar?

A linguagem plebea agora, e os termos « sujos ». Quem percorre a maior parte dos livros portuguezes escritos nos ultimos quinze annos, abysmado fica da falta d'interesse inherente a quasi todos, e da estulta preocupação que leva os auctores a escreverem em « estylo nobre », isto é, numa algaravia convencional, bosselada de rhetorica, eivada d'incidentes, imagens sédiças, phrases feitas, atravez de cujo

urdimento a attenção dos leitores se es-falfa, resultando a convicção de que uma tal literatura é apenas intrujice de duzia e meia d'espíritos pàlavrosos, ermos de gosto, sem ideaes nem experiencia do officio, e que quando muito aprenderiam nas aulas de portuguez a syntaxe dos escritos fradescos que lá é costume apon-tar como mananciaes d'inspiração literaria genuina. Imagina-se em geral que todo o fiel patife, poeta ou prozador, capaz d'ar-reglar sobre o papel, daquellas estopadas, fica *ipso facto* sagrado artista e homem de letras, e ninguem perscruta a razão porque, devendo ser a phrase literaria a expres-são fotografica, instantanea, das ideias, escritor que tenha obscuro e superfluo o estylo, é que certamente carece de lim-pidez nas figurações ou doutrinas que esse estylo é chamado a visionar. As obscuri-dades de vocabulario pois, os torcicollos de phrase, as arborencias excessivamente complexas do periodo, longe de creditarem o talento pictural do escritor, devem ao contrario sobreavisar-nos quanto ao pe-

queno peso e nenhum feitio da sua bagagem psychologica. Desta vacuidade cerebral hypocrisiada de retorica, que ha vinte annos tem sido a literatura artistica do paiz, resultou em primeiro logar a depravação do gosto publico, e em segundo a indiferença gradual, hoje completa, desse mesmo publico por todos os que fazem em Portugal a profissão de homens de letras. A decadencia é tal, que o estylo em que é uso escrever-se, só é bom quando não exprime coisa alguma, e constar duma serie de logares comuns piégas, amanteticos, que leitura finda, valem ao plumitivo a reputação de literatejar « de luva branca ». Ninguem comprehende a necessidade que ha d'escrever como se pensa e como se fala, limpido, claro, brutal, simples e certo, vehemente ou placido segundo o veio d'agua do assumpto, precipitado ou espraiado, consoante o temperamento emotivo de quem escreve, e sincero sempre, arrancado d'alma, e empregando como Shakespeare diz, para a peor ideia, a peor palavra —

venho a dizer, a mais cruel, que é quasi sempre a mais pictural e a mais persuasiva.

Um dos verdadeiros predcados do escriptor é saber elle destrinçar, na variedade de tantos milhares de formas literarias, qual seja propria para exprimir fielmente um certo assumpto. Latino Coelho, a quando folhetinista, não sei onde, teve o mau séstro de tratar em periodos largos, estylo d'elogio historico, os successos humoristicos ou chalros da semana, e não se imagina o desastre que isso foi! Conhecem uma narração de viagem, de Herculano, á volta do exilio, que vem, me parece, nas *Lendas e Narrativas*? Por qui, por lem, tenta o escriptor ferir seus pontos de humorismo, mas o estylo duro do historiador contrahe-lhe o rictus da boca em carantonha, e a gente cuida vêr um mastodonte a detalhar *couplets* velhacos da Judic. Ter o estylo proprio dos seus assumptos é achar para cada genero de literatura uma prosodia propria e uma syntaxe; o estylo desarticulado e curto

para as narrativas contemporaneas; o estylo colante, sobrio, mas orchestral, para as narrativas d'assumpto antigo, onde o effeito rezide na erudição da côr e na pompa sylabar; o estylo limpido e leve para os descriptivos de paysagem; gravativo e largo nos elogios dos grandes homens; cortado em zig-zag, aberto ao ar, para os assumptos humoristicos; e para os de satyra silvando entre imprecações e gargalhadas. Gosto pouco de fazer applicações doutrinaes a coisas minhas, mas não deixarei por isso de chamar o criterio de V. para a intuição que sempre me tem guiado os passos neste campo. Se V. percorrer os voluminhos de romance e narração que publiquei, reconhecerá que eu sou um dos rarissimos escrevinhadores portuguezes em cuja obra o *assumpto é que dicta o estylo*, ao contrario dos mais, e onde a propriedade da expressão muitas vezes impele a penna ao exagero de vocabulos que mais gravativamente exprimam as ficções taes como o meu espirito as vê na occasião. Tome V. da minha obra,

tres especimens de prosa impressionista : a prosa de romance e descripção, a prosa d'artigo critico, e a prosa satyrica... ; e tendo-os comparado intimamente, dir-me-ha depois se algum destes bocados se parece, e se não houve da minha parte, ao tracejal-os, uma comprehensão das afinidades que prendem a qualidade especial do pensamento, á tessitura escrita da expressão. Por consequencia se eu vejo que a primeira aptidão profissional dum homem de letras é fazer ás ideias a *toilette* d'estylo que melhor lhes vae, se eu por exemplo tenho para descrever o campo, um vocabulario especial e rythmos proprios, e outro vocabulario e outro rythmo para contar por exemplo as desgraças dum mendigo, e successivamente assim té aos assumptos onde a ironia se transforma em chicote e a indignação chufa da boca as insolencias grosseiras do desprezo, como é que os meus censores exigem que eu escreva em estylo nobre, se muitos dos meus assumptos dos *Gatos* são trazidos a publico numa inten-

ção de satyra candente, e se da propria torpeza delles brotam a deleteria tessitura e o estylo mal creado e por vezes obsceno das objurgatorias com que os trato? Não querem entender esses asnos que a linguagem de pamphleto não se fez para pessoas sexuaes, e que a unica formula jornalistica capaz de, á hora presente, ferir fundo, deve ser aquella que esbofetee a hypocrisia infame da sociedade egoista e siphilitica que nos cerca.

Rochefort por exemplo estava servido, se para demolir o imperio na *Lanterne* empregasse a proza do chronista nacional Alberto Braga. Argumentam-me depois co'a pudicicia alvorotada das madamas, o que me obriga a dizer que o madamismo nacional tem do pudor uma postixa e tola ideação. Na literatura, princezas, não ha nem pode haver palavras sujas. O que ha é assumptos sujos, assumptos pulhas, deleterios assumptos, que os escritores não inventam, e fazem parte do dia a dia da cidade, assumptos enfim de que a linguagem escrita é apenas o impreter-

rivel signal graphico. Consequentemente o pudor feminino tem apenas, como meio d'impedir que os pamphletarios escrevam plebeïsmos, o evitar que a sociedade seja menos torpe, e os seus maridos e irmãos menos canalhas.

À Esquina

EM COIMBRA — RECITAS D'ESTUDANTES

Na velha universidade de Coimbra ha o costume de se solemnisarem as formaturas do curso de direito, com uma especie de farça, onde os estudantes do ultimo anno, ao mesmo tempo autores e actores, logram dar traças, já livres da ferula, á sua veia comica e satyrica.

Ignoro se esta sorte de representações burlescas deriva estrictamente, na correnteza dos seculos, de tradições litterarias appensas áquelle grande instituto nacional; porque á uma, a historia da universidade de Coimbra não está feita; e á outra, attento o regimen jezuitico da casa, taes espectaculos, fazendo para assim dizer notula á parte, não mereceram traslados nos archivos onde a vida dos academicos não consta além do registro de matricula, e algumas notas d'anno, estenographadas em lingua secca e burocratica.

E' porém natural e quasi certo, que semelhantes festas, de longa cifra tenham existido e

servido para realçar o ouro de certas datas, visto a organização da universidade e suas successivas remodelações, reflectirem, par e passo, as dos estabelecimentos estrangeiros, parallelos, e haver na chronica destes, menção jovial de representações e tertulias apadrinhadas pela respectiva regra interna.

Em todos os tempos, a contemplatividade portugueza só inventou quando não havia mais donde imitar; e assim na constituição dos estudos, foi tudo, desde as minuciosas linhas dos programmas, té aos pequeninos detalhes da policia interna dos *collegios*, e rigores clericaes da fatiota e da etiqueta. A véste clerical, por exemplo, que era a tóga dos antigos philosophos, adoptada pela igreja, conservou-se nos claustros da universidade portugueza, como imitação d'outras, estrangeiras, e em canções satyricas do Cancioneiro da Vaticana, lá vem menção do trajo ao uso de Montpellier, dos escolares do tempo de D. Diniz.

« Mais vejo-lh'i capello d'Ultramar,
e traj'al uso bem de Mompilhér ... »

Encontro em um livro de Paul Bourget, sobre as universidades de Oxford, menção graciosa d'uma especie de saráo de quintanistas, em cujas desenvoltas linhas geraes presinto a tradição medieval d'uma aberta de chalaça interrompendo a gravidade cathedratica, e

dando ao estudante a sua hora de reprezalia faceta sobre os lentes. E' na festa annual, *commemoration*, em honra dos humanistas, no theatro academico, *Sheldoniain theatre*, com assistencia de lentes e familias, para entrega, aos que findaram o curso, dos respectivos diplomas de doutor. « O aspecto exterior do edificio, em retunda, escreve Bourget, singularrisa-se ainda por uma ordem semi-circular de bustos colossaes — caricaturas de pedra, que uns dizem representar Cesares de Roma, e outros, sabios illustres da mãe Grecia. Interiormente, desenrola-se uma galeria, contornada de balcão, onde a pragmatica manda permanecer sempre de pé. Na extremidade do balcão, um estrado, e duas tribunas analogas a pulpitos d'igreja, altas, de dois metros, e destinadas a pedestaes d'eloquencia.

« A's onze da manhã, balcões e galerias, começam a ser invadidos de gentana, e fica sómente vasio o estrado onde devem tomar logar as mulheres dos dignitarios d'Oxford, e os convidados d'estes, reservando-se poltronas para o vice-cancelario e os assessores. Reclama o uso, que os estudantes, dessiminados nas partes superiores da galeria, lancem a proposito do menor incidente, exclamações de todas as sortes. A uma dama d'amarello, que vai tomar logar no estrado, « tres animações á de amarello! » grita uma vóz do gallinheiro; e tres hurrahs

expludem, lançados por centenas de pulmões. « — Mais tres pela cunhada do viuvo ! » diz outra vóz, fazendo allusão a um projecto de lei, recente, autorizando o casamento entre o viuvo e a irmã da morta. Hurrahs de novo, ao som da vóz propondo agora « tres animações ao Dr. N. ! »

« O Dr. N. é um bom velho jovial, meio decrepito, que se demóra de mais co'os periodicos, no *Club Union*, e que os estudantes accusam, de na sala de leitura, se deixar dormir, em vêz de ler. Figura no estrado em vestuario de professor, mas isso não impedirá que de quarto em quarto de hora, durante todo o tempo da cerimonia, a endiabrada vóz lance o foguete de « lá se deixou dormir outra vez o Dr. N. ! », que faz estalar a sala em acclamações. Vai assim uma ondulação de clamores e de dichotes, té que o órgão começa o *God save the queen*, e os bedeis, com suas massas de prata, afastam a multidão para dar passagem ao vice-cancelario, em grande gala, e ao seu cortejo. Nem por isso os hurrahs adormecem, senão tomam objecto p̃reciso, sendo todos os altos personagens do cortejo, acclamados, uns tráz d'outros, emquanto do alto do logar da presidencia começa o vice-cancelario uma arenga em latinório. A vóz delle é sem cessar mordida dos ápartes que vêm dos quatro cantos da sala, e levantam nos espectadores, tempestades de

risadas. Dir-se-hia um *meeting* politico, se não fôra a cordialidade respirada na communhão galhofeira de tantas bôccas juvenis. Nem o vice-cancelario pensa em se zangar contra os ápartes, nem os trocistas têm por um momento a idéia de lhe ser desagradaveis... Acabada a parlenda, é occasião de serem *recebidos* os estrangeiros a quem a universidade confere est'anno, diplomas honoríficos — sem duvida foi destas cerimonias que Molière troçou, na recepção fantasista do *Malade*.

« Os futuros doutores são conduzidos em par do estrado, e levam ao hombro a toga negra, com o signal de seda escarlate. O introductor faz de cada qual, o elogio, latino, concluindo por que o candidato deva ser admittido ao doutorado — *honoris causa*. Responde-lhe com o *dignus est entrare*, o vice-cancelario, o qual termina por um *honoris causa*, que toda a sala repete; e vai o novo membro da universidade assentar-se n'um banco reservado, enquanto, a julgar pelo charivari dos insurrectos, « o Dr. N. ronca de novo... » Mas já outra voz, grave e mui forte, a do *orador publico*, dobra em latim a oração dos mortos illustres da universidade, esse anno; dois laureados se lhe seguem a lêr publicamente algumas paginas dos « ensaios » coroados nos concursos: *Vida das universidades na Idade Média, Commercio marítimo da Inglaterra*, etc.

« Se desta vez « o dr. N. está a roncar », conforme pretendem ainda alguns graciosos do paraíso, é que o bom velho é mouco, tanto os applausos e os berros sobreexcitam o theatro em convulsões. Uma chuva de flechas de papel cae das alturas. E a violenta jovialidade physica, transparece e espadana livremente, cortando os versos latinos, gregos e inglezes, que outros laureados recitam, com ademanes doutoraes ... »

Tal é nas universidades inglezas o estado actual das festas solemnes d'estudantes, e prevê-se que ellas obedeçam á tradição que as fixou nos claustros academicos, e, dada a inamovibilidade do praxismo inglez, as trouxe até nós, muito pouco ou quasi nada deturpadas. Com a necessidade oratoria, organica, do exaggero, que é nos meridionaes lei de conducta, deviam essas diversões revestir por cá uma especie de debordante jogralidade, ávida, como é nosso costume, de satyras sangrentas, de grossas allusões visando ao pessoal, e tanto mais crua, quanto mais ferreo o despotismo disciplinar estatuido, do professor sobre o rapaz.

Em todas as corporações e instituições da Edade Média se acham vestigios desta bonhomia singular de se conceder aos humildes, o seu dia de desforço, pela irreverencia e pelo escarneio. Eram os barões feudaes, senhores de força e

cutello, e com auctoridade despotica sobre o burgo, servindo n'um certo dia, como lacaios, os proprios servos, e deixando-se apupar e descompor no meio das gargalhadas da canalha. Os reis mais duros, ouvindo nos anniversarios celebres, pela bôcca dos foliões, verdades terriveis, que lhes mandavam os poetas do descaramento das farças, mal embrulhadas, como em Gil Vicente, na rocambozeria d'uma efabulação pouco illudente.

A propria Igreja, de lithurgias tão asperas e apotheoses fanaticas tão bisonhas, abrindo as naves á representação dos autos desbocados, e deixando entrar, na festa do papa doido, procissões de bebedos e rameiras, tocando latas, e conduzindo em triumpho um parvo, ás ecar-ranchas n'um asno, e com uma tiara de papel sobre a cabeça. No respeitante á universidade portugueza, o que nestas bambóchas de vinte e quatro horas, de vivo houvesse, em tempo antigo, o tempo devorou-o (ou não o conheço eu, o que é mais certo); mas pelo que se sabe de similar na chronica paralella, é de prever que ellas não andassem longe do que Bourget nos conta, relativo ás universidades d'Inglaterra.

Em 1553, Coimbra desfructava o seu maior esplendor scientifico e litterario. D. João III contratára, por mediania do Dr. André de Gouveia, principal do Collegio de Santa Barbara em Paris, dos mais celebres professores das

universidades européas, que vieram ao Mondego, leccionar artes, mathematica, rhetorica, humanidades e linguas, reformando-se logo os collegios que havia, e fundando-se outros, com desusado luxo e ordenação. Já muito antes a nossa universidade se tornára fóco de litteratura, algo luzente, illustrado por Sá de Miranda em 1527 (*), por Camões em 1538, e em 1553 pelo Dr. Antonio Ferreira, á volta de quem, jungidos, os novos levantaram a poesia nacional do seculo xvi.

Com a vinda dos lentes estrangeiros, e especialmente dos francezes, fez-se a vida escolar fraterna e muito docil; estudantes e lentes privavam commumente, participando dos mesmos conclaves, e entretendo os ocios com jogos flo-raes e discussões. Ia longe o tempo da fidalguia obcecada pelo esclusivo amor das ladroeiras coloniaes, que verbéra Camões no canto v dos Luziadas:

« Mas o peor que tudo he, que a ventura
Tão asperos os fez, e tão austeros,
Tão rudos, e de engenho tão remisso ... »


André de Rezende, na oração de sapiencia de 1534, recitada na universidade, annuncia o

(*) Em 1526, estando D. João III e a côrte em Coimbra, fugindo á peste de Lisboa, representaram-se no paço real, seis farças novas de Gil Vicente, que residia então em Santarem.

movimento scientifico da Renascença, concitando a mocidade portugueza a impulsional-o, e agora que decahia a conquista, com os mesmos filhos dos lettrados e riço-homens, os dos principes, vinham ao Mondego adorar Minerva e as nove irmãs (*). As representações scenicas que costumavam dar lustre ás datas graves da universidade, com a revoada estrangeira, alcançam como que um novo tom de alta cultura, e as peças theatraes dos academicos são o sphymometro por onde aferir d'ahi em diante as sympathias ou antipathias escolares em bellas-letras. Até li campear a que chamariamos o theatro portuguez da Edade-Média: alguma tragedia de Seneca em latim, alguma lambida paródia aos *mysterios* francezes e castelhanos... Mas apparecem os *Estrangeiros* e o *Vilhalpandos* de Sá de Miranda, resabendo, certo, ainda ás reminiscencias latinas de Terencio e Plauto, mas já com uma tintura moderna, italiana; apparecem os *Amphitriões* de Camões, em redondilha popular, representados em não sei que festa universitaria, lingua tersissima, humor plebeu tunante, directa inspiração dos

(*) O prior do Crato, D. Antonio, filho do infante D. Luiz, estudou em Coimbra, no collegio do mosteiro de Santa Cruz, e o mesmo succedeu aos filhos do duque de Bragança, D. Theodosio, um dos quaes, Theotonio, arcebispo em Evora, sendo o outro D. Prior de Guimarães.

autos de cordel de Gil Vicente, — « comedia, diz o Sr. Theophilo Braga, que só se explica como reacção turbulenta de escola, que chasqueava por esse modo das coisas em que os graves doutores queriam ainda misturar o ensino » — apparece o *Bristo*, de Antonio Ferreira, o amigo dilecto e o camarada litterario do professor estrangeiro Diogo de Teive, representada por academicos a quando as festas nupciaes do principe D. João, comedia a seu turno de reacção contra Camões, e aspirando á renovação classica dos francezes; e finalmente, quando já a pleiade *quinhentista* rutila na plena gloria d'uma restauração litteraria abundantissima, eis a *Eufrosina*, do cortezão Jorge Ferreira, a *primeira comedia portugueza escripta em prosa*, e reflectindo o genio hespanhol da *Celestina*, de Rozas. O que seriam, nesta época de plethora intellectual coimbrã, dada a camaradagem jovial de mestres e discipulos, taes representações, mirando de mais a mais demolições e vindictas litterarias, julgue-o o frequentador das nossas primeiras récitas de D. Maria, quando os passionaes do gallinheiro e da platéa, rubros se engalfinham, a proposito da traça d'uma peça, e da estupidez ou talento de um autor. Em 1551, acabando o prior do Crato de cursar philosophia e metaphysica, seu pai, D. Luiz, solicitou do geral de Santa Cruz o gráo de bacharel em artes para o moço; e concedido, houve no



claustro representação da tragedia do *Gigante Golias*, por collegas. A tragedia era em latim, com córos e « musica mui suave »; mas tal caçoada foi essa noite de theatro, que ficou da récita a palavra *goliardo* (frascario, rufião), rememorativa das tropelias que a rapaziada por lá fez.

Quando D. João III entrega aos jesuitas o ensino, depondo o cordeal Diogo de Teive, e encarregando á grammatica do padre Manoel Alvares, a missão de bestificar as intelligencias, o divorcio da familia estudiosa pronuncia-se, categorisando-se os lentes por fôrma a separarem-se da bohemia familiar c'os seus discipulos; e esta separação, trazendo a perda da confiança, e quebrando a fraternidade commum dos ideaes e das tendencias, interdiz a amisade entre os dois grupos; e o lente faz-se uma especie d'idolo despotico, que o estudante acata, *pro forma*, e de cuja pedanteria se desforça, pelo chasco. Escapa-me a chronica theatral da universidade até á fundação do theatro Academico, em 52, pleno constitucionalismo; nem tampouco eu poderia aqui espalmar-a, já por ser longa, já porque n'um simples folhetinista diriam mal pretensões de historiador. Sei só que era já velho o costume de se solemnisar o terminus do curso com uma récita de escolares, e que havia na rua da Mathematica uma antiga

casa de aluguel, onde, nos começos de julho, se carpintejava proscenio para a peça, estando para se representar ahi o *Catóo*, de Garret, o *Leitãozinho*, quando o bispo conde D. Francisco de Lemos, farejando-lhe tendencias jacobinas, mandou fechar a casa, e prohibir assim todas as récitas. Desde 182 ... até 52, não houve theatro, ou raras vezes, que as anciedades libertárias da juventude, por aquelles calamitosos tempos, compraziam-se mais na acção, do que nas fantasmagorias plumitivas. A' geração de Garret, succedera a dos seus exagerados sacristães, os ultra-romanticos, e a obsessão medieval roia o estro desses meninos de côro universitarios, João de Lemos, Rodrigues Cordeiro, Thomaz Ribeiro, etc.; até que a geração de Anthero do Quental e de Queiroz, fez morder á litteratura universitaria, um novo freio. Continuava a thronar na universidade o regimen encarcerante de Pombal, ultimo reformador da casa, tanto monta dizer que o divorcio entre estudantes e lentes, proseguia, e prosegue, encontrando-se apenas nas aulas, exigindo estes á entrada o tradicional desbarretamento, e perseguindo aquelles até ao ponto de fazerem intervir nas notas do curso, os mais insignificantes e mexericados detalhes da vida particular.

Em 1862 o lente de theologia *Marmelada*, ex-frade cruzio, rapozou sinistramente um *urso*, ou premiado, que se apresentára ao exame, de

buço. Antes do acto, como ainda hoje, os estudantes ouviam missa e commungavam, pronunciando apóz, deante do jury, uma oração latina em que juravam defender o mysterio da Immaculada Conceição.

Certos habitos de conforto eram incursos nos delictos; lavar os pés passava por vaidade; e depois de correr a *cabra*, ás sete horas, em vespera d'aula, estudante apanhado na rua, compromettia-se no espirito do lente, e tinha uma nota suspeita no caderno.

A este apartamento profundo entre as duas forças vivas da universidade, estudantes e mestres, por via do chamado *fôro privado* pombalino, que até creára um tribunal para julgar os delictos intra e extra-escolares, correspondia de cada banda, uma ignominia cerebral e moral, desoladoras para ambas. « Na classe academica, diz o Sr. Theophilo Braga, as inspirações intellectuaes estavam substituidas pela monomania anachronica da valentia; as praxes da troça escolar estavam no seu vigor medieval; os lentes, por uma boçalidade quasi geral, forneciam as anedoctas para o pabulo do cavaco, e o calão conimbricense da *cabula* e *d'andar á lebre*, era a expressão real da vida estudiosa. Nesta epoca de desalento profundo é que se produziu a *apathia physica* e moral que estragou as gerações academicas que vieram encher as secretarias, ou se deixaram annullar em uma imbecil

inactividade provinciana. » Desde 1820, que emquanto os estudantes eram jacobinos, românticos e atheus, os professores permaneciam quasi todos miguelistas e ferrenhamente classicos e catholicos. A evolução do tempo de Theophilo e d'Anthero mostra os segundos parádos no mesmo sitio, ao passo que os primeiros evoludem rapidamente, de germanistas ideologos, para positivistas, de Lamartine para Flaubert, e em materia religiosa substituem Deus por uma especie de physiologia cega e invariavel. A actividade litteraria mostra o horror da acção lançando a fantasia em soliloquios poeticos e discursos sentimentaes, pouco abundantes em chorume, de que o chamado *estyllo coimbrão* dá documentos deploraveis. De sorte que as récitas academicas, reflexo deste estado apathico, nada fornecem por onde assignalar migalha de vitalidade artistica registravel. A academia representava farças d'ocasião, garatujadas á pressa, sobre as parvoíces do anno, ou punha em scena dramas de individuos estranhos á casa, e servindo para os comicos botarem namoro ás meninas catitas da cidade. No inverno de 1865 a 1866, estando já Anthero do Quental formado em direito, começou a celebre batalha chamada *reacção coimbrã*, provocada pela carta daquelle contra o velho Castilho, que mantinha em Lisboa uma especie de papado litterario, ridiculissimo. Esta conhecida questão

deu de si quarenta e oito pamphletos de descomponenda pessoal, muito irritante, terminando pelo duelo d'Anthero com Ramalho Ortigão, na Arca d'Agua, ao pé do Porto, sem maiormente assignalar vindictas d'idéas, ou corrigir o cahotico charivari das coisas litterarias.

Havia em Coimbra novamente uma certa exuberancia, de que ficaram começos d'edificios muito bellos, uma escola de poesia que deu o lyrismo camoniano de João de Deus e Anthero do Quental, e a poesia philosophica, parnasiana e satanica de Theophilo Braga, Gonçalves Crespo, Junqueiro e João Penha; e nos dominios da critica, da narrativa e da fantasia, ou logo ou tarde, os escriptos em prosa de Theophilo e d'Anthero, d'Alvaro do Carvalho, Eça de Queiroz e mais alguns. Estado do theatro academico, nesse tempo? O mesmo dito para a geração anterior. Com os tirocinios oratorios do club e das palestras, os estudantes tomavam gosto ás declamações publicas, do que se aproveitavam para *botar gallinha ás nimphas*, ou recommendar-se ás pescas dos partidos e dos politicões parlamentares sem partidarios. A vadiagem das imaginações, procedendo do fundo d'irresponsabilidade inherente a creaturas que ainda não ganhavam a vida, e pensavam sob um digesto alheio ao proprio espirito, tornava porém esses academicos incapazes de fazer na dramaturgia, obra de geito, pois uma

comedia ou drama, é uma obra complexa, com uma logica de linguagem, de caracteres e d'acção, só abordavel a escriptores disciplinados e batidos — donde provinha que os academicos, inhabeis para a confecção d'obras de theatro, eram todavia habilissimos para as desempenhar sobre o tablado. Em 1865 foi o drama *Resignação*, historico, e do estudante Theophilo Braga, em récita de quintanistas, fazendo Eça de Queiroz o typo protagonista do poeta Garção. O drama, já se vê, nada valia, mas quanto ao desempenho, magnifico, visto o cultivo oratorio dos escolares.

Em 69 foi em récita de quintanistas, a celebre farça, *Fabia*, borracheira medonha e desbocada, de Francisco Palha, que vivia em Lisboa, já velho, e passara por Coimbra bons trinta annos alem. Para lhe dar cunho local, intercalaram-na de biscoas decentes, coplas satyricas e allusões a typos e coisas comicas da cidade; e havia quatro ou cinco annos que a pobre alegre peça era o nariz de cêra dos espectaculos annuaes da universidade, o que prova, ou preguiça, ou inapetencia dos compositores escolares d'aquelle então.

Presentemente, muitos dos rigores claustraes da Universidade cahiram em desuso, e bem que o odio surdo entre a rapaziada e o corpo docente, subsista, comtudo uma especie de bonhomia desdenhosa mantem entre elles como

que um certo *modus vivendi*, a entreter de uns para outros, taes ou quaes apparencias de respeito. Os rudes e audaciosos ataques dos grupos de Anthero do Quental e Eduardo de Abreu, contra o fôro privado, escolhidos para epocas de festa publica — os da gente d'Anthero, a quando foi da desfeita dos estudantes ao reitor Basilio Alberto (*) em 1862; os de Eduardo de Abreu, a quando a inauguração do monumento a Camões, á Porta-Ferreira, em 1880, diante de toda a Coimbra universitaria e burocratica — machadaram muito esta perda de prestigio do regulamento pombalino, que punha a orgulhosa e livre mocidade portugueza sob o jugo medievo dum conselho de taquinhos pedagogos. Todos os vicios inherentes a um tal systema de servidão, subsistem ainda porem, fundamentaes, porque a universidade, reducto politico, ainda não tolerou ser reformada, e os processos d'ensino, na maioria das faculdades, insistem em desenvolver a memoria em detrimento das restantes seivas cerebraes — donde a instituição da chacota, para reagir á sujeição,

(*) Indo este a lêr, na sala dos capellos, uma solemne arenga, levantaram-se os estudantes e sahiram em massa, voltando-lhe as costas, o que motivou a destituição do ferocissimo funcionario. Por essa occasião foi publicado o manifesto d'Anthero, em nome da academia, contra o fôro privado, o qual produziu grande impressão.

e a da cabula, para evitar a *surménage* e a idiotia. A chacota é velha em Coimbra, veio com a fundação dos primeiros collegios, e foi a represalia natural, desde que, avistados o primeiro explicando com o primeiro pedagogo, ou o explicando estudou pouco, ou o pedagogo explicou mal. O respeito na vida intellectual, requer primeiro que tudo, o deslumbramento, e este não dura, porque a primeira coisa que fazemos cá em Portugal, nós outros que admiramos o saber e o talento d'outrem, é procurar descobrir nelle fraco por onde a admiração se comece a esvaír. O jugo dos semi-deuses irrita-nos como uma empalmação da nossa propria soberania.

Precisamos dum idolo por semana, e ainda vem longe a semana do idolo novo, já nos pomos a escavar no idolo velho. Isto pelo que respeita aos crentes: quanto aos idolos, uma vêz sentados no throno, cessam de fazer prodigios, aposentam-se no ripanso do culto, e de enviados lucidos da Ideia, eil-os tornados broncos manipansos. Assim, por exemplo, quantos grandes homens conheci eu, verdadeiramente possessos do turbilhão do genio, e que o primeiro triumpho imbecilisou na admiração dos louros offertados? No professorado, na politica, na arte, é quasi regra geral esta embasbacação d'illustres nas perfeições do proprio umbigo.

As cathedras de Coimbra regorgitam destes bonzos terrificos, de lunetas, provinciaes, praxistas, celebres uma geração, e na geração seguinte arremessados, como espantalhos inuteis da sciencia, e entraves ao livre ascenso das intelligencias juvenis. Para serem respeitados então, valem-se da força, e d'ahi a opposição tenaz da Universidade contra toda e qualquer especie de reformas, sem se lembrarem de que abaixo delles o povo inquieto dos escolares (como seja lei organica do mundo, os seres inuteis atrophiarem-se e morrerem) vae minando d'escarneo a disciplina scientifica, renegando as canceiras nobres do trabalho, e procurando emfim annullal-os por mil subterfugios e partidas, de que a consequencia ultima é uma dissolução profunda em quasi todos os ramos do ensino.

O que a ironia desses estudantes accumula, para deformar pelo comico as carrancas dos magisters, passando de geração em geração o speculo de caricaturas dissolventes, e enriquecendo-o e continuando-o, todos os dias, de kodaks novos, daria para extraordinarios volumes humoristicos, constituindo ella só um monumento litterario de reacção, inegalavel na historia das revoluções exangues do presente seculo. Esta ironia não é já simplesmente a fórmula garota do riso borbulhante em bôccas puras. Mistura-se-lhe uma concisa nota de

critica, já profunda, propria de cerebros cultos, onde a espaços direi também se infiltre um odio de subalternos humilhados, e esse ciume venenoso que têm sempre, pelos que gozam, os que trabalham. E' o que faz da cavaqueira academica uma das coisas mais alegremente bellas que ha gozar, e o que ainda individualisa pelo lado da intelligencia, essa turba mesclada de demonios pretos e ar descarado, donde é costume dizer-se que saem todas as forças psychicas dirigentes da nação. Pena se faz que uma tão rutila e estridente vivacidade collectiva, anonyma quasi, não tenha encontrado por Coimbra, chronista paciente que a registre, illuminando-a nas paginas dalgum diario ou livro testemunhal, sem commentarios. Por desfortuna dos Gaspaes Correias de tal chronica, os poucos que eu conheço, não lhe condensaram em papel o espirito typico, imprevisto, espontaneo, ou dissolveram-no em commentarios descabidos, ou fragmentaram-no, deturpando-o nos seus filões melhores de chasco e de risóta. De sorte que comparando essa estravagante massa d'alegria, que é a crepitação verde-dourada de duas ou tres mil independencias de vinte annos, reclusas numa pequena cidade, com o jogo mesquinho de qualquer obra escripta por estudantes, *verbi-gratia*, as farças do quintanismo, o espirito do espectador assombra-se e desola-se, visto a

descorrespondencia entre a anemia destas, e a plethora daquella, rebentando em cheias de invenção.

Isto quanto á interferencia da ironia na obra escripta, ou para o caso, nas peças theatraes do fim de curso. Mas estas obras, senão primando pela graça, deviam já sequer timbrar por Bellas-Lettras... o que nos leva a examinar tambem um pouco a feição litteraria do estudante, actualmente. E' complexa, confusa, artificial, sem valimento.

Não nasce dum cachão de temperamento, numa hora de sonho, como seria licito suppôr, nem exprime nenhuma das necessidades ou paixões da vida fantil; e quando não roja pelo estúpido, resume-se num decalco de leituras da moda, francezas do *boulevard*, em completo antagonismo com a natureza da raça e a essencia do meio social e natural que a circumtornam. A decadencia renunciada com as gerações que seguiram Junqueiro, resvalou té nós em completo estado de insania; Antonio Nobre, Alberto de Oliveira, João de Menezes, Madureira o terrivel, algo têm feito por sustentar de pé a velha tradição da Porta Ferrea; mas é já uma resurreição onde os excitantes da botica suprem o lugar do sangue rutilo, e onde se sente um pouco da lazeira cynica de quem não está pra se massar.

Abaixo e á roda destes, já as modalidades do esgoto nervoso ameaçam tornar a litteratura em depoimento de psychiatria criminal: os versos são balbuciações d'egotistas bichosos dos nervos sensoriaes, máos conductores, obtusos de percepção, sem dom d'analogias, nem intuição dos encantos celticos do mysterio, nem faculdades de visão imaginativa, bases essenciaes de toda a poesia: as prosas arremangam récuas de periodos, que pelo desconnexo parecem cortadas d'artigos estrangeiros, versando assumptos que não tivessem relação; reapparece numa palavra o *estyllo coimbrão*, de Vieira de Castro e Ayres de Gouveia, redundante ao sabor da nova época, certo, mas com as mesmas accusatorias de soliloquio pedantesco...

Gafeira tal, tresanda á resultante hereditaria do bacharelismo, pois correndo a bicha desses adolescentes escriptores, collige-se que o mór numero deriva duma linha interminavel de bons homens que no reducto escolastico de Coimbra, deliram, pelos seculos afóra, o melhor das suas pobres cachimónias; e o rotineiro habito fel-os claustrar na Universidade, filhos e netos, que a Universidade já mancára assim, bem antes de nascidos. Só desta guiza se aclara, por hereditariedade morbida e todas as *étapes* da nosologia dos impotentes melancolicos, como é que esta bohemia em commum, numa cidade de monumentos, á beira dum rio

contemplativo, não dá gestão aos mais penetrantes e singulares poetas do universo.

Sobretudo, a paizagem é reveladora, com o rio dulcificando, numa curva serena, todo esse esteiro d'areias e culturas.

De sobre os terraços da Universidade, a que se sóbe por uma escadinha perdida na espessura mural da Bibliotheca, o panorama é quanto pôde ser d'extenso e variegado.

Em torno á móle Universitaria, a cavalleiro na corôa da montanha, a cidade corre por todas as quebradas e vertentes, vendo-se de cima, ruas, quintaes, jardins e torres. Desigual, cheio de bossas, o Mondego, como uma cobra na areia, espreguiça a sua trança d'agua morta, desde a Portella até ás franças do Choupal, e por toda a margem os choupos afusam-se, os casarões das quintas amadornam, e vêem-se os salgueiros chorando os tradicionaes amores de Pedro e Ignez. Para além do *talweg*, na outra margem, ergue-se gradualmente um amphitheatro de colinas, onde no primeiro plano as vinhas e pinhaes servem' de fundo ás manchas claras dos casaes e dos conventos; depois, trepando sempre, mais sobre o longe, serras azuladas esfumam-se em vagos tenues d'aguarella, d'uma côr incorporea que faz contraste com os planos nitidos, verdes, bem postos, dos pomares e jardins rentes do rio. Por toda essa grande *vista* circular, os episodios são tantos,

tão decorativamente lançados no sentido duma cegueira das linhas principaes, que os deslumbramentos da vista apenas logram fixar, por qui, por lém, manchas avulso — lá para a direita, perdidas num céu cruel de calma, as massas do Choupal, da Caudelaria e escola regional de São Martinho; apóz, os picos do cemiterio, na abrupta escarpa, e casarias dum bairro entre cyprestes e terras cultivadas; apóz, circumtornando sempre o olhar sobre a direita, campos de vinha, olivaeas, pinhaes, zonas de succo — e depois as massas verdes do Jardim Botanico, e o Seminario, as Ursulinas e o Paço do Bispo — e cada vêz mais altos e distantes, planos de serra, cabellugens de mattas, o céu côr de aço, os infinitamente longes, mal tocados, — grandeza, largueza, ares de Portugal sorrindo paternalmente á vida rustica !

Todos os sitios consagrados pela emoção dos milhares d'adolescentes que ahi passaram, de cabellos ao vento, de noite ou de dia, com a guitarra ou com livros, sósinhos ou em bandos, nalguma dessas divinas horas em que a alma, afinada pela dôr, communga o religiosismo amargo da natura : todos os sitios classicos de Coimbra, a Lapa dos Esteios, o Penedo da Saudade, Santo Antonio dos Olivaeas, Santa Cruz, a Estrada da Beira, a Ponte, o Choupal — ai ! todos elles, verdade, são calorosamente dignos da reputação que lhes fizeram, reputação

que o tempo nobilifica, e de que não é possível evitar jámais o encanto absorvente. Esse encanto por certo vem da harmonia das formas, das harmonias da côr, da candidez esparsa, do repouso e dos accidentes idyllicos naturaes, mas vem tambem de feitiçaria das sensibilidades poeticas, ideaes, que ali pulsaram, da quantidade de belleza physica, de generosidade d'alma, de crença ingenua, d'imberbe cavalheirismo, que durante seculos ondearam por ali as plumas dos seus gorros e os sons da sua vóz — murmurios que as payzagens retiveram, corrigindo-se por estas reminiscencias nobres ou formozas, e reenviando ao *touriste*, de memoria, as impressões do seu deslumbramento. Por que não é já mysterio que uma payzagem seja, como nós, sensivel á lisonja. Quantas vêzes, sol posto, já a serra da Louzã mal curvejava no céu baço, no Penedo da Saudade, sósinho não vim eu, simples estranho, já cynico, á quintessencia de todas essas ancestraes fascinações. A natureza e a vida animal têm ali uma quebreira languida que se presta ao rythmo das falas, á molleza das idéas e á desinvolução do sonhar sentimental.

No Choupal, que é uma floresta nova de folhas muito verdes, rumores de nóras, braços de rio passando pontes, lavadeiras, rouxinoes e alagadios tufados de herva tenra; no Choupal a esbelteza gracil de certos macissos d'ailantos, choupos, freixos, platanos, eucaliptus, zebrados

de sol pelas clareiras, esguios e ondulosos como ephebos, com verdes raros, frigerantes neblinas, vagas formas poeticas, a suggestão recebida assemelha-se muito á que nos tóca, vendo sair das aulas, em chusmas, a Porta Ferrea, todo esse doirado enxame de rapaziada buliçosa. A mesma descuidosa complacencia, a mesma primaveril finura nos meneios, o mesmo grito de corações rindo ao viver. De sorte que indissoluto o laço de harmonia, a mocidade escolar é para assim dizer, no seu bulicio, como que a projecção da natureza idyllica que a circunda: uma penetra a outra, solidarias, a pensante e a sonhante; donde não é paradoxo dizer que as suggestões artisticas são nesta terra como que uma florescencia do sólo e um oxigenio do ar, e colhel-as não custa, bastará quando muito olhar em torno.

Mas o estudante de Coimbra não olha, e cégo aos incitamentos exteriores que apenas fazem acordar as *imaginações* dalgum mais forte, não sabendo assimilar num sentido artista, os materiaes soberbos que o encanto do viver universitario lhe tem junto — escravo da rotina escolar, que desde seculos lhe reçuma o cerebro nas gymnasticas imitativas da memoria, em litteratura, como na sciencia, decóra a sebenta — e como lhe não deram independencia, nem lhe incutiram confiança nas deliberações do

proprio eu. só o trabalho d'outrem lhe parece bom, e por isso imita-o. inconsciente, infantilmente... estas imitações sendo o que ha de mais roncante em rococó.

Todos os movimentos ou simulacros de movimentos litterarios, topados ao acaso das leituras fantasistas, ali têm tido echo; e como seja a poesia a balbuciação infantil, primeira, da propensão d'escrever, é aos poetas que mais particularmente se reportam as furta-voltas desse contrabando litterario da juventude, o que explica a trapalhada *d'espíritos raros* que por lá vai, actualmente, cruzados de Junqueiro e Antonio Nobre, Gomes Leal, Cesario Verde, ou suppurando o pessimismo crapuloso, francez, d'entre Baudelaire e os cycophantas das *pochades* Rosa Cruz.

Tornando ás farças do quintanismo, que ha alguns annos têm sido expressamente escriptas para a récita annual, pelos mais prestigiosos galeirões da geração coimbrã que finda o curso, (a ultima até veio reproduzir-se a Lisboa, em récita de caridade), como mostrar sem referencias particulares desagradaveis, que ella é a expressão deliquesciente dum nihilismo mental que toca as raías da vergonha? Perfeitamente conheço os tramites de collaboração macabra com que essas sortes de peças são compostas, e o exclusivo fim de risóta que as cria, para fixação nas saudades, duma noite de cordeaes

expansões que mais não voltam. A factura da obra, entregue, nò principio do ultimo anno escolar, a tres ou quatro, o libretista, o maestro, o contra-regra e o poetastro, começa por cavaqueiras de quarto, que lhe dão logo á nascença um feitio exaustinado de chinfrim. Uns querem allusões, outros não querem.

Para baixo nos lentes! — Coitados! diz o que se formou com mais empenhos. — Para baixo no fôro privado! — Afinal, acodem outros, já safos, se não fôsse o fôro, não havia disciplina. Tal opina por uma peça litteraria; tal, por muito movimento, algaravia; e tal só quer *piadas*. . . Começa então a anarchia. Tem de se contar com o numero e especialidades scenicas dos artistas, restringir a montagem da peça ao numerario da subscripção escolar, sempre fallida; encapotar as *frescuras* do dialogo, por forma a não espavorir o madamismo. . . Quando já o *canevas* da coisa, vai picando, os que se tinham esquivado a entrar, pedem papeis, porque lhes chega da terra o namoro, ou supplicam, para coqueluche dos papás, que os amigos auctores lh'os façam maiorsinhos — aproxima-se com a récita, o enthusiasmo, a sêde de brilhar, a monomania peninsular de fazer vista — uns trocam com outros; os que fadejam com arte, querem por força apparecer em scena, de guitarra; os que arremedam sicrano ou fulano, gritam que não dispensam na carpintaria do

entrecho, estes talentos, muito embora não venham para o caso: ha bonitótes resistindo como possessos a toda e qualquer tentativa de barbas postiças; magricélas que se recusam o *maillot*, por falta de barrigas; sentimentaes pedindo coplas d'amavio á lannugem loura dos derriços; vinhosos que só bebem, glotões que só manducam...

Em termos que a peça já não é peça, mas uma succursal de Rilhafolles, imagem da encrebração academica, vivendo sem unisonos de effeito, ao acaso das extravagancias grosseiras duns e de outros. Poderia ainda triumphar de tantos tombos, e para isso lhe bastaria reflectir a ironia rutila dos cavacos, e conter um pouco desse genio anonymo que anda no ar, em cachos de invenções e peripecias. Mas é neste ponto que o espirito de parodia, monomania dos talentos academicos, intervem pra mutilar á pobre peça, os ultimos vislumbres. E sinto dizel-o, a que eu acabo d'ouvir em Lisboa, é uma macaqueação do que ha de peor em Gervasio Lobato e Souza Bastos — limite inverosimil a que se pode descer em escolha de modelos!



A VOLTA DOS ROUPETAS

No dia de S. Pedro ultimo (*), organizou o chamado « partido catholico » em Lisboa, no percurso da Sé Patriarchal para a Basilica da Estrella, seguindo pela Baixa, Avenida e os bairros elegantes do Barata Salgueiro, Rato e Santa Isabel, uma especie de grande revista publica das suas forças disciplinares e agitantes. Este solemne prestito, sahido para a rua num rompante d'audacia, escarninho e calculado sobre a apathia besta da multidão, constituiu, segundo declarações officiaes d'alguns dos mais conspicuos membros do « partido », o stadio primeiro dum plano invasor que lenta e certamente tem vindo, pelo paiz, lançando redes, des'que o caso das Trinas, em vez d'abater, deu força á reacção, e des'que o pedido parlamentar das ordens religiosas passou no meio

(*) 1893.

da quasi indifferença das chamadas classes liberaes.

Está claro que eu não venho aqui dizer chufas a individuos que aproveitam a liberdade d'acção contemporanea para publicamente avolumarem e defenderem os seus interesses, assim como também não tornarei a pura essencia da philosophia christã, responsavel pelas ambiciosas tranquiernas desses córvo, sabido como em todos os modernos partidos d'acção, uma coisa é o programma *escripto*, e outra coisa o programma *executado*: os dois poucas vezes coincidindo, e ainda mais raras vivendo pela divisa moral dos seus brazões.

Registrarei então simplesmente, nos seus minusculos detalhes, o cortejo, concatenando-o, para assimilação synthetica do leitor, na progressão dos phenomenos d'actividade « religiosa » que ha quatro ou cinco annos brotoejam na corticula do corpo social portuguez, desamparado por outros systemas clinicos, a quem melhor competia ensaúdal-o. A procissão, tal como a presenciei na Avenida, constava de tres elementos, dois philanthropicos: crianças e velhos asylados, astuciosamente empurrados para a frente, como chamariz pathetico das acquiescencias populares, sempre laméchas; e um agitante, contendo pouco mais ou menos o nucleo desta conspiração politico-beata, e na sua mór parte formado de clerigos, fidalgotes

arruinados, e factotuns de sacristia, jungidos, pelas dependencias do dinheiro, ás evoluções « catholicas » d'alguns coios jesuiticos do paiz. Na trama dos primeiros, contei cerca de trinta e dois asylos d'infancia desvalida e escolas de cathecismo parochial, enfileirados em duas longas álas cabisbaixas, tendo na frente, ou no centro, pendões de seda, ao vento, com obscuros emblemas misticos, e letreiros bordados, dos quaes alguns me não pareceram epigraphar claramente os intuitos das agremiações infantis que comboiavam; e a seguir, deputações ou amostras de velhice albergada a expensas religiosas, com irmãsinhas ou sem irmãsinhas, umas mais sympathicas do que outras, e todas com um ar de tristura que parecendo ensaiada nos pateos, não provinha tanto de resignação, como d'orgulho contuso — como quem diz que o pudor da esmola se não fez para balanços publicos de fim d'anno, nem seja christão humilhar faces de rugas ante uma cidade que julga a indigencia o ultimo gráo de vileza a que se póde baixar na escala humana. Entre as delegacias d'estes asylos, gaiolas d'infancia ou presidios de velhice, figuravam, nos *pontos dramaticos* do cortejo, algumas d'aquellas a quem o povo de Lisboa mais deve e mais adora, como a nobre Casa Pia que com tantos discipulos seus illustra a laboriosa classe média de Lisboa, e que apezar das espingardinhas e da

musica, é sempre um dos resolutivos da enterrecida lagrima popular, e como os asylados velhos de S. Patricio, protegidos das irmãsinhas dos pobres, a cuja vista eu mesmo, desilludido e pellado liquidador de todas as virtudes *á double sens*, não pude furtar os restos da minha sensibilidade de trambolho futuro daquellas santas hospedeiras. De sorte que, aberta a marcha da procissão, sem resistencia, cortadas as reacções da turba (caso as houvesse ; ai não ! não houve !) com esse talha-mar de philanthropia indefesa e de carne de parentes e irmãos na aurora e ocaso do infortunio, a collisão peor estaria vencida, e não haveria meio d'apupar na outra metade do prestito a astuciosa doblez dos que de lá propunham dandynar a sua resistente vontade e hypocrita alegria triumpante.

A outra metade do prestito, o elemento agitante, já descripto, é o beijinho do jesuitismo chamorro em Portugal, e vále a pena pinturilal-o d'escorço no desfile, para da antropologia vesga lhe inferir um pouco as megalomanicas intenções. Começava pelas irmandades do Santissimo da mór parte das freguezias de Lisboa, as quaes, des'que foi reduzida a procissão do S. Jorge, ou *Corpus Christi*, não mais alçaram collectivamente, pela via publica, as suas cruces ; seguiam-se-lhe as ordens terceiras, do Carmo, do Campo Grande e S. Francisco

da Cidade, figuradas por irmãos em habitos de frades, de cordão á cinta e bordões de caminheiros — depois, as numerosas irmandades dos cyrios da Atalaya, que todos os annos em agosto costumam passar o Tejo, com andores, odres de vinho e anjos, para o batuque á ermida, nos altos d'Aldeia Gallega, em cujo descampado a bebedeira e a luxuria alfacinhas vão polluir os arremedos do culto catholico que padres mercenarios fomentam, a preços reduzidos, durante dois infames dias, no altar da Mãi dos Homens — logo a irmandade de S. Sebastião da Mouraria, anastomose do regimento á igreja, onde soldados de chanfallo e opa, craneos de criminaes, chufando as saias com olhos de kágados, punham na festa um tom de *Mam'zelle Nitouche*, algo obsceno — Seminario de Santarém seguidamente, com cento e sessenta rêzes magras, de batina e sobrepeliz, guardadas por especies de familiares do Santo Officio, d'olhos viciosos — e no coice, emfim, trezentas castrações humanas, d'entre arcebispos, bispos, beneficiados, conegos, meninos de côro, capelães cantores e curas-deputados, jaula curiosa onde as doenças por falta, ou excesso, gravavam nos corpos figurações singulares de penitenciaria e manicomio — sendo singular como, ao contrario do verosimil, a vida de religião defórma os typos, e desar-chitecta a raça em caricaturas de coisas e

animaes! Toda esta theoria hieratica, desfilando a pé, numa fumarada de caçoilas, entre flabellos pontificios, e de roda do pallio conduzindo, aos solavancos de latins roufenhos, a obreia branca resumidora do Deus vivo, se me afigurou mediocrementemente digna, com seus corpos safados, seu ar ausente, suas revestiduras de androgynos, de bem guiar as almas da infancia á pureza da vida intelligente e virtuosa, sabido como actualmente um banho frio, valha, na terapeutica psychologica, por todas as absolvições do confessor. Abrangendo do seu throno, no adro da Estrella, essa corredoiira de seis mil crianças maioradas por dois mil homens de igreja, vindo a elle ao clarão das tochas, entre musicas militares e raias d'estandartes, consta que o patriarcha de Lisboa gosmilhára:

— E' para a religião portugueza o primeiro dia de sol, depois que nos deitaram dos mosteiros.

Phrase mordente, onde a gabarólla mundana cõa ciumes dum sequestro de sessenta annos da vida nacional, e onde tambem tressuam já projectos de dominio, que veremos cumpridos, se uma grande barreira pacificamente erguida no campo dos factos, que não no das declamações injuriasas, não cura de travar áquelle sinistro exercito, a marcha nocturna, mansa, exteriormente evangelica, que desde a intervenção orleanista vem patrulhando estradas e

empeçonhando todas as fontes moraes de Portugal.

Porque é já superfluo affirmar que toda esta serie de movimentos dispersos, que ha quatro ou cinco annos se nota nos arraiaes do beaterio portuguez, seja a aglutinação das convergentes parcelas dum plano absorvente, suggerido por agentes vivendo aqui e tendo estudado a fundo as nossas coisas, porém dictado e elaborado por um chefe ou conselho, que vive longe, no coração do mundo, e não cessa de sobrepor-se ao Papa, e d'enredar nos paizes catholicos, os proprios ministerios e os proprios reis. A bem dizer, em Portugal a faina vem de longe, e constitue um desses trabalhos de polypo, minusculos, mas crescendo todos os dias um bocadinho infinitéssimo, encontrando nos proprios desastres resistencia, e como segredo d'exitto, não mudando nunca ao projecto uma só linha, não ensaiando no trabalho senão meios seguros, os mesmos sempre, nem perdendo um apice d'esforço em coisas desligadas do con-seguimento pratico e rapido dos fins. Temol-os visto, sob condições sociaes e trajos differentes, acercarem-se de certas localidades ou seres que mais padecem, espalhando a esmola, conselho e pão, com ademanes discretos, generosidades simples de palavras, e uma evitação acobardada do reconhecimento, que poderia

expôl-os sob publicidades demasiado vivas *para a obra*. Depois, quando já apaziguado o alvo-roço desse bem fazer sem agio, temol-os visto familiarisarem-se pouco a pouco, virem-se arrebanhando sem se saber d'onde procedem, frequentando alguma velha aristocracia local, que os recommenda, anima, incita, até que adquirem bens sob disfarce de doação caritativa, velho convento ou casarão desmantelado, que logo reparam, aformozeam, e onde dali a pouco acampa a escola, a granja modelo, a igreja parochial ou a capella milagreira, sitio aprazível que deixa toda a gente contente, passeio favorito, foco de claridade, de festaróla cantada, de cavaqueira polida, d'instrucção infantil, e até de trabalho rural prós cavadores. Estes reductos sitam d'ordinario nalgum centro jornaleiro ou industrial onde senhores territoriaes conservaram restos d'absolutismo, ou onde a estupidez e força do habito mantem na populaça as explorações e humilhações da antiga servidão; e constituem focos radiantes de propaganda, que lentamente vem chamando a si, pelo interesse campónio ou pelo sentimentalismo das mulheres, as adhesões geraes, primeiro stadio da empolgação fetichistá que sobrevirá depois, nas azas da catechese, das taciturnas praticas mysticas, e das procissões de penitencia. Assim se repovoaram os conventos de S. Francisco de Setubal, do Varatojo

e do Barro, em Torres Vedras, da Quinta Amarella no Porto, de Santa Martha em Lisbôa, os coios fanaticos de Braga, de Campolide, da Covilhã, do seminario de S. Fiel e outros de missionarios e educadores, ora alastrados pelos differentes sitios do paiz. Seminarios, côrtes episcopaes, certas irmandades e casas fidalgas esbulhadas de prestigio e bens, pelo liberalismo, todo o absolutismo e todo clero, bem depressa volveram a fazer causa commum co'a negra milicia, e a este exercito regular juntaram-se os torturados e os descontentes, os ambiciosos e os *dandies*, quando foi moda frequentar um mêz de Maria bem assistido de herdeiras ricas, e ter um confessor e um cozinheiro francez com attestados formaes do Sr. conde de Paris. Mercê do protheismo, que é uma das astucias da ordem, depressamente os bons padres houveram mcio de se dessiminar e insinuar por todos os diverticulos da vida portugueza, desde os salões até á adega, de se intrometter em todos os movimentos, e se fazerem augúres em um grande numero de questões. Sabendo que para o character moral dos povos imaginativos, não ha resolutivo como a gratidão, trataram d'assistir de pessoal seu, a philanthropia publica, e eis o caso das irmãs de caridade nos hospitaes, nos asylos de velhos e escolas d'infancia, pedindo para os pobresinhos nos mercados e nas ruas, ou vindo assentar-se com o seu rosario

e o seu livro, á cabeceira dos agonisantes. Pessoalmente pobres e aparentemente desinteressados, obedientes como soldados ao extremo da abolição completa da vontade que os automatiza sob o jugo dum autocratismo central e unico, que os move, estes temiveis seductores emanam todavia da collectividade mais opulenta do mundo, que funda bancos, empresta a reis, inunda d'ouro os paizes que avassala; e o seu desinteresse disfarça uma cupidez que chega até a esbulhar das heranças os herdeiros naturais das suas victimas. A educação e ensino da mocidade, em que outr'ora foram grandes, e ainda hoje são eximios, é tambem um dos mais terriveis fincapés da sua tenaz vitalidade, qual pela intelligencia e sabedoria inquebrantavel dos seus mestres, qual por aquella lhes angariar no futuro uma milicia, e desfazer pela gratidão dos pais, a resistencia. E' por onde começam, pela enxertia das plantas tenras, em cujo tronco alheio facil lhes é propagar inesgotavelmente a sua casta. Ahi os temos em quasi todas as casas d'educação de Portugal, tanto popular como aristocratica e burgueza, solícitos, incansaveis, lançando os germens do strabismo psychico, desvirilizador da grandeza livre do homem, sonhando a roupeta universal, a jesuitação do mundo, na mysteriosa soturnidade da sua idéa fixa! Estão nos asylos, estão nos collegios, estão nos seminarios, na

universidade, embora em minoria ; e se hoje põem na rua, seis mil crianças apenas, como amostra (poderiam talvez pôr já vinte mil) amanhã, se a gerencia das escolas liberaes proseguir neste desleixo, amanhã nem um só pai deixará de lhes confiar a sua próle.

Neste longo rastejo de gramas daninhas se quedaram annos, primeiro que pudessem grimpar-se ao apoio de columnas officiaes, inabalaveis. Mas essas columnas surgiram, e foram principalmente o patriarcha de Lisbôa, antigo varatojano de vida simples e cabeça curta, e a rainha de Portugal, mosca morta lindissima, dependencia do poderoso partido catholico francez, de que seu pai é o joguete titrado e eternamente promettido a um solio ausente. Pela sua autoridade de prelado, conseguiu o primeiro trazer á ordem, ou directamente ou por disfarce, quasi todo o clero portuguez, desconsiderado e roubado pelos governos liberaes, e por esse facto sequiosissimo de desforço — e d'aqui a mobilisação politica do sacerdocio, que tem hoje na camara representação abundante e pictoresca, a par da creação de folhas diarias, subsidiadas pelo dinheiro dos Cadavaes, dos Pombaes, dos Barros Gomes e das condessas de Camaride e de Sarmento — enquanto a soberana aplainava e minava, pelo prestigio do diadema, os circulos da côrte, fundando

dispensarios, apanhando aos *parvenus* dinheiro para irmandades, protegendo officialmente romarias, e lançando enfim a móda das lindas mulheres beatas, por onde o *complot* beneficia da acquiescencia dos ministerios, formados d'ordinario por diplomatas femeeiros.

Em termos que nos luzitanos pascigos, a epizootia religiosa generalisa-se, e os elementos de combate mais fortes, desde o dinheiro e da influencia social, até ao numero, todos se encontram já nas mãos dos padres negros. A nacionalidade, como as velhacas d'alfurja, mysticisa-se, quando, fanada a carne, já não ha quem lhe dê para arrebiques. Entrega a Deus penhores que os agiotas aventaram. Daquella quasi omnipotencia, os documentos são fri-santes: pelo predomínio que os jesuitas vão tendo nas escolas, o futuro pertence-lhes, e tanto com elle contam, que ha cinco mêzes, depois de conspiratas varias em sacristias e sociedades pseudo-scientificas, não duvidaram pedir ao parlamento, sob um pretexto africano, a restauração das ordens religiosas — pedido advogado pela formidavel sanha dos padres, na imprensa e no pulpito, e o que mais é de assustar! por um numero farto de camaras municipaes e freguezias. D'ahi o perigo das suas manifestações exteriores, e a miseravel deshonra que é para a liberdade o apoio politico e militar (!) que ultimamente lhes têm dado os

reis e os ministerios, nas romarias do Sameiro, com debóches na relva, esquadrão de cavallaria atraz do nuncio, e telegrammas extaticos da rainha, *adherindo* ao mysterio da Immaculada Conceição — nas procissões da Avenida, allegoria exangue do onanismo das camaratas, assistida obscenamente por funcionarios do paço e quasi toda a officialidade das armas scientificas (*). E' com estes reclamos monstros, nos sitios de passagem, em pleno sol das praças e das ruas, que o padrismo negro acabará d'escamotear o que inda falta, arvorando o fanatismo em panacêa contra todas as nossas desventuras, e estatelando a monarchia da sotaina como motor occulto em todas as fórmulas da actividade nacional. Pela disciplina aguerrida, pela concordancia inteira de plano, pela incansabilidade minaz e fidelidade absoluta á regra imposta, esse formidavel partido é o mais forte, e a sua marcha ascende, numa estrategia de tentaculos, a envolver temerosamente as desbaratadas phalanges liberaes. A sua perseverança não conhece fadigas; querem sêr os primeiros em todas as bréchas, realçar-se na applacação de todas as necessidades da vida popular, ferir

(*) Era ministro da guerra um certo Pimentel Pinto, que ordenou aos officiaes da guarnição seguissem o prestito, certo por comprazer á monomania mystica da Rainha.

por todos os brilhos e contrastes, para de auxiliares se tornarem herdeiros, e de tolerados surgirem qualquer dia, suzeranos. Cozinhas economicas, sociedades de protecção a operarios, consultas medicas, mêzes de Maria, catecheses, agencias de casamentos ricos, procura d'empregos, liquidacão fraudulenta de heranças, monachisação de meninas com falta, eleições e empréstimos sobre penhores, tudo lhes serve; e á primeira vista esses surprehendentes apostolos são sublimes, a sua apparente isenção causa vertingens, e a sua unilateral simplicidade enche de vislumbres altruistas a alma desprevenida das nações. Taes os instantaneos effeitos dos seus agápes no banquete dos povos, té que subitamente um dia o quadro muda, e a ceara d'almas e benções espiga por toda a parte numa espantosa mèsse de aleijões. Pois de não terem por patria senão a *companhia*, de serem no mundo os eternos estrangeiros, d'occultamente seguirem o lemma de que os fins absolvem dos meios, de mutilarem a natureza humana em vêz de a corrigir, d'escurecerem a vida tornando-a hedionda até á infancia, de desmembrarem o espirito de familia abolindo o amor e até o sexo, de propalarem a intriga, de fazerem da religião testa de ferro, herisando-a de sophismas nos textos, e depri-mindo-lhe a grandeza pela desorientação do culto em praticas ridiculas e theogonias de

mulheres — d'aspirarem á regencia do mando universal, monopolizando as intelligencias, e fomentando, por espirito de conservação, a ignorancia, de conseguidos os fins, trahirem tudo, os jesuitas não podem mais contar-se entre os collaboradores sinceros da civilisação. São os eternos monstros, como diria o poeta, nunca saciados das victimas que fazem.

O PROBLEMA TAURINO

Fecha o anno taurino de 99, no meio dum sceptico desalento sobre o futuro das corridas portuguezas. Formar-se-hão touros de requisito nas creações dos apuradores de gado bravo?

Brotarão toureiros, d'antre a turba de curiosos mais ou menos profissionaes que por ahi vemos a citar? O episodio das pégas reforma-se, passando da rotineira *reprise* dos mesmos trambulhões, nos mesmos ebrios, a um certamen de força physica e destreza, aberto ás audacias da synergia muscular da gente nova? Nacionalisa-se a morte do touro, como epilogo do mytho heroico que é em ultima instancia a corrida de touros peninsular? Taes os quesitos que nesta especie de marasmo do toureio, praz formular, no acto dum balanço annual a este ramo d'arte.

I. — A questão das ganaderias é mui grave, e cifra-se não só em que ha de ser necessario começar pelo principio, como tambem nas quasi nullas vantagens provaveis que offereça ao creador portuguez, uma rigorosa selecção de rezes bravas, coisa dispendiosa e complexa, caso o consumo dellas para a lide não passe a fronteira, e permaneça circumscripção aos pouquíssimos redondeis effectivos do paiz. As raças que ha, tirante a Palha Blanco, afalcoam, e dizem os sabedores que a domesticidade secular lhes corrompeu o typo, o sangue e o genio impetuoso, por uma *civilização* semelhante á que fez resvalar a cavallaria de Christo, do guerreiro san-graliano do século XIII, ao boticario eleitoral do século XIX. Seria necessario doar-lhe pela reclusão em selvas sem transito, pela combinação d'escolhas primitivas, estampas unicas e selvagerias indomaveis, esses ideaes requisitos d'ingenuidade, lealdade, formosura, bravura e força, entre que os criticos concebem a rez-typo, a rez-idolo, ligeira como o vento, fumando vida na instantaneidade vibratil do musculo, armada de sevilhanas na fronte, e incarnando perante o homem toda a fereza da animalidade hostil á intelligencia, e tanto mais

bruta, quanto mais prestes a ser por esta, dominada. Esta monasticidade da rez longe dos prazeres do seculo, difficilmente hoje se dá num paiz onde as selvas vão encolhendo, com as estradas, e a sociabilidade local do homem se apêga ao toiro, pelas afinidades moraes dos bois com certos . . . purrios. Por deficiencia de pastagens, vivem bois bravos com bois de matadouro, e ahi copulam, sem as necessarias severidades do campino; a escolha dos sangues, ponto principal da selecção por hereditariedade, e objecto do cultivo scientifico do *ganadero*, é deixada aos acasos do lambisco, sob a egide do proloquio fatalista de que o verdadeiro sangue é Deus; e por outro lado, para que perder annos de labor, fundando raças, quando as empresas forretas só querem toiros alugados e pelo preço dos de pasta, e no paiz as praças com quadra taurina effectiva são tão poucas, que sem ajudas de Hespanha — ajudas duvidosas, pois os hespanhoes lá têm as suas raças — não haverá meio da creação de gado bravo deixar margens de lucro ao creador?

II. — Os toureiros novos são quasi todos d'inverno e bons para tourinhas de canastra. Algum bandarilheiro velho de mais nome,

tem-se deixado morrer sem descendencia, deixando a praça livre ao *furioso*. Quando muito, esperançosos, e esses liquidando em chuchadeiras de beneficios, encapotados ou não, conforme o *artista* é da alta, ou faça vida profissional. Nesta, como em todas as profissões onde a ardência do sangue decide, e onde só dão segurança os tirocinios longos e as tentativas largamente exercidas, certamente o amador não tem papel, nem merece conceito, mesmo tratando-se dum temperamento, e haverá que martyrisal-o annos e annos, em successivas provas e ininterruptas e audazes experiencias. Sangue toureiro, propriamente, não ha — a phrase no sentido desta especie de raiva batalhante que leva impulsivamente o homem contra o toiro, e por dentro lhe accende bravezas ancestraes, reminiscencia de quando, nos periodos embryonarios, certas animalidades se repulsavam como fluidos electricos do mesmo nome. Essa esfervencia selvatica, que foi nos seculos heroicos de Portugal, uma como derivante da vida mascula das viagens e das batalhas, sobras de força, esbanjadas pela mocidade em jogos athleticos e simulacros de combates, tem-se perdido quasi por completo, des'que a aristocracia hypothecada e expulsa dos seus coutos, veio para a cidade aposentar os filhos em bebedos da Tendinha, fiscaes da alfandega, ou pretendidos de meninas ricas com avaria. Com

a mudança de dono das terras, e a predilecção do homem das cidades por certas mariquices de sensibilidade improprias de gente forte, a antiga paixão nacional pelas touradas e outros espectaculos de sangue, ou corrompeu-se, ou de todo se substituiu por mais benignas entre-tengas; ao toureio de rojão, tão passional dos cavalleiros de couraça e cossolletes, e que findava sempre pela morte da féra, substituiu a nossa cobarde anemia moderna, as sortes de cavallo, raro perigosas, e que como actualmente são, mais parecem *alegria* e adorno, do que um caso typo na palpitante esgrima do torneio; lidar toiros, antiga aspiração nacional da mocidade aristocrata, que se não dispensava por isso d'ir ás côrtes estrangeiras, pedir para o seu rei, mãos de princezas, resolver problemas diplomaticos, escrever chronicas e poemas, descobrir paizes e bailar nos serões do paço ao som dos bandolins, estava reduzido até ha pouco a uma especie de fadistice de duas duzias ou trez de filhos familias mal portados, e só modernamente, de hontem, começa a reentrar de novo nos habitos sportivos . . . Desta sorte, perdido o antigo *elan* para o toureio, o verdadeiramente historico, o sincero, e sangrado o homem das plethoras de saude e força que lhe tornavam necessario o extravaso, em actos bellicos, o novo que lhe volta, á força de reclamo, e impulsionado já, como tudo modernamente,

por espirito de bugiaria e cabotinagem, cuido que não poderá jamais fazer toureiros de raça, ou levantar a tourada á altura dum espectáculo grande e nobre, directo herdeiro do circo romano. Um ou outro no entanto, mais ferozmente dotado d'impetos nervosos, dos que ahi apparecem nas *tentas* do Ribatejo e nas touradas de caridade, como Antonio Perestrello, Simão da Veiga e Duarte Pinto Coelho, lá poderiam, posto de banda o preconceito de que picar toiros é modo de vida humilhante, deixar pudores facticios que os recludem num simples diletantismo, e entrar francamente na vida do trasteio, prestes a fazerem della instrumento de gloria e de fortuna. Já lá vae o tempo dos officios de eleição. Tudo se nivela hoje; espadas como Frascuelo e Guerrita, valem cirurgiões operadores como Tillaux e Gosselin; a praça de Madrid, a comedia Franceza e o convento dos bactereologistas pastoreannos, são centros de benfeitoria social, de peso identico e utilidade proxima; e não vejo porque a realeza de Rafael II, califa de Cordova, não possa exasperar a ambição dum filho familia ao ponto de o fazer trocar a béca sinistra de lente, pelo sumptuoso costume de matador. Muitas vezes, vendo Perestrello na arena, com aquella figura gracil onde a musculatura fina inda exita, e a galhardia indomita do ephebo parece fumar ardores de circo, em atticos movimentos; quantas

vezes adivinhando o estofo rico d'artista taurino que havia ou ha neste rapaz, e o quanto seria benemerito arrancar-o ás *pruderies* de familia, para a carreira de *diestro*, pergunto a mim mesmo por quaes razões nós que pensionamos pinta-monos nas Bellas-Artes de Paris, para elles quasi todos nas exposições envergonharem os mestres, não enviaremos para as quadrilhas dos matadores celebres de Hespanha, escolhidos, os rapazes portuguezes que mais fogosamente fôsem debutando no trasteio, e mostrassem *la sangre* para a gloriosa carreira de picar!

Tardê ou cedo, continuando, sincera ou falsa, esta patriótica esfervencia da revindicação da vida nacional solidaria co'as antigas tradições, que por hi começa, certo veremos exigido no esplendor dramatico d'outr'ora, o velho divertimento das touradas, completo e restaurado nos seus mais particulares episodios e estadios, com todo o maravilhoso e lendario symbolismo dos seus tramites — o rojão, as pégas, a morte á espada — e nesse dia, se não curamos de preparar gladiadores e déstros para a lucta, ficarão as praças nacionaes apenas para theatro da gloria e locupletação dos déstros castelhanos. Cumpre pensar neste problema, firme e d'olho posto no povo rival que nos humilha com o deslumbrante esplendor dos seus espadas, fazendo por crear profissionaes,

mandando estudar em Hespanha os novos promittentes, e exigindo aos bandarilheiros novos, hi tolerados, outros trabalhos que não banaes habilidades de pimpolhos, proprias da Moita, sympathicas talvez ao sol testudo e bronco, mas insufficientes para o nome de quem se préza, e ignominiosas para quem envelhece a ganhar dinheiro na vida do trasteio. Nada d'illusões, nem consentir tambem que nos marimbem! O toureio nacional de pé está vergonhoso, e por inconsistente, o de cavallo, mau grado o apuro de hoje, jamais poderá ser na tourada o episodio lusido e o prato resistente. O toureio de pé está vergonhoso! Apre! Em não vindo hespanhoes, o espectaculo cifra-se nas carantonhas do publico, e no desespero de ver saltarellos doirados raspando phosphoros no cachaço das rezes, e fugindo a ganir da propria sombra. — Vergonhoso! Os curiosos, por fidalgos, não querem descer da nuvem e apurar-se; os de carreira, apenas supportados a primeira vez num circulo lisboeta, entendem que já estão Cara-Anchas e Frascuelos, e toca a só exercitar gaiolas e quiebro nos corredores do Marrare e á porta da Tendinha. E não ha meio, neste paiz de compadres, de conseguir coisa differente de salamalequês a mediocres!

III. — As pégas são um desfecho d'espectaculo que em boa logica taurina não poderá subsistir co'a morte á espada, mas que eu no entanto gostaria de ver continuar nos redondeis cá do paiz. Pela péga realisa o toureiro o mytho de Hercules, domando a pulso forças da natureza hiantes contra elle; e mesmo fóra do symbolismo duma tal lucta, nada mais do que considerando apenas a belleza plastica do esforço, que maravilhosas satisfações instinctivas d'orgulho não causa á plebe, com os seus musculos de carga, e a sua gamma sentimental restricta a factos simples, o vêr-se a primeira na escala dos brutos! Acresce que sendo a péga, invento patrio, e não cumprindo desnacionalisar a tourada portugueza alem dos pontos em que ella está incompleta ou mal comprehendida, forçoso vae ser conserval-a, a despeito de tudo, ao lado da sorte de morte, fazendo-as, já se vê, praticar em bichos alternados, e remodelando o grupo de forcados pela forma especial que vou dizer.

Hão-de ter visto férras e tentas nalguma séde de criação ribatejana. Coisa impetuosissima de vida, esturderia suprema, plenitude juvenil, hillariancia! Na férra, a rez adolescente,

já fantil, sahida apenas do hausto das vaccas, é subjugada a pulso de maltez, antes de soffrer no flanco o ferro em braza: eis a péga natural, original: adolescencia com adolescencia, corno com pulso, bravura de rez com bravura de rapaz. O espectáculo assim comprehendido, aberto sem excepção á valentia da rapaziada das aldeias, que necessita ser forte para o trabalho das terras e para a obra da resistência á miseria, companheira inexoravel do camponio, é uma especie d'exame publico de saude e validez, que lisongeia quem vence, hillaria e enthusiasma o espectador, dando a média dos torsos robustos, e recrutando nos povoados, para a agricultura, para as armas, para a especie, a phalange sagrada dos futuros luctadores. A férra aberta, quem se sente em plethora desce á arena, bate palmas ao bicho, abre os braços e apara-lhe, com denodada fereza, o jogo da cabeça, ficando, como um cacho contractil, espendurado entre os cornos, e fazendo deter na carreira o generoso e electrico animal. Não ha por certo em parte alguma do mundo, um jogo athletico onde aos requisitos de força venha juntar-se maior somma de factores estatuarios — e nada como a esculptura para fixar no espirito a instantanea graça da attitude, e envaidecer da sua formosura sublime, o homem forte! Porque não hão-de ser isto as pégas na tourada? Em vez de oito

borrachões injectados d'estupidez, envelhecidos em tombos, fazendo vida de gladiadores sordidos, e morrendo quasi todos do debuxe adstricto ás suas semanas d'ociosidade, por que não faremos das pégas um certamen de vida mascula, com inscripção facultada a todos os rapazes destemidos, aos clubs de sportismo athletico, aos jovens gymnastas e traga-balas da cidade? Pois não se antegosta o interesse, a paixão delirante, que uma tal innovação provocaria no afficionismo, e que formidavel cifra de adeptos não ganhariam as touradas, juntando num espectáculo unico, exercicios de destreza, que embora separados, nasceram pr'a se conjugar em série no mesmo loco? Inutil reconstituir a scena, quanto ao effeito. Trez ratazanas publicam a resolução de circuntornar o globo pedindo cumquibus, e fixada a partida, do obelisco dos Restauradores, direito ás Caldas (ponto obrigado no caipirismo dos Fernão de Magalhães a quem Luciasno geographo marca itinerario) junta-se tal multidão para applaudil-os, que visto o successo, os viajantes fazem peditorio, resolvendo encurtar a jornada por fórmula a fazer suppôr que o diametro do mundo haja encolhido. A' ida e á volta de velocipedistas, ovações e banquetes sagrando os heroes d'azas nos pés, como outr'ora Mercurio deus dos ladrões. Que quer isto dizer senão que no ar do tempo paira uma ancia de retorno ao

athletismo antigo, e que a juventude portugueza, farta de pontapés no cu, sonha a *revanche* em sortes de trapezio, corridas de tandem e pégas de cernelha?

Aproveitar o diffuso enthusiasmo, precisar, num espectáculo synthetico da masculinidade lusitana, todas ou quasi todas as aspirações heroicas da gente nôva, eis o serviço esplendido que as touradas podiam prestar ao renascimento da nossa abatida raça, se constituir-se quizessem pela fôrma racional que vimos apon-tando.

IV. — Sorte de morte. Querem-n'a todos, e ninguem toma a iniciativa de pedil-a, e legiferante algum se atreve a decretal-a. O rei gostaria de a auctorisar sem dar por isso, mas lembra-se que o tio Pedro a aboliu no homem; vae, por investigações osteologicas, copia de bois pertence ao genero humano — d'onde o terror de ferir algum cavalheiro da sua casa civil ou militar.

Em trabalhando hespanhoes é a famosa morte, simulada, com sua espada de folha, tendo na ponta um alfinete co'a respectiva grega escarlata. O arremedo porém não esthesia nem ergue o coração do espectador: é um desengano

parecido com o d'alguem que estando a vêr ungir um sogro rico, subito resurge o typo d'antre os azeites bentos do padre — e adiada a herança pr'a quando o tempo o permittir! Nesta hesitação de não fazermos nada completo, nesta cobardia de, primeiro que nos abalancemos a qualquer coisa, cogitarmos no que dirá a opinião de nós, o estrangeiro, o homem da tenda, o visinho, bem conhecemos que ao toureio nacional falta cabeça, que o espectáculo, convergente, desde a primeira bandarilha, a um desfecho, finda sem elle, que o drama manqueja de quinto acto, e tudo, tudo na tourada é pretexto, preparo, intriga, formula, para a morte final do bicho, fulminado, com a aorta cortada, aos pés do matador. Vae, como dez ou vinte maricas dizem « barbaro! », como em Paris foi prohibido, e os clericaes aprumam sobre nós a calamidade de nos ser retirada a benção papal, coisa indispensavel para o pagamento do coupon: o resto do paiz que morre por toiros, mas desconfia de tudo, da legitimidade das suas deliberações, da coherencia e da lucidez das suas ideias, do direito de gosar a seu modo uma vida cada vez mais curta e uma saude cada vez mais aporrinhada: o resto do paiz que está sempre prompto a deitar fóra o bom de casa, para adoptar o mau que os outros lhe insinuam: o resto do paiz, ouvindo ameaças taes,

e falta de tezura pr'a lhe denunciar a origem candongueira, reclue-se, estaca, acanha-se, balbucia; e eil-o a ceder, a abdicar dos prazeres nacionaes da sua raça, a acceitar divertimentos estrangeiros monotonos, e a descercar-se enfim das ultimas características que o faziam distinguir no mundo do resto dos povos que a banal *civilisação* franceza constantemente corrompe e prostitue! Tal que escorcharia afoito um viandante d'estrada, a horas sinistras, ergue os braços ao ceu quando se lhe falla em marear o toiro dum golpe magistral. Adoptar a morte é para estes especialissimos cretinos retroceder na liberdade que nossos paes ganharam para os governos se rirem, para os povos abusarem, e cada vez haver menos dinheiro! A delicia neronica de ver soffrer, tão depravadamente moderna, uma das derivadas do mando, e das muito poucas que o homem, no culminio, conserva e exerce, com um prazer sempre crescente: a delicia de torturar, tão finamente esthetica, e em todos os campos do espirito tornada, é ver, o assumpto obsedante, chegando á tourada, depára co'as resistencias protectoras, chanfradas, de duzia e meia de dirigentes mantidos a beefs de vacca morta no matadouro com soffrimentos eguaes aos que os revoltam no Campo Pequeno — ás mãos de Rafael Guerra ou do Bombita. Matar o toiro, senhores, tornado crime num paiz onde

toda a gente physiologica mata o bicho!... Claro que estas sentimentaes opposições se irão delindo pelo processo d'eliminação natural de todas as coisas sem couceira, e que mui breve a morte do toiro entrará na tourada, pela acquiescencia de todos, sem se sentir, sem se pedir, como o unico epilogo logico do espantoso drama taurino, mytho grandioso da cavalheirosa raça peninsular.

CEIFEIROS

Apenas os calores primeiros de junho encinzeiram o céu de tintas baças, toda a ceara, tornada em palha de repente, cobre os margios dum infindavel preamar cheio de galgões. Em quatro dias os aspectos desse oceano d'espigas transmutam para uma symphonia ophtalmica de côres causticas, entre que a vida crucita, nas mordeduras da luz, que bebe o sangue das hervas como louca. Halito do inferno, já duas vêzes o suão, ou vento levante, passando o Estreito, todo abrazado da escandencia das areias africanas, veio sobre esses grandes vales argilosos do districto de Beja, lançar a morte; e o verão do paiz sem agua, o verão alemtejano, martyrizante, irradiante, começa a encher d'angustias a provincia, e prepara scenario á colheita cerealifera, que est'anno foi, sempre lh'o digo, duma victoriosa e esplendida abundancia.

Vem na vanguarda a debulha das favas, o primeiro cereal que secca, na escala dos cultivados no Alemtejo; após vem as cevadas; e o trigo logo: e no fim de todos, os tremezes, que ainda mal espigam, quando já todo o faval está no celeiro. Secca a ceara, forçoso ceifal-a célere e mãotente, pois (nas cevadas sobretudo) apenas o bago mirra, desagrega-se da capsula, e logo tomba, do que a formiga se aguarda para poder dizer á cigarra « agora dansa ! ».

Para os lavradores retardatarios, estas perdas de semente chegam a contar-se por dezenas d'alqueires, sumidos pelo formigal no sub-solo — caso d'espanto, que nesta provincia sem braços obriga a disputar, a poder de dinheiro, os ceifadores. O usual é dar as cearas grandes d'empreitada; formam-se então bandos de trabalhadores á vóz de um chefe; villas e aldeias, em ranchos, amaltézam para os campos das herdades, que no Alemtejo, lá baixo, têm kilometros; e a horrivel faina começa sob os 50 grãos do sol, num céu de chumbo irradiante.

Nos annos quentes, é de ordinario o primeiro domingo de junho, cinco da tarde, já pela fresca, a hora propicia para a abalada das companhas de ceifeiros. A' bocca das estradas, no adro das igrejas, pelos cerros jacentes aos casebres, vem o manageiro tocar uma buzina

espinhosa, das que se desenterram na praia de Sines, e que produz no ar apathico das villas alguma coisa do appelo soturno que ficou talvez de tradição, das guerras celticas. Logo, a pouco e pouco, começam a chegar os troços de rapazes, vestidos de velho, cotins arremendados, jaleco e alforge ás costas com as provisões da semana (seis pães de trigo rijo, queijo de cabra, e o tarro das azeitonas sapateiras), e á cinta a foice, e o chapeirão braguez sombreando faces doiradas de morenos, tão arabes algumas, onde olhos pretos, profundos, d'animal, estréllam a nostalgia dessa casta poetica e mercenaria. Taes migrações chegam a levar os trabalhadores lá para muito distante dos seus burgos; para os vales de Beja, os algarvios, ageis de rhins, bons cantadores, vivissimos zagorros; os de Beja, ao norte do districto, emigram para Evora, séde das grandes lavoiras portuguezas do sul, e onde ha lavradores mettendo para cima de novecentos ceifeiros, durante o mêz de junho; finalmente, os que habitam as terras raianas, internam-se em Castella, no brazeiro da Estremadura hespanhola, resultando de todas estas sortidas um deserto nas aldeias, onde a pequena colheita dos farejaes fica ao cuidado das mulheres e dos velhos que já não podem desertar.

A ceifa, *asséfa*, como elles dizem, é o trabalho mais angustiado e estragador da gente

alemtejana, por causa do sol, e por isso se paga, conforme os annos e a préssa, duplo ou triplo das outras operações anteriores da sementeira. Nada mais que observando, do caminho de ferro, para todos os lados, essas desconformes massas de ceara, crepitando, reverberando a luz por entre syncopes de sêde, em colinas sem arvores, ou com sobreiras e azinheiras cuja sombra metalica ainda parece mais asphyxica, em planicies sem fontes, onde nos meados de abril quasi que não ha ribeiros circulantes, para de logo se interpreta a agonia que seja viver hi enterrado, com a fouce na mão, os olhos cegos, a bocca em lama fetida, a pelle dos dedos gretada pelo bisel cortante das gavélas, respirando a moïnhá palustre que derrama no corpo uma brotoeja insupportavel, onde os insectos se abatem, para sugar o sangue dos irritados borbotões . . .

Ainda hontem me succedeu, por encargos de lavrador pequeno, que tem elle mesmo de ser vigia e feitor da sua faina, numa herdadóla patrimonial conferir de fresco o quadro das ceifas, tão familiar das minhas reminiscencias antigas de camponio. Fomos ao entreluzir da manhã, nos carros de carrego, puxados a mulas, atravessando uma bacia de vinhas e figueiras, unico oasis onde a pupilla inda logra topar sua nota de côr hilariante. Essa bacia, pequena, e

logo correjos curtidos no desfiladeiro da serra, entre talhadas de schistos e calcareos, zambujeiros anões, pereiras e amendoeiras bravas do matto, travez dos quaes o carro alemtejano, de fueiros d'azinho e limões monstruosos, como na Biblia, ia aos solavancos, estrupindo a ferraria dos rodados, sob as pragas do carrejão quasi nú que se sentára na canga para obrigar a parelha a trepar lentamente o ladeirame. Começava por li a zona das herdades, com a avançada das grandes florestas d'azinho e de cortiça — da cortiça que é, com a vinha, a segunda, senão talvez a primeira riqueza rustica do paiz. Quatro horas da manhã: um halito sem temperatura, insensivel á pelle, corre entre aservas bravas dos pousios, troviscos verdes, rosmaninhaes, malmequeres já seccos e mirrados, cardos heraldicos, em flôr, estevas resinosas, bisnagas, piornos, tojos, e perpetuas selvagens que parecem de seda e derramam na selva um cheiro de tabernaculo. A cada instante, destas vegetações malditas, saccudidas, cardumes de borboletas pretas turbilhónam; o horizonte está turvo como duma fumarada d'incendio, que ficasse no ar, sem ventos dominantes; e nas azinheiras, melros novos, calhandras gordas, rolas d'Africa, cotovias fazendo appelo em quatro ou cinco trilos, algum retardatario rouxinol cujos pequenos ainda não têm força de voar prós climas

frescos, tudo isto chilrea em pequenas séries de threnos casquinados, onde ha já todavia o mal estar de pulmões annunciando um desses horrorosos calores que pulverisam rochas, e enchem a solidão de maleficios.

Certo, inda não ha propriamente calma áquella hora, mas o ar está rarefeito, a narina resfolga, — perla do tronco um lento suor d'inania anemica, as sombras das arvores parecem, de roda dos troncos, pedaços de chão queimado: e quando do oriente o sol rebenta, como uma gemma d'ovo, vermelha, deformada em oval, sem diffusão de raios nem purpuras d'aurora, subito, uma calada faz-se na savana, e sente-se pesar o quer que é dum começo de febre perniciosa.

Paizagens duma orgulhosa e rude magestade, effeitos de claro escuro a mais não selvaticos e tragicos! Cinco planos distinctos: ceára secca, ou restolhos, com roleiros de mólhos no primeiro, onde a cabellugem dos machuqueiros novos, já tortos da ventania d'inverno, faz como especies de figuras maniacas, perorando, uns ás carreiras pola encosta, erguendo os braços estes, cahindo aquelles além, na escarpa dum barranco: no segundo plano, mamelões de matto verde-bronze, mostrando ravinas, como membros d'animaes deitados, e um ou outro laivo ou raia amarella de tojo sobre o dorso: depois o terceiro, azul

esfumado, azul pardo, sem diaphaneidades nem mimos, com manchas de rosa secca, das terras limpas, e casalitos alvejando á sombra dalguma mancha vaga d'arvores: após, no plano quarto, cristas de serra em semi-circulos de pannos scenographicos, coisas perdidas nos esforços que a pupilla faz pra se adaptar a esse raio visual de tantas leguas: e emfim no quinto plano, hypothetico, cordilheiras que podem ser nuvens, e lá longe, longe, muito longe, levantam a cabeça para espreitar por trás das camaradas. Toda esta coisa confusa, abrangida dum comoro, escarvoada a traços de gigante, faz sua sequencia de linhas fortificadas e concentricas, que cada vez cinge mais perto o ambito da ceára, fechando o ar, cerzindo o mundo e os rumores do largo á asphyxia torrida dos ceifeiros.

Elles entanto, em linha á borda do trigo, distanciando seis metros uns dos outros, começaram em silencio a terrivel faina de ceifar. Trazem as pernas apolainadas de trapos, atados estes por cordas que se lhes entrecruzam, desde o sapato até ás coxas, por defesa aos abrolhos do restolho; trazem nos braços e mãos piugas velhas, de que fizeram miténes contra as escoriações da palha ardente; e a cara mal se lhes vê sob as abas do chapeirão de feltro ou de palmeira, e o mover dos seus rhins trahe

o derreamento de miseráveis envilecidos pelas moedeiras da fome e do trabalho. Com a mão direita lançam a foice ao rez da terra; com a esquerda agarram nos caules e vão deixando atrás de si o trigo, em pequenos mólhos parallelos. Aqui, além, inda os mais novos cantam, mas nas respirações oppressas, cantiga e palestra entreçortam-se-lhes de prágas, quando o suor, trespassando a saragoça das calças e o panno crú das camisas, começa de se lhes pegar á carne, salgado e chamuscando-lhes as sarnas como fogo. As primeiras horas té ao almoço, são suaves, porque os 38 grãos do sol pouco fazem nessas indoles de salamandra, affeitas a torrar. Apenas alguma sêde, um ou outro assopro aos moscardos que os perseguem, e olhadellas ao sol para indagar se a meia hora de descanso do almoço, estará longe. Esse placido interregno, porem, por pouco alcança, que a fornalha solar refila de brazidos, graduando o martyrio na proporção da mais atroz perversidade. A oriente o sol vem caminhando, sahindo da fumarada do horizonte, passando da côr de sangue, a bronze liquido; e os seus raios, á medida que se aprumam, trazem na escandencia, nauseas de veneno, e a angustia horrorosa do metal derretido sobre a carne: rareia o ar, a aragem matinal cessã de todo, os cães arquejam, de lingua cahida, as cavalgaduras cessam de rilhar; e calando-se os

passaros, e os vôos mais lentos, os ares mais turvos, a sombra mais ephemera — a hora do tormento diabolico da sêde, não sêde do paladar, tendo por centro de refrigério a gôrja secca, mais sêde do sangue espessado nas arterias, extenuadora sêde dos tecidos, colossal, geral, que nada estanca, e sob cujo estertor o cerebro zumbe nos allucinantes delirios da insolação! Julgareis que a temperatura, marcada ao sol por 44 mortaes riscos do thermometro, tocado este acume, regresse lentamente ás virações mais frigiditas da tarde.

Mas qual regressar! são nove horas apenas da manhã, e dahi ás tres, o thermometro não fará senão subir. Começa então o pavoroso espectaculo da natureza e do homem, torturados a fogo para expiar o crime duma terdado fructo, e do outro insistir em viver delle. O almoço dos ceifeiros é parco e sem vontade: pão secco, azeitonas, algum queijo de cabra ou laranjasita mirrada, e agua! agua! agua! bebida pela bocca dos cantaros, a plena gôrja, ou de bruços nas poças cheias de limos, onde batracheos estagnam, côr de lama, d'olhos extaticos no sol como fakirs. Impaludismo, desynteria, typho, o que elles bebem? Deixal-o; a sêde não reflecte; cada gotta daquella podridão vale mil vidas; e são goladas e goladas, a cada instante o cantaro despeja-se, e o rapaz sae a mergulhal-o no charco proximo, que

os cães turvaram banhando-se-lhe dentro, e donde bandos de passaredo fógem, regalados. Meia hora de repouso após o almoço. Mas repouso adonde? os arvoredos são raros, a terra escalda, e na rara sombra os insectos chacinam, furiosos. Ao mesmo tempo começa a fazer-se um inquietante silencio na charneca, um silencio opprimido, um silencio irrespiravel.

Cessaram os vãos, as cigarras começam, e o grasnar dos corvos, nos valles de milho, faz pelo matto como um echo de disputa rouca entre uma canalha malcreada. Lá para o longe, enquanto nos primeiros planos as folhas das arvores perto, ganham uma nitidez metalica de contornos, vê-se a atmosphaera por completo encinzeirada, a luz do sol sem brilho, como que vista atravez vidros de fumo; e horrivel coisa! em certos sitios a paizagem, atravez camadas d'ar aquecidas desigualmente, como que se refrange numa successão de laminas horizontaes, apparecendo á vista numa perpetua e irradiante oscilação (*). Como é o tempo das roças, dos lumaréos d'esteva, ao longe, pelos montes, erguem-se columnas de fumo pardo, muito altas, completamente immoveis, redondas e direitas, avultando no deserto

(*) A este phenomeno optico, chama-se no Alemtejo, *carmelejo*, *caramelejo*, ou *cramelejo*. Os dictionarios não trazem a palavra.

como troncos, e escabelleiradas lá cima, nalguma zona d'ar onde inda corra viração. Para fóra dos bordos de vaso das montanhas, não se ouve nada; o socego e a solidão dominam tudo. Dentro do vaso, na seara secca, mar de pavêas sem marés, crepitante lençol de mésseas loiras, oppressos, congestionados, sorvendo o ar rarefeito com medonhos esforços de clavículas, haustos agonicos, e verdadeiros rios de suor no torso latejante, os condemnados ceifeiros lançam a foice, e a palha estála, os mólhos vão caindo nos regos, em fitas regulares e parallelas, que o manageiro acama e junta, formando mólhos maiores, atando-os com a mesma palha num gesto violento de torsão, e atirando-os para outro, que os enfeixa afinal em roleiros de doze a dezaseis, d'espigas para o ar, como cornucopias d'abundancia. Elles não fallam, toda a energia animal consumida no tumulto d'abrir e fechar o thorax ao oxigenio atmospherico; — assopram! e alguma palavra a dizer, na bocca se lhes sécca, apenas solto num gemido, o monosyllabo primeiro.

Dez, onze horas... o thermometro subiu a 48 e a 50, e o zangarreio das cigarras, prenuncio do terrivel meio-dia, a principio disperso, agora multiplica-se num unisono de milhões e milhões de gritos roucos. Aquelles ruidos fazem um marulho agudo pelo campo, parecendo, não

vóz d'insecto, mas uma supplica geral, da terra devorada, ao sol feróz. Elles vêm de todos os pontos do horizonte, e pelo caminho sommam-se aos que tótam, incham no ar, trepidam, centuplicam de furia e resonancia, vão, vêm, ondulam, generalisam-se, ensurdecedores, constantes, allucinantes, ora num chôro, ora em zumbaia, ora em chacóta; e de cada vêz que o suão abre a guela para extinguir a vida e encoxarrar as folhas das arvores, mais teimoso, intenso, aquelle marulho maldito desagrega a sua pulsação de loucura isochrona com o delirio do cerebro, a febre do pulso, e o arfar desesperado do peito, á cata d'ar. Desde esse instante a vida normal, physiologica, do ceifeiro, é impossivel, e entra-se numa flagelação, donde a poder de teimas a resistencia vital produz, no meio do trabalho, allucinações de sentidos e deliquios. Sob a direita e intolleravel flamma do sol, perdeu-se a sombra, mas o calor não é só do sol, senão concentrado, suffocante, em braza viva, radia de tudo, céga, deslumbra, exhala-se de tudo, como se dentro de cada coisa houvesse um fóco directo, incandescente. Tocar um ferro, uma pedra, uma raiz, um caule, é dar um grito de dôr pela queimadura horrivel do contacto. A luz é tanta, tão reenviada de tudo, que os olhos chamuscados perdem a noção das fórmãs e dos planos; de sorte que a paizagem torna-se

obscura, e os objectos deixam d'existir pela vista real, uniformisando-se as quatro cores da paisagem, em uma unica, a côr do vacuo, que é fulva, ardente, deslumbrante, irradiante, feita de picadas, d'estalidos, d'asphyxias, de blasphemias! Tudo crepita, arvôres, terra, ferros, rochas, animaes; faisca tudo, e a natureza toma um tom de martyrio, perante o qual, attonito, o proprio homem esquece as suas dôres. Meio-dia, a hora da sésta emfim! O manageiro faz o signal: *Louvado seja Nosso Senhor Jesú Christo!* quando já, automaticos, os desgraçados deixam a foice, em tropogalhopos, á procura d'um canto onde cahir. Sombras, aonde? O sol devora o ar; o thermometro ao sol fáz 50 graus completos, temperatura das primeiras vinte leguas d'arcia do Sahara; nos bordos do horizonte o céu parece estúpido, baço de pó, dum azul trepidante no zenith; e por mais que se contemple o quadro diabolico, feito de sol, de banalidade, de maledvolencia e de grandeza, impossivel encarar sem pavor essa desmesurabilidade de linhas, esse vasio espaço, essa nudez da terra côr de cinza, extenuada num estupor sem outro igual. Mas o que elles querem é abandonar-se, cahir prá'li, seja onde fôr. Alguns tiram a roupa encharcada e fetida do suor, e entre as estevas, immundos, nós, tombam de bruços, deslumbrados, incapazes dum esforço, flacidos, com

a inquietação sinistra da hora, um peso de cerebro que parece a cabeça rebentando do craneo, inchada de calor, e revolvendo sem appetite os alforges, com o paladar encortidado, o pão sabendo a terra, a agua a caldo, a bocca a lodo — e uma ancia de dormir, atróz, complicada do terror de ficar ali na primeira lethargia.

Dormir! tortura nova, a mais maldita e a peor que os estortéga. Fecham os olhos, amadornam, mas os sentidos exasperados da luz continua, piaffam na allucinação como cavallos de ciganos bebedos d'aguardente. Ao ouvido, o zumbir das varejeiras e atabões dá-lhes a illusão do falazar de muita gente, e vêzes sem conta se erguem para apartar facticias guerreias. As mesmas desordens no olfacto, onde o simples travo do feno aquecido se lhes exaggera na pituitaria por modos de lh'a illudir co'as asphyxias dum incendio; e calcula-se o sobresalto, sabendo como os fogos sejam, naquella região sem agua, o ululante dragão devastador! Mas allucinação torturante é a da vista. Ficou-lhes no cerebro uma claridade que se refracta atravez do somno, e faz das palpebras, stores escarlates; de sorte que, mesmo dormindo, os ceifeiros não cessam de sonhar intensos sóes, de vêr no campo dos olhos fechados, moscas de fogo, phophenas, reverberos e instantaneas auroras boreaes...

Ao cabo d'algumas horas deste estado congestivo, o desejo das trevas toma um character d'ancia adusta, e é neste momento que a impaciencia faz pruridos na pelle, e prepara aos moscardos occasião de exhaustinarem melhor o paciente. As cegueiras periodicas são também, nestas occasiões de trabalho, frequentissimas, e derivam da affluencia de sangue á base do cerebro, da acção persistente do levante, e da fadiga emfim dos nervos visuaes. Começam por vislumbres, vendo-se tudo subitamente amarello de fogo, ou azul, que se accentua com uma zoeira d'ouvidos, té que no fim de cinco minutos é abolida a discriminação das fórmas, e fica apenas uma noção de nevoa, onde se movem sombras indistinctas...

LOS DE MANGANESES

Na via ferrea de Placencia a Astorga, uma das acquisições hespanholas da Companhia Real, havia a construir um certo lanço, em cujo percurso ficava Manganeses, pequeno povo trinta kilometros longe de Zamora. Ao planeear-se o traçado que devia trazer os comboios á porta mesmo da villóta, Manganeses recusára-se, pela bocca do *ayuntamiento*, a conceder de graça os terrenos para a via. Os terrenos eram baldios e de nenhum valor pra Manganeses; sem embargo o *ayuntamiento* corria o risco de vêr os rails da via ferrea desviarem-se-lhe dos muros, só pelo filé d'embirrar com engenheiros que não eram nacionaes. Como a recusa dos terrenos persistisse, os engenheiros, parte por economia, parte por birra, resolveram evitar a indemnisação pedida pelo *ayuntamiento*, por uma extensa curva que deixava o apeadeiro de Manganeses a dois kilometros ou tres do povoado. Esta attitude audaz, a principio só

logrou esfuriar os naturaes, quer reunindo-os, ao rebate dos sinos, num protέsto á regente reclamando a expulsão dos constructores em vinte e quatro horas, quer açulando-os, numa investida de toiros, armados de cacetes, contra os empregados da obra, que a guarda civil teve trabalho insano em proteger. Não houve pirraça que os Manganesianos não fizessem para contrariar as obras em debute, começando por não vender provisões aos empregados, por lhes fecharem á chave as fontes, e indo até á prohibição do trabalho aos dias santos e domingos, com excommunhão papal, pulpito abaixo, a todo aquelle que desobedecesse á ordem do prior. Por todas as quinas de rua, terreiros e barracas de venda onde era costume reunir-se o pessoal do caminho de ferro, appareceu certa manhã colado um edital estravagante, dando sancção civil á interdicção vomitada pelo cura, antes da missa. « *Yo, D. Pio Marullo, Alcalde Constitucional de Manganeses: considerando que está interdicto por la religion del Estado que se trabaje en los dias santificados, lo que no és observado por los estrangeros que se ocupan en la construccion de la linea de ... Ordeno y mando: que se prohiba el paso por las carreteras, calles, y demás vias publicas bajo mi jurisdiccion, a todos los estrangeros y forasteros, imponiendo a los que no cumplan esta mi determinacion, la multa que me dé la gana ...* »

Vencido porem o primeiro rompante, o alcalde troçado, e encafudados no carcere alguns insurrectos mais bulhões, Manganeses, como o traçado incommodo parecia eminente, resolveu tentar junto dos engenheiros, uma conciliação airosa, e rehavér por politica o que não tinha querido acceitar a descoberto. A primeira aproximação foi complicada, porque, resentido o orgulho dos contratantes, de nenhum lado se queria condescender por fôrma alguma. As primeiras obras da secção Zamora começaram, dando-se d'arrematação pequenos lanços d'estrada e algumas obras d'arte; e nos annuncios dos periodicos, nos alárdes do pregoeiro, nos editaes da porta da egreja, Manganeses começou a vêr, aterrada, que se pensava sériamente em fazer seguir os comboios pelo traçado de vingança, prejudicando assim o embarque dos seus vinhos, e levando a Luceros, povo rival, as facilidades de transporte que a perrice do *ayuntamiento* não tinha querido aproveitar da companhia.

D'aqui um panico, e a enviada do secretario escrevente, D. Benito Sucata, hervanario e poder occulto de toda a politica municipal de Manganezes, com carta branca para com os engenheiros tratar da reíntegração da via ferrea na trajectoria primitiva. O funcçionario que o recebeu era um engenheiro portuguez, pratico e esperto, afeito ás artimanhas dos camponios,

e por mais duma vez colhido em ratoeiras semelhantes. Ouviu tranquillamente as perorações de D. Benito, deixou-o embrulhar a lingua em explicações e supplicas quanto á impossibilidade de ceder de graça as terras; e quando teve o homem vasio de rasões, e um pouco attonito da sua attitude zombeteira, redarguiu-lhe então summariamente, que o traçado incommodo seria mantido, e sem apello, se o *ayuntamiento* em duas horas não tivesse alli assignada e prêtes, a escriptura de doação que se queria. De mais, não era por defraudar o povo duma serventia commum, que o *ayuntamiento* teimava em recusar os pousios ao caminho de ferro, mas porque elle, D. Benito, todos os annos costumava arrendal-os aos carneiros do seu compadre D. Anton Villegas y Sabino, mettendo no bolso o preço, sem véstoria alguma do alcalde e mais conselho.

D. Benito, que tal ouviu, pôz-se nas cristas, e hespanholitaria insolencias, se o engenheiro não põe sobre a secretaria, bem á vista, o chicote de vergalho com que usava tagantar as mulas da traquitana de serviço. Effeito magico! que ainda o hervanario não tinha encarado bem o punho de bronze fosco do tagante, já do bolso da véstia lhe saía um papel cheio de rabiscos, sellado com todas as rubricas da ordem, e em cujas tortas linhas se exarava a cedencia dos baldios á construcção ferro-viaria portugueza,

num percurso de dois mil metros, por cincoenta de facha marginal, a cada banda.

Aqui o engenheiro encarou imperturbavelmente a cara azul do secretario municipal de Manganeses, escanhoadá até ao sangue, e onde rugiam dois encarvoados olhos de malandro. Teve-o assim um minuto nas pupillas frias d'analysta, té vel-o bem pestanejar num turbor de réu vestoriado; depois do que, saccando a pataca, accendeu um cigarro no palito de pau que outro esfregára ao forro da raboná. E foi dizendo: — Você, D. Benito, é o unico que sabe ler e escrever no *ayuntamiento* (o outro fez que sim com a cabeça), e d'isso se vale pra confundir um pouco os interesses de Manganeses com os seus. Na venda de pinheiros que o municipio tem feito á companhia, paga esta um preço que não entra todo no cofre municipal. Ha um intermediario, que é o seu compadre Anton Sabino, e tenho comigo papeis por onde se descobre ir vocemecê de cúmplice na tramoia. No novo contracto pois, será reduzido o preço dos toros té á justa quantia que entra em cofre, e prevenimol-o de que se pozer difficuldades, Manganeses saberá quem você é. Postas as bases, lembro-lhe mais que o povo de Luceros, caso o traçado lhe seja favoravel, dá metade da somma em que se acham orçadas as obras da estação: de forma que ao desejar comboio ao pé da

porta, Manganeses haverá que fazer á companhia, mercê igual, o que tudo o amigo Benito obterá do alcalde e do conselho, com a sua conhecida espertesa de valido e santarrão. Já percebeu ?

Foi-se o patego de tromba cabisbaixa, bufando como toiro cordovez ferrado no focinho, e cobrindo a Virgem e os santos dessas pragas locais, cheias de côr, que vem em todas as historias de hespanhoses enraivecidos. Esquadrinhava desforras, pedia ao inferno ronhas com que enrascasse o rispido inimigo, e quanto mais gestos tinha, mais pragas esgrimia, e mais temiveis vinganças cumulava, tanto menos socego sentia vir-lhe ao espirito transido pelas ameaças summarias do engenheiro. Deixou recozer-lhe a noite as raivas virulentas, com um pifão de vinho quente e canella, armando em suadoiro, e pela madrugada um pezadello corporisou-lhe o que succederia, se em vez de contemporisações, fosse ao portuguez com mata-moirices de hespanhol. Viu-se na praça moído de pancadas pelo alcalde, pronunciado pela justiça entre os larapios frustes da comarca, cahido de sabio em pandilha: e as troças ao passar, a ruina eminente, e a sua reputação de grande espirito na lama ! Muito difficil resol-

ver o *ayuntamiento* a subsidiar as obras da estação. E as mensagens choviam ao engenheiro, D. Benito fingindo que lh'as levava, queimando-as todas, e vindo dizer depois que haviam sido indeferidas. Ao cabo de sete dias de batalhas, o *ayuntamiento* enfim, tendo posto, como bom castelhano, toda a energia nacional nas primeiras saccudidas, subitamente achou-se lasso, enfastiado e vencido pela methodica obstinação da outra parte litigante, sendo nesse dia que D. Benito levou ao engenheiro portuguez, promessa escripta de se attender a mais esta exigencia pertinaz. Deixou o nosso ao sacripanta lamuriar miudamente o seu recado, e mesmo depois d'acabar, fingiu tel-o esquecido, por forma que elle ficasse muito tempo descoberto e de pé, no meio do escriptorio. Tendo permanecido assim, durante um quarto de hora, farto já de pousar em boneco grotesco ante o estrangeiro, D. Benito atreveu-se a dizer que resposta levaria ao *ayuntamiento*.

— Ah, sim, que resposta? ... fez o outro, parecendo hesitar no que ia a dizer. Olhe, Benito amigo, sim, diga-lhe que havemos de pensar... No fim de contas, Luceros é uma aldeia com proporções pra uma cidade, muita energia, gente laboriosa, riqueza e uns campos como não ha melhor na Estremadura... Entre Manganeses e Luceros, francamente, não me

sei decidir... e nós temos de fazer obra pelo futuro commercial das populações... porque emfim, se Luceros dá indícios de vir a aproveitar mais que Manganeses com o desvio da linha pró seu lado, nosso dever é affastarmos-nos de Manganeses, e approximarmos-nos de Luceros, ainda que isso custe mais alguns milhares de duros á construcção. D'ahi o tracado está feito, Luceros conta já com estação sua no Rocio, e como a seu tempo Manganeses não quiz aproveitar... Cada palavra era uma punhalada na vaidade campaniça do hervanario.

— Luceros, dizia elle com pequenos puffs de desdem apóz cada palavra; Luceros é uma terra nojenta, senhor pratico, um chavascal sem futuro, um pantano de sapos. Se isso existiu ha trez seculos, foi com certeza das mandadas salgar por D. Filippe. Luceros, puf! Luceros!...

E concentrando-se a preparar uma enormidade: vinhos de Luceros, puf! Numa primavera d'estiagem, diminuiu a producção mais de dois terços: podera! se elles fazem-nos com agua dos poços, misturada com urina de muar! Depois que personagens d'importancia? Acaso esse coio de trabuqueiros, onde quem tem dois duros é grande de Hespanha, póde hombrrear com Manganeses, por exemplo, em vultos historicos? Leia os poetas de Castella, senhor pratico, lá ouvirá fallar de D. Candido Patarrequi y Carvajal, auctor da tragedia celebre

que fez rebentar da cára d'Izabel a Catholica, um fleigmão endolorido.

— O que me diz você, Benito amigo?

— Ora ahi está como estes senhores estrangeiros, desconhecendo as nossas tradições, querem fazer-se passar por grandes sabios! D. Candido era um poeta obscuro, que numa viagem de Fernando e Izabel, conseguiu fazer representar deante da côrte, a sua obra epica, *Conquista de Troya por los de Manganeses*, caramba! A rainha, com um bichoco no rosto, que os phisicos nem a poder d'eleboro e papas de meimendro tinham conseguido amadurar, a rainha nem assim deixou de fazer honra a esta terra, e ao seu poeta, e apresentou-se á representação de cára atada, e uma corôa de louros no lenço, para a offerecer, no fim da tragedia, ao nosso laureado.

— ?!

— Chega o terceiro acto, e quando os de Manganeses entraram a saltar da barriga de Eneas, para dentro dos muros da cidade, S. M. desata a rir com tal gosto, que o bichoco arre-benta, e acabou a tragedia por um *Deo gratias*.

— Mas D. Benito, as tragedias são peças muito sérias, e se a rainha riu, é que a do tal poeta não prestava.

— E diz-me V. isso na cara, a mim, parente de D. Candido? Pois bem, vou deslumbral-o. Camoens, poeta portuguez, tem ouvido fallar...

era de Manganeses, *por su padre*. Como recusará pois V. a este povo a estação .que quer desviar para Luceros?

— Esse argumento abala-me, confesso. Enfim, deixe ficar a escriptura dos baldios, mande documento legal confirmando que o *ayuntamiento* custeará por metade, as obras da estação, e volte depois d'amanhã pola resposta. E' um homem habil, D. Benito, e pasmado estou que o governo hespanhol lhe não tenha já dado uma embaixada.

Um clarão de malícia almejou no olhar do sacripanta, ao redarguir: — Já agora quando a regente Christina aqui passar no comboio para... Luceros.

• A curva por Luceros fôra um estratagemma do engenheiro pra reduzir á obediencia, Manganeses, e com tal arte lançado, que duma cajadada revertiam á construcção, terrenos e subsidio, ficando o *ayuntamiento* inda por cima grato aos favores da engenharia luzitana. Para mais pezar no espirito dos brancos, foi para o campo jacente a Manganeses, no dia seguinte, um troço de trabalhadores com bandeirolas, emquanto o engenheiro fazia por deante das casas, com o theodolito, escovinhas scientificas, d'endoidecer o alcalde e os principaes da

terreola. Para vêr os trabalhos, como a nova correria, a mais graúda gente tinha vindo, com seus guarda-soes vermelhos, e bancos de tabua, cachimbar gravemente a distancia respeitosa; e todos, ignorando a significação de toda aquella geringonça, as bandeirolas escarlates em fileira, o engenheiro deslocando o theodolito a sabor das necessidades fingidas do problema, os apontadores tomando notas, etc., ardiam porque o cura ou o secretario escrevente lh'as explicassem (os patriotas indo mesmo a exigir que D. Benito, genio local, concitasse no campo o engenheiro, para uma grande controversia scientifica) — e de grupo em grupo, quando algum dos dois grandes homens se dignava alvitrar qualquer hypothese, a explicação passava d'ouvido a ouvido, precisamente, como iniciando as gentes num sacerdocio alto e quiçá vedado a cafilas d'aldeia. Neste sobresalto cahiu a noite, estando aglomerada na praça toda a terra, d'onde uma commissão partiu, d'alcalde á frente, a inquirir do engenheiro o resultado final dos seus trabalhos. Muito rogado, o moço, depois d'affectar polas rugas da testa, copia de motivos contrarios á desinvolução da pendencia pelo lado dos reclamantes, dignou-se enfim dizer que a companhia real, em vista da conciliante attitude de Manganeses, da sua illustre historia, e do promettedor futuro industrial e commercial que lhe estava reservado, resolvera ...

Todos se fizeram brancos, o proprio alcalde não conseguiu sustar um gesto d'anciedade. — ... resolvera acceder ás instancias de tão digna sociedade (*que suspiro d'alivio!*), revogar o traçado por Luceros (*ouvem-se palmas*), e construir a estação num dos topos da praça, jacente ao presbyterio (*Dios mio!* clamava o cura), ficando assim reunidos nesse magnifico rectangulo, os monumentos dos tres grandes poderes civilisadores: a egreja, o caminho de ferro, e o municipio — com o pelourinho ao meio, para enforcar quem os não reconhecesse.

Na seguinte manhã, domingo, á hora da missa, uma agitação desusada em Manganeses. A porta da velhissima egreja tinha colcha, buxo e alecrim espalhados pelo adro, e o servo do templo, em opa verde e romeira branca, agitava a matraca chamando gente á festa da parochia. De hora a hora, morteiros; carros de mulas cheios de caniços e murta nos varaes, despejando nos balcões das casas, cantorias de gente dos suburbios: ellas de saia curta, baeta escarlata ou amarella, barra de tore-lóres a preto, lenço ao pescoço, as manguinhas estreitas fazendo meia luva, e na cabeça o caramonho em *martillo*, picado dalguma flor ou pente

arrendilhado: hirsutos elles, no antigo trajo nacional da Estremadura: calções de saragoça ou bombazina, polainas aos joelhos, pespontadas com moedinhas de prata, hereditarias, e collete curto, cinta vermelha espartilhando o tronco até aos braços, e na cabeça o chapéu curto, redondo, picaro, com fita de velludo, e duas borlas na cópa, airosamente.

Aqui e alem, por deante da fonda principal, no pateo do *ayuntamiento*, ou no terreiro dalgumas casas de lavradores ricos, mastros de flores reuniam de roda bailaricos de povo, em grandes sapateados; ou eram no meio de circulos de gente, bandurras e pandeiretas que acompanhavam o requebrar das moças dançando *bailes* do paiz. Um tom de boda ia das franquezas de vinho e bolos de mel, feitas nas fondas, pelos rapazes do campo ás raparigas, té ás bandejas de mimos, licores e pasteis de grão, travados de canella, que as madamas mandavam trazer cá baixo ás portas onde palestravam os figurões amigos da familia, sentados de roda, em cadeiras d'azinho, sobre esteirões de palma com arabescos a côr, de travo moiro. A's onze horas, quasi toda a população inferior estava na praça, o sol caía a pino dum grande ceu de primavera tropical, e foi quando saiu da casa do *ayuntamiento* um rancho grande de magnatas, vestindo á cidadã, módas antigas, com o alcalde Marullo,

d'estandarte espalhado, para ir buscar ás entradas da villa « *el señor pratico* ».

Já este os aguardava, num declive do rio, conforme o ajustado, abrigando-se da calma sob os freixos sombreiros da riba em flôr, onde o creado, em mangas de camisa, dava de comer ao cavalicóque do dogcart. Ahi é que foram medidas, permutas affectuosas e evohés ! Tornou-se o rancho em convívio jovial pra Manganeses, todos a gesticular e a fallar numa poeirada raza, erguida pelos pés, das gredas do caminho ; e apenas lobrigaram por entre as arvores o arco grande da praça, onde o terreiro, com bandeiras e cordas de buxo, marcava a área destinada á estação da via ferrea, um foguete deu signal de homem á vista, e da villa logo, aranzeis de vivório celebraram no ar a chegada do cortejo. Avançou para elles então a musica da terra, constante de tamborins, pratos, dois fagótes e algumas cinco ou seis gaitas de folles ; e traz della a gentana, com descantes e vivas barbarengos, numa sara-banda diabolica, onde os amarelllos e vermelhos das saias mordiam bem no tom das saragoças masculinas !

A entrada na praça, sumptuosissima ! Estavam as damas todas nas janellas, algumas juvenis, muito dengosas, dessas hespanholitas brancas, de bocca pequenina, cabellos ondeantes, cinta friavel, pretexto para um leque, que

são entre as indústrias do paiz, a que menos pervertido se tem pelo contacto das módas estrangeiras.

O engenheiro portuguez, rapaz solteiro, e que a principio deliberára gozar ironicamente as festas de que era alvo, quando se viu coberto de flôres pelas pequenas, mirado por olhos de velludo, risonhos de prazer, e volvendo-se-lhe enternecidamente no encalce, reverteu pouco a pouco seus propositos de troça, em sentimental lamécharia: e de Jupiter sardonico eil-o volvido em Adonis choringas. A Deus rendia graças de haver accordado com os de Manganeses o convenio, antes de lhes ter visto as filhas, e de se deixar cair em festivaes — que doutro modo (pensava, criticando-se) onde iriam a estas horas os interesses da companhia, e a sua reputação de diplomata archi-sutil?

Entraram à egreja num refluir de gente em borbotões; todos queriam vêr « *el señor practico* », a quem Manganeses devia o ter estação á porta; e captivadas da sua mocidade, as mulheres do povo tocavam-lhe no braço, apontavam-no ás filhas « *que guapo chico, Maria!* », emquanto os velhos « *dice el señor alcalde que es um muchacho muy entendido* », e raparigas e rapazes soltavam a espaços exclamações carinhadoras, « *monillo és, por Dios!* », e os mais plebeus « *chaval precioso, caramba! el señor practico!* ».

O templo, antiquissimo, romano, specimen da architectura religiosa do seculo xi, tinha uma nave unica, de quinas duras, em cujos varandins dois monstros de pedra vomitavam a agua das chuvas para o adro. Uma noite caía das abobadas, em penumbras funereas, onde a douradura das capellas pontilhava um ou outro florão metallico e mortício. E o engenheiro mirava, em amator dos seculos lithurgicos, esse sanctuario lugubre e algido verdadeiramente do suor agonico do Christo, quando ao virar a cabeça viu uma hespanholita metter a mão na pia da agua benta, e com um movimento de piparóte ungir-lhe a testa, toda córada do seu papel d'archanjo-guia. Com ella vinham outras principaes de Manganeses, todas de claro, os olhos té á alma, e volitando-lhes de ródá, sylphos de juventude, cuja rustica simplicza não acanhava o riso das suas boccas em flexa, marcadas no labio inferior por uma goteirinha onde telingavam gottas de magia. Já conturbado, o nosso bello engenheiro sentia o cêrco, percebendo o veneno amoroso a correr-lhe no espinhaço, a lhe ganhar o cerebro e o peito, aos repellões; por forma que em dois minutos uma paixão romantica tinha-o empolgado, uma paixão de portuguez de vinte e quatro annos: e eil-o a offerecer o braço á da agua benta, por signal filha de D. Benito, o secretario escrevente, indo com ella assim,

noivando, egreja adentro, emquanto as mais não se cançavam de boquejar « *que buena sombra tiene!* » umas prás outras, porque aos ouvidos d'elle chegassem, perolados, os rumores dessas catechésés lisongeiras.

A festa foi estupenda : missa cantada, sermão do sr. cura, o qual, tendo tanto de reaccionario como d'esperto, depois d'arengar que o progresso fosse inseparavel da religião (podendo-se ser ao mesmo tempo catholico e empregado do caminho de ferro) introduziu no offertorio elogios d'arromba ao « *señor pratico* », illustre filho do paiz visinho, talento uberrimo e generosissimo character, que para com Manganeses se houvera por guisa a fazer amigos « *hasta en los mismos animales* ».

A estas palavras o pobre do rapaz franzira a testa, alvitrandó chacóta no auditorio ; mas todos tinham tomado pelo lado sincero a hyperbole bufona do prégador, sendo a filha de D. Benito a primeira a lhe baixar a cabeça por tal honra. Desde esse momento estava sagrado protector de Manganeses, e era de vêr qual procuraria obrigar-o com mais deferentes mostras de hospitalidade e cortezia ! Ao terminar do sermão, os principaes vieram todos abraçal-o, cercavam-no as raparigas com grazinadas d'aves amorosas, e foram convites, miradas, congratulações, risos, parolas, um borborinho na egreja, entusiasta, que os foguetes picavam,

rebetando no adro entre os estrepitos dos pandeiros e as voltas das cantigas.

Dolores, a filha de D. Benito, era porem de todas a que o engenheiro punha a seu lado, no altar que Manganeses lhe erigia. Fina, felina, com grandes olhos languidos de sexo, e uma brancura spasmica de virgem n'assumpção, realisava o sonho nupcial a que todo o lisboeta aspira entrando em casa a trautear a jota da *Cadiz*, ouvida por dusentos reis, no Colyseu. Nessa magia romantica que ella lhe dava, só havia a principio um vago espreguiçar d'amor vicioso, cortical e sem ranhuras patheticas na razão : mas pouco a pouco, uma invencivel pena começou a alancear-lhe a sensibilidade, a lhe attenuar na memoria o nimbo doutros idolos, e appareceu-lhe então o rosto de Dolores no corpo de todas as mulheres, a voz de Dolores em todos os diffusos sons dos seus ouvidos, o destino della enlaçando-se no torcicollo dos seus calculos, surgindo, nimbado em estrellas, da sarça do seu peito, e transfigurando-lhe de ródá as brutalidades da vida, aligeirando-lhe os sonhos, sentada, com um sorriso d'almeia, no poial de todas as casas onde elle desejou ter um leito e uma banca de trabalho.

De sorte que ao ensimesmar-se na analyse daquella sezão sentimental, o pobre portuguez viu-se embeijado, e querendo reagir, tão lorpaemente o fez, que ainda mais patinou no fogaréu

d'amor que ella ateava. Entretanto, á sahida da egreja, toda a gente de Manganeses discutia o mais rapido caminho a tomar, de suas casas, para a estação, dada a contingencia duma jornada ferro-viaria.

Reparou-se que D. Paschoal Rincon, grande proprietario viticultor, que vivia no arrabalde, em cásas de horta, fosse o que mais trabalho teria para vir da residencia á estação, nos dias d'inverno. Elle estava presente, e foi aproveitando a oportunidade para mais uma vêz se queixar do *ayuntamiento*, que zelando as careteiras dos contribuintes amigos, só as da sua tapada esquecia, ao Deus dará. Foi a nota discordante do congresso, mas prometteram-lhe justiça, e a páz tornou a fazer sorrir todos os rostos.

Até á hora do jantar gastou-se o tempo a percorrer os mastros da praça, as sálas das familias ricas, e as frasqueiras de todos os bons viticultores. Por toda a parte, cordealidades um pouco brutaes, mas generosas, razões ardentes, e um sentimento da hospitalidade levado ás extremas larguezas da desinvoltura, expansivo, largo, leal, cheio de fartura, mas exacerbado por todos os impetos da hyperbole castelhana, e dos Peryneus p'ra lá, desconhecido. Todos

queriam reter um instante em sua casa, *el señor pratico*, sental-o á sua mesa, fazer-lhe provar o seu vinho, contar-lhe os seus negocios, mostrar-se com elle hombro a hombro, numa conversa cheia de gestos e camaraderias expansivas.

Acquiescia elle benevolmente naquellas farças innocentes, pondo-se ao nivel de todos, fingindo interesse pelas suas narrativas, comendo pasteis de todas as bandejas, a ponto que estando a suciata no jardim do presbyterio, bebericando um escarchado real que fazia o cura, subitamente uns poucos propozeram se desse o nome do engenheiro á praça principal, compromettendo-se o alcalde a arborisar com platanos, o recinto, e erigir no reverso da estação o monumental chafariz que estava planeado. Mas iam sendo horas de comida, a musica soava já para as bandas da casa de D. Pio, e todos, alargando os côzes, já um pouco soltos de palavras, seguiram o alcalde, com allusões á voracidade com que lhe haviam d'entrar pelo festim. D. Pio era um homem vermelho e já careca, com dois olhos d'ameixa, e um queixo em cornucopia, vivendo sem filhos, mal-a mulher, numa abastança nédia de morgados. Eram fallados os seus bahús de prata antiga, os seus canapés de pau setim, colchas e paineis de bôa escola, o todo herdança dum tio que fôra conego em

Segovia, e que amontoára aquillo, sangrando em epochas calamitosas o erario da cathedral, por varias vêzes. A casa delle, numa boccada da villa, grande, sobre uma arcaria de granito fasciado d'almofadas salientes, era um destes especimens do palacio hespanhol do seculo xvii, com janellas duplas ás esquinas, ferros forjados, cimalthas duras e portadas freiraticas, que tanto abundam na Estremadura e Andaluzia. Por dentro, as grandes peças a cal, os tectos de tumba e as portas monumentaes de carvalho preto, davam uma impressão de fria austeridade. A largura e grande pé direito das salas faziam parecer a mobilia escassa, e certos bocados de sumptuosidade, como frisos de madeira esculptada, rente ás abobadas, com pedaços de ráz inda pendentes, e rodapés d'azulejo relevado de florões lineares, á moda arabe, alastravam na casa, pelo contraste das paredes caiadas, uma nodoa de miseria rica, e rebeldia ás coisas de gosto, onde as figuras do alcalde e da mulher moviam seus perfis fanaticos e mesquinharas de vida camponeza. Nenhum dos dois esposos sabia lêr, e todavia a casa agricola de D. Pio Marullo era um modelo d'administração e economia, graças aos cuidados de D. Benito, escravo obediente do alcalde, e diziam que seu futuro herdeiro, na pessoa de Dolores, afilhada dilecta dos dois velhos.

Ao subirem a escada, de tijollo, com balastrada de ferro correndo entre frades de cantaria brunidos de velhice, foi D. Benito quem nos recebeu como intendente, perguntando-lhe o alcalde, numa valente prága, se não seriam horas de papár.

Estava tudo préstes; Dolores acabára de bordar os ultimos enfeites de canella e cravo da India nas travessas de manjar que D. Preciosa estivera fazendo para sobremeza da illustre companhia (*bamos! bamos!* dizia D. Paschoal, sorrindo para os lados do engenheiro): Luna estava á fornalha, a apurar o macarrão de pato e a defina de porco: Celestina armára a meza; e quando o secretario dizia estas palavras, passou no corredor um rapaz com taboleiros vindos do forno, onde em tijellas de fogo, quatro perús de recheio atiravam pró ar as pernas mutiladas, afogados em tubaras relusentes de pingo e polpa de tomate. Todos bateram palmas; o cura, jovialissimo, e tornado bom rapaz por aquella confraternisação geral do seu rebanho, feita, sem no saber, pelo engenheiro, o cura mesmo esboçou a meia voz um motivo de malagueña onde *las chicas* representavam papel nada inferior; e dalli a nada entravam todos polas salas, chufando as moças a seu modo, e tocando nos paineis de santos com as ponteiras dos cacetes. Aqui interveio D. Preciosa, a patroa da casa,

armada em madama para a cerimonia do festim. Saudou com repetidas vénias o engenheiro, deu abraços no prior, inquirindo se a mana estaria melhor da esquinencia apanhada no terço a S. Chrispim, e vendo D. Paschoal, desatou a dizer que lhe não perdoaria nunca o ter deixado as senhoras na quinta, emquanto elle alli folgava como solteiro sem compromissos. Logo se compuseram; o que ella queria era vêr todos de saude e festejeiros, e obrigou-os a pôr os chapéus, inquiriu do engenheiro o nome da terra, a qualidade, a idade, o feitio e o numero das pessoas de familia, quando surgiu Dolores a dizer que a comida ia prá meza.

Foi uma algazarra, e a casa de jantar invadiram-n'a agarrados uns aos outros, dançando como malucos, o que infundia surpresa na dona da casa, acostumada a só ter ao jantar a caronha sorumbatica do marido.

Em Manganeses ainda hoje se falla no jantar do alcalde ao engenheiro, como duma destas principengas coisas que as familias ricas commetem pra que os herdeiros depois se gabem no futuro: tanto a magnificencia farta das cobertas, alfaia, moveis, pareceu exceder *todo lo visto*. Quando já os olhos se pregueavam numa ternura molle de borrachos, o alcalde, fazendo signal a Celestina, fez espalhar o vinho velho, e erguendo-se, meio tonto, do

tamborete presidencial onde comera, fêz as honras da hospitalidade ao seu conviva, exaltando em discurso a honra de o ter ao lado, e a alegria de, posto humildemente, collaborar com elle na obra do engrandecimento de Manganeses, « do qual lhe pareciam depender todas as prosperidades hespanholas ». Todos applaudiam, de cópo no ar, D. Preciosa e Dolores sobrelevando a grazina geral com saúdinhas particulares á mãe, ao pae, aos avós, irmãos e parentes do engenheiro; e ainda as creadas faziam circular os doces e fructedos, em cestos de prata, passando o perú com tubaras aos que mais gostoso lhes fôra morrer, do que não repetir quatro ou cinco vêzes o petisco, quando, chegado o momento do portuguez brindar á companhia, viu que lhe negavam o vinho velho das saúdes, pedindo-lhe Dolores sustivesse um instante-sinho a verborrhêa. Elle assim fez, e D. Preciosa aproveitando a ausencia da afilhada, que sahira á despesa com um jarro de prata, em salva equivalente, começou um panegyrico longo da pequena, escorregando-lhe por entre duas allusões a casamento, a declaração formal de que seria Dolores a herdeira universal dos seus haveres, conforme testamento feito, havia pouco. Elle nem pestanejou deste bóte directo ao romanesco amor que o trabalhava. A hespanholita veio, com o jarro de prata cheio de

vinho, uma creada seguia-a com seu calix de rica cinzelura, e a dona da casa encheu-o dum Xerez d'opála, até á borda, opála torrada, olorante, limpida, tão antigo quasi como Deus, que Dolorita apresentou, com toda a casta de venias, ao rapaz. Era a saude de honra, o momento solemne do festim. Estavam todos de pé, aguardando as palavras do engenheiro — Dolores por traz do tamborete, jarro ao quadril, os olhos scintillantes: e Celestina chamára as outras moças da cosinha, como se na casa estivesse para acontecer alguma coisa excepcional. E o portuguez num relance entre viu tudo. Tendo lançado fóra o guardanapo, e com o calix cheio, nos dedos tremulos, começou por saudar « um dos povos mais entusiastamente affectos ás coisas da fé », como muito bem provava ha tantos seculos o seu cavalheiroso espirito catholico, e dos « mais instinctivamente educados para o progresso », segundo davam testemunho as opiparas festas a que acabava d'assistir.

Muito gostaria que Portugal estivesse todo alli, para fazer justiça ao jubilo patriotico de Manganeses, e (*relanceando os olhos, á procura de Dolores*) entre os dois povos irmãos se jungir definitivamente um laço indissolúvel d'aspirações idênticas, destinos reciprocos, amores e interesses eguaes, eternamente. Jámais, na sua já longa peregrinação scientifica, achára,

como nesta terra, corações tão finamente hospitaleiros, e intelligencias tão alta e superiormente accessíveis a commungar nos grandes movimentos da civilisação contemporanea ... Não queria melindrar o pudor citando nomes, mas que lhe fosse permittido resumir sobre trez das cabeças presentes, os ardentes louvores que desejaria endereçar a todos os de Manganese, sem excepção.

Primeiro as damas, (*e enviou um sorriso babado a D. Preciosa*) de quem, para tudo dizer, levava impressões d'inolvidavel gentileza, a ponto de desejar fazer irmãs das novas, e equiparar as outras no culto que religiosamente votára a sua mãe. Depois o cura, modelo de concordia, cujo nome já ouvira citar ao bispo de Placencia, como um dos mais sabios e pacificos evangelisadores do seu bispado. Finalmente o alcalde, esse homem cordato, laborioso, esse espirito largo, esse aperfeiçoador de povos, por mercê de quem Manganese se ia enfim tornar um centro agricola á altura da reputação universal dos seus vinhedos, e cujos talentos civicos e administrativos ainda esperava de vêr aproveitados, cedo talvez, em meio mais largo, por algum ministro justiceiro e corajoso. Déra os trez hurrahs do estylo, vasando o calix dum trago, em meio dos applausos furibundos da assemblea. A ninguem mais fôra servido o vinho de Xerez, e

quando o engenheiro se virou para entregar o calix a Dolores, esta fez menção de o deitar fóra, com um movimento semelhante aos dos toureiros arrojando a montera no offertorio duíma sórte á magestade.

Este discurso, abrindo ao engenheiro os corações dos trez elogiados, de caminho facultou-lhe a mão de Dolorita, e por ella a posse duma fortuninha redonda, em terras, dinheiro, e muita e preciosa alfaia d'interior. Quando sahiam os noivos da egreja, D. Benito, tomando o genro de parte:

— Veja como o dinheiro revira os mais soberbos. Quem, ouvindo a nossa entrevista ha quatro mêzes, alvitraria que você viesse a casar com a filha dum ladrão ?!

O MONUMENTO A SOUSA MARTINS

AMIGO. — No *Seculo* de 26 de julho leio uma pequena noticia, onde sob pretexto de ter apparecido, entre as proposições duma these da Escola Medica, não sei que affirmação desfavoravel sobre o valor artistico da estatua a Sousa Martins, e genio do respectivo auctor, se advoga a ideia de deitar abaixo o monumento, e limpar a memoria do medico duma afronta a que a sua grande vida jamais deu motivo aporpinquado. O *Seculo* mesmo, que sem ser jornal de pezo em factos d'arte, move todavia a força dos seus milhares de leitores d'encontro ao assumpto, o *Seculo* advoga com palavras vivas a demolição do monumento, dizendo que tal « é o desejo de todos os que amam a sua terra e conservam a memoria dos seus grandes homens », — sendo pena que semelhante opinião venha tão tarde, chocando as antigas laudatorias insertas por este mesmo jornal, e muitos

outros, sobre os talentos de Queiroz Ribeiro e as formosuras da sua destemperada borra-cheira.

Enfim, não se póde exigir coherencia em escriptos vindos de tantas partes, sobre assumptos na maioria estranhos á sympathia dos redactores principaes ou proprietarios, e que feitos inserir por qualquer recomendação d'amigo, não obrigam mais o jornal a guardar memoria do que nelles se diz de bom ou mau. O certo é que o *monumento*, acceite pela commissão como definitivo, foi inaugurado em publico, entregue ao municipio, e desde Março lá espera, defronte da Escola Medica nova, que um vingador o estatéle em lascas pelo chão. Não condemno maiormente a commissão de medicos e homens de lettras que se resignou a votar á immortalidade do grande apostolo, aquella infame bonecage.

Com a pequenez da terra, a falta d'intuição e educação artisticas, manifestas sobretudo em confrarias scientificas, com a apathia condescendente dos habitos lusos, e a força aglutinativa do empenho, que tudo mina, a commissão não poude talvez, como quero crer seria seu desejo, livrar-se de preferir o kagado ao leão, á uma porque o kagado trouxesse talvez credenciaes politicas, que abrem todas as portas, e á outra, porque em arte portugueza, leões, só o do caffè da R. do Principe. Manda a

justiça contar os tramites do concurso para a estatua, a que eu assisti, por graça especial d'amigos fazendo parte da commissão organisadora. Publicado o programma, e fixado prazo para a entrega dos esbocetos, appareceram seis ou sete peza-papeis de gesso, quasi todos do mesmo typo corriqueiro — (uma columna com estatua ou busto, debeis allegorias de massa no sóclo, detalhes de bolo d'amendoa no prepero decoral dos accessórios) — e por toda a traça delles, um mal amanhado de coizas, uma fadiga de phantasia, uma ausencia d'estro poetico, d'elegancia, d'energia, de vida, que a nossa vontade foi quebrar logo alli a ucharia toda, e mandar á fava a esculptura portugueza.

Para esta ideia dum homem de genio, raro entre os mais raros, dia e noite votado ao estudo e trabalho d'arrancar gente ao sepulchro, quarenta annos de convivio entre miserias e dôres, capazes de seccar quarenta almas, quanto mais uma alma como a sua, altiva e sempre sequiosa de generalisações e leis eternas; — para esta ideia dum espirito que em vêz de murchar para a piedade, ia ao contrario sutilizando em prodigiosas tamisações de ternura humana, o seu cada vêz mais vasto circulo d'acção; — para esta ideia dum Jesus Christo medico, vivendo de dar, de consolar, de levar a cabo, elle só, tarefas d'assembléas

e institutos, escriptor, orador, artista, patriota, philantropo; — vida em tudo digna de servir de base a uma religião, que seria uma especie de Christianismo opportunisto, escorado na sciencia, com os olhos fitos na belleza, eternamente evolutivo e transformavel; — para esta ideia duma figura assim rajada d'esplendores, flâmando, pura e serena, sobre o mar egoista dos negocios, das intrigalhadas, dos crimes, a esculptura portugueza não achou materialisação mais lucida do que um póste de pedra sobre o qual destacaria um boneco de casaca ou bécca de lente, tendo aos pés uma palma, uma velhaca nua, um chafariz, um cabaz de maçãs ou uma bandeira! Ah raça espuria, raça de pintamonos e de loiceiros, desmemoriada, insensivel, polluindo a gloria dos outros, levando á posteridade os nomes illustres, como os gallegos levam fretes de bahu! Pela craveira baixa das maquetas concorrentes, foram os olhos da commissão levados a se fixar na do Sr. Queiroz Ribeiro, que embóra violando a escala do programma, comtudo surgia, com certos escrupulos de factura, e na bestialidade circumdante, com seu arranjo não desprovido de harmonia. O demorado exame de todos os esbocetos, deixou vêr que o melhor era este, embora falseada a escala estabelecida para os outros, e gasta no acabamento da maqueta, uma minucia que quazi só é costume

empregar-se em trabalho definitivo. Inexperiente em girias d'*atelier*, e quasi toda de medicos e professores de sciencias positivas, a commissão organisadora do monumento certo que não podia dar pelo artificio da violação d'escala, e maior approximação no acabamento, duas manhas visando mostrar a maqueta do Sr. Ribeiro, pela sensacional distancia a que deixava as outras, sob uma luz d'insinuancia e perfeição, em que facilmente pechótes viriam queimar-se a fogo rapido. E assim succedeu: não haver um voto discordante, preferirem todos o esboceto Ribeiro, quando uma especie de jury profissional, composto de pintores e homens d'arte, relegava, *una voce*, aquelle trabalho, preferindo-lhe um outro, e batendo em brécha as preferencias unanimes da commissão. Hão-de explicar-se estas preferencias teimosas, como birra de gente acostumada a não soffrer conselhos? Por forma alguma! Todos sabem o quanto a emulação e o ciume açulam rivalidades e odios entre profissionaes que vivem da evidencia do publico. Escriutores, actores, homens de palheta e homens de cinzel, tudo isto são mulheres na vaidade com que se desvanecem de si mesmos, e na presteza com que, pela mais pequena beliscadura d'orgulho, perdem a attitude, e armam na rua guerreias de meretrizes e alcovêtas. Gente absorvida na missão d'escorar o ideal na *expectativa das

gentes, d'exaltar em obras de philantropia e belleza, a realeza do homem, d'erguer o espirito do publico enfim para as vertingens da arte e da poesia, quando succede lavar entre si a roupa suja dos juizos criticos, dos salarios, dos negocios, torna-se de repente sordida e sem generosidade, arrancando-se da bocca o pão já mastigado, e desencadeando cóleras e intrigas, de que só nas cadeias se poderão topar analogas versões. Vinte annos de convivio entre estas populações coroadas de loiro, deram-me a nausea das suas pórcas cucarias, o desencanto até das proprias obras do espirito, que não poucas travam á sania do descalabro interno, invalidando o que o talento nellas podesse pôr de rutilo e pairante. Não estamparei aqui racontos provativos: nem o espaço me sóbra, nem tampouco me quadra o mister de mexingueiro. Baste-se saber que essa má vida interna das nomadarias artistas, de resto conhecida, precavera a commissão organisadora contra a opinião do jury de pintores e technicos d'arte, por ella chamado a dar parecer sobre as maquetas do monumento a Sousa Martins, fazendo-a presistir na preferencia Queiroz Ribeiro, cujo projecto, pelos artificios fallados, lhe parecerá avantajarse aos dos collegas.

Neste ponto, já os incredulos contravinham:

— Mas que farão vocês, se elle não fizer o monumento, como seria d'esperar, pelo rasoavel esboço que apresenta?

— Recusa-se e está prompto.

— Porque enfim, vinha outra voz, do lado, se esse tal Ribeiro não tem feito até agora senão monos — o *Coração de Jesus*, que é um *cul-de-jatte* em pé, offerecendo fressura de carneiro aos que cahem na tolice de o adorar; o *Vasco da Gama*, que é um acaso de deformidade anatomica, topado numa pedra porosa de cascata; a *Cidade de Lisboa*, que fazia o Colen bramar na livraria Gomes, e o marquez de Franco, por pirraça, lhe mandou, num dia d'annos — quaes garantias dá elle de bem se desempenhar da tarefa d'architecto e esculptor a que se obriga?

— Uma garantia é a maquete que a commissão já preferiu.

— Essa não basta.

— Resta vigiar de perto a execução da obra, e intervir a tempo, caso não saia digna de ser vista. Porquanto, de duas, uma. Ou o homensinho teve o accessio lucido que o esboceto annuncia, e vae revelar-se; ou ha um collaborador occulto, e esse nos garantirá a execução definitiva.

— E se o jury de pintores é que tem razão, e realmente valesse a pena escolher outro?...

Isto é que á commissão custava a admittir, á commissão e a toda a gente, haver alguém que por amostras más, podesse vir a fazer trabalhos bons.

Confiada ao tal Ribeiro a esculptura e construcção do monumento, aceitou-o a commissão tal como se vê no Campo de Sant'Anna, e foi elle inaugurado a 7 de Março de 1900, na presença dos reis, povinho, côrte e classes cultas, onde cópia d'artistas e estudantes das escólas superiores, cujas responsabilidades flagrantes no attentado muito cumpre ferir neste raconto imparcial.

Bellamente podia a commissão ter recusado a obra, ainda antes de completa. Não lhe faltariam por certo occasiões; exemplo, quando o esculptor quizera barrar a cantaria do obelisco com uma especie d'ócca, de seu invento, sobre que, dizia elle, destacaria melhor o bronze mate das figuras, por seu turno avivadas, *a pincel*, por um ou outro laivo d'oiro, como é costume ver-se na pacotilha de zinco que vende o Mattos Moreira, em pés de candieiro e castiçaes. Mas não o fez — quaes os motivos?

A' uma, a commissão, conscia talvez das melindrosas responsabilidades apenas á resolução dum problema d'arte, a que cumpria po-

zesse visto uma auctoridade certa na materia, delegára a fiscalisação da obra em dois artistas laureados, e por isso talvez foi descansando e pagando, sem maiormente averiguar do que pagava. A' outra, o receio de escandalo e chicana, por não ser facil exigir a restituição da somma paga, sem dissabores pessoaes, que ninguem hoje quer ter, por coisas poucas, sabida a energia tibia do portuguez de gabinete, que sendo muita vez um auctoritorio a escrever, não passa a executar, dum pusilamine. E por ultimo ainda, uma tal ou qual hesitação do criterio mal escorado em erudições d'arte, e afinamentos da sensibilidade esthetica, attinente, o que faz com que estranhos só confusamente sintam o mau estar que uma obra bronca produz em nervos trabalhados no mister de soffrer e de sonhar.

Descobertos os bronzes do monumento, este patente á multidão que enchia a praça, não se produziu nella repelão algum de cólera ou chacóta, nem houve na bocca da gente illustrada e livre, sequer um momo desdenhoso, uma voz, um gesto de censura ou de desprezo, e todos continuaram sonambulos daquella ausencia mental e daquella falta de personalidade que são as características do portuguez bem educado, snob imitador, mais capaz de tomar gazozas que iniciativas, typo cobarde, que a responsabilidade aterra, e para quem

tudo deve já vir de fóra, feito, a moda, a comida, as opiniões, os filhos e os negocios.

Naquelle momento escruciançe para todos, em que, nas barbas dessa Escola monumental symbolisando a sciencia nova, as flamulencias da apotheose a Sousa Martins mais pareciam exhibições de pelourinho, aventesmas de patibulo, nem uma vaia d'estudante, um protesto d'artista, um brado de consciencia revoltada, chamaram á razão aquella gente toda, cumplice duma chacota monstruosa, reintegrando-a no espirito de glorificação que alli a conduzira, e fazendo-lhe ver naquella obscena obstrucção da via publica, chamada estatua, menos do que o *remember* dum parvo a um gigante — a achincalhacção ridicula ás inviolabilidades duma vida em tudo digna de respeito. Se, como o cadaver de Goya, Sousa Martins podesse meter a cabeça polas frinchas do sepulchro, como elle gritaria d'estentor a sua raiva áquellas gentes cegas que o afrontavam!

Vac, que á ignominia proxima, outras cor-
rêsponderam, remotas, cathegorisando o quanto
ainda agora é bossal a gente portugueza, indif-
ferente ás coisas de gosto, e sem emoção para
o culto moral de certas ideias, datas e ephe-
merides, como não succederia se ella, em vez
d'instinctos chalros, houvesse o nivel alto, o
espirito soberbo, e a nobre emolucção dum
destino social, proeminente.

Por exemplo, na imprensa, em vez duma campanha fecunda, revindicando a nobreza da arte, symbolisadora eterna da sociabilidade, em typos d'epopêa; em vez duma boa rajada vermelha de desprezo, vingando o morto afrontado pelas necedades senis dum paranoico, o que se viu, foi, ou artigos suspeitos duns caga-cebos que se afôram pelo jantar á doiradura de todas as taboletas de dentista — ou então silencios commodos, noticias neutras, o *recebemos e agradecemos* que permite ao artigoleiro ficar bem com toda a gente. Os estudantes que Sousa Martins acarinhou tanto, e para quem ia toda a sua solicitude e bonhomia de sabio paternal, a ponto de proteger á doida os de vocação litteraria, que impunha aos collegas, e exaltava nos centros de cavaco, tendo mesmo inventado alguns que não chegavam a dar o que elle sonhara, nos seus prognosticos expansivos; os estudantes, que tudo lhe deviam, e para quem o culto do seu nome devia ser uma especie de tic doloroso; os estudantes deixaram sem castigo o attentado da estatua, e o estatuario, e sonambulos elles mesmos, cançados e anti-estheticos como o resto, assistiram a tudo, alheios, como quem não tem consciencia do que vê. Do povinho, não fallo: é uma desprezível besta molle e acefala, com uma aptidão unica, produzir força, servir o homem, enriquecer quem na azorraga. Não

podia pois ter o culto de Martins no grau de melindre preciso para, reconhecido o monumento uma *pochade* réles, o escavacar na praça á cacetada.

O *monumento* ! Graçola dum louceiro alvar em dia de camoeça. Sobre uma base oitavada, uma pyramide de oito metros se levanta, tendo no tope um escudo e uma bandeira. Na face virada para a Escola, uma boneca de bronze, em pé, que dizem representar a « sciencia moderna », aconchega ao ventre um panno avoejante, e faz com a outra mão aquelle gesto dubio que o reporter do *Seculo* chama « apontar para o infinito ». Na face contra a praça, estatua de Sousa Martins, bronze sentado, a lêr, num pulpito de lente, quando nos degraus da pyramide uma rapariga lhe offerece rozas da canastra pousada apar de si. Nas faces lateraes, sobre a moldura ou facha do plinto que serve de base á pyramide, mascarões deitando agua sobre conchas emmolduradas de folhagem. Dentro da banalidade usual destas consagrações da praça publica, não se pode dizer mal composto. Em photographia mesmo, a linha architectonica figura certo aprumo galhardo; e como se não vê dos bronzes mais que a mancha, o obelisco na

perspectiva parece alguém. Mas são só apparencias, porque esse typo de memoria, pela sua repetição, quarenta annos, em outros tantos squares do mundo, não corre já com nome d'auctor, nem tem domicilio averiguado, é patrimonio de quantos copistas o continuam a impingir como seu, por outros squares e clareiras, té que alguém crie typo novo que elles possam bifar seguidamente. Quero dizer que a unica feição sympathica do monumento, a linha geral, não é Queiroz Ribeiro, nem sequer pelos detalhes minusculos lhe pertence, pois o trofeu sobrepujando a pyramide, e os bebedoiros de chafariz que tem na base, se acham repetidos por muitos monumentos similares do paiz francez, onde elle os viu e foi buscar.

Todo o trabalho d'esculptura em bronze e pedra, é miseravel, e assim vária decoração, que por avulsa e descorrelacionada dum unisono creador, apparece como coisa de remendos, trahindo o *pilha aqui, pilha alli*, do texto de Bocage. Exemplo, a guarnição de folhas e flôres que borda, pelo lado de fóra, as conchas da' agua — que primitiva e réles porcaria! Qualquer bossal canteiro delineava melhor e iria realisar mais limpamente. Os lanceolamentos de folhas aquaticas, e campanulas das flôres chamadas jarro e anagoa de Venus, que como plantas do humido, teem ondulosas nervuras, mollezas respirantes, voluptuosidades,

flexibilidades de vegetaes ingurgitados, parecem na cantaria do Sr. Queiroz Ribeiro, coizas de zinco, quebradas, cheias d'angulos, dum latoeiro ignorante das linhas do desenho, nesta terra onde a tradição poly-secular da escultura em pedra acostumou o publico a quasi nem já reparar na prodigiosa aptidão dos seus mestres lavrantes e canteiros. O mesmo quanto á aposição imbecil dos mascarões na moldura superior ou facha do plinto em que repousa o obelisco. Primeiro, esses mascarões são escarradores de Bordallo, textuaes, podendo talvez como caricatura, passar por graça, mas sem logar num monumento a serio, onde o seu typo de caraças d'entrudo, fallido de modelagem anatomica e sem unisono de feições tendendo a uma integração decorativa, expressiva, intensa, trazida pela logica do adorno e philosophia do detalhe — o seu typo de caraças d'entrudo, dizia, logo accentua no artista um pobresinho da arte e um falhado da sua profissão. Pois que querem dizer senão miseria mental, chateza conceptiva, burrice esthetica, ignorancia, essas mascaras de capellista, penduradas dum prégo, a meio da facha do plinto, sósinhas d'ornatos, e sem que essa facha, para as receber, se ovále numa cercadura d'encaixe, um medalhão qualquer donde brotassem, como dum centro, relevos, folhagens, accessorios que por uma desinvolução decoral prendessem

•

melhor as mascaras á pyramide, e mesmo, toucando o *panneau* do plinto, de cada lado viessem descendo a formar por ultimo a decoração das conchas ou bacias onde o jorro d'agua é recebido?

Se das esculpturas na pedra, chegarmos ao bronze, as subserviencias d'arte irão subindo na medida duma censura formal aos consentidores dessa afrontosa exhibição. Estatuas d'illustres, perpetuações pelo bronze, de memorias celebres e grandiosas coizas, só sendo a esculptura primorosa, que ligue, pela emoção esthetica, a vida á arte, e somme os effeitos numa synthese de sympathia social capaz de fazer parar o publico, e bater o coração de puro extasi. Vasco da Gama por Miguel Angelo, seria duas vêzes grande — por Queiroz Ribeiro é grotesco, duas vêzes.

Como a obra escripta de Sousa Martins, alem de pouca, é toda ella inferior, dado o seu nome; como o seu verdadeiro grande papel é o de philantropo, a quando clinico, e a quando lente, o dum vulgarisador original — coizas fugaces de que não fica documento, nem é possivel, na amnésia das gentes, gravar data — oh como daqui a cincoenta annos hão-de sorrir os vindouros, se pelo monumento que hi está, quizermos convencel-os da grandeza moral e mental desse campeão do espirito moderno, desse orador fogado e perturbante, desse sabio-

poeta, abrindo a buril phrases-medalhas, passando num relampago, do facto á ideia, da ideia ao sonho, onde a mais alta poesia scientifica, em esfusiadas de paradoxos deslumbrantes! Como exprimiu então o Sr. Queiroz Ribeiro numa figura, a personalidade alta, a força methodica, a synergia cerebral intensa e rutila que foi na vida o professor Sousa Martins? Como exprimiu elle o apostolo sabio, o ironista lyrico, o vulgarizador audacioso, cuja palavra mordente, colorida, profunda, togava de linho e purpura a mais lucida ideação que teve, nos ultimos quarenta annos, a par de Manoel Bento, a Escola Medica? Como, por via do symbolo, allegorisou elle a historia deste igregio — que musas lhe pôz de roda — com que attributos de genio e de trabalho suggeriu ao passante as poderosas forças de realisação dessa cabeça, que irradiava as franjas duma aureola? A sua mulher nua, personalizando a sciencia moderna, é uma parvoíce que os copistas banalisaram té á nausea, e que só se tolera quando o esculptor academise a femea co'a bravura dum mestre anatomista. Mas o Sr. Queiroz Ribeiro, coitado! nesta desexuada tronga dá o estalão dos seus recursos na arte de, como Vasari diz, « fazer bem uma mulher e um homem nus ». A sua alegoria ainda se desculpava em pasta, na sala do risco, sobre uma cascata ou tanque de zinco, nalguma festa

d'esquadras, pois seria apenas transe duma noite, e não é costume a bebedeira fazer critica. Quem viu uns bonecos de pão doce que vendia o padeiro da Calçada do Carmo, logo põe dedo nos modelos do supradito Queiroz prás suas nymphas. A mesma modelação em massa de fermento, tufada a capricho da cozedura; por cabello, lama semi-fluida, buracos por feições, tapumes de metal escorando-a ao obelisco, em vêz de roupas — ella desquadrilada, chata, estupor com pernas de chumaço e mãos serpiginosas, que é um verdadeiro aborto anatomico — quando o Sr. Ribeiro escusava talvez sahir de casa, para exprimir a sciencia em symbolo isoterico á altura do seu estro: exemplo, um coelho junto duma caçaróla, tendo por cima uma colher. — Catita! O coelho representando a viviseccção, fonte de toda a sciencia medica contemporanea — a caçaróla, os caldos de cultura: quanto á colher, diz o ditado, quem tem vagar as faz, e era o que elle devia fazer, em em vêz d'estatuas.

Vae-se á estatua de Sousa Martins, e cahe-nos a alma, de vêr até que transe a mediocridade achincalha tudo aquillo que tóca, e o quanto urge livrar o professor da aviltacção cruel em que está posto! A cabeça, por guar-

dar uma tal ou qual physionomia, a que não falta o artificio dos olhos esburacados, para o effeito da expressão transfigurada que o estuario lhe não saberia dar, noutra feição, a cabeça inda lá tem uma tal ou qual pareença do morto, uma ou outra fosseta ou gume que o recordam : mas em que manequim grotesco a articularam ! E' uma especie de corcunda sentado numa latrina de quarto, apoiando-se á mão dum braço nascido sem espadoa, por debaixo do pulpito, e com uma chanca de gallego badalando sob uma campanula de sino que figura a orla da tóga escolar que o monstro veste. — O fracasso que seria, se o lamentavel homunculo podesse erguer-se em pé !... braços, pernas, cabeça, como não teem espinhaço donde partam, se espalhariam em bocados pelo chão. Ah pobre organização de sabio-estheta, cujo instincto agudo via para fóra do existente, correndo sobre pés delicados, á cata de perfeições ultra-possiveis ! — poeta das renovações, das insurreições, das ironias, das ternuras, cuja alma eolica qualquer bella coiza acordava em devaneios de rapaz e assumptões d'ideal sempre indiviso ! — homem dos altruismos nobres, das dedicações intransigentes, dos desafogos altos, das aristocracias de culto e de palavra ! — homem do violento amor physico, o amor acobreado, ardente, de que, diz Nietzsche, « a guerra é o meio e o odio mortal dos sexos a

base » — consolador supremo, em cujo peito morreram tantas cabeças illustres, choraram tantos olhos desgraçados — apostolo-medium, cuja presença nos torturados, calmava, como um banho, esse terrível dialogo do ser com o destino, que travam todos, nas trevas do *por dentro* inconsciente, — ah pobre força sósinha, como lá dentro de ti trovejaria esse desprezo d'arya, essa colera de principe da dynastia solar, conquistadora, caso podesses vir da morte á presença do pelourinho em que a tua gloria apodrece, por entre as vaías da canalha! Tu que leváras os nativismos d'artista ao requinte duma visualidade ultra-pathetica, tu que tinhas da forma a percepção dum grande Benvenuto, tu reduzido a escariôte de praça, emaçarocado em formigão por um santeiro de Christos faias, d'alvaneo se atrevendo a estatuário!

De sorte que é preciso remover da praça a estúpida memoria, ou por acordo, tardio, da commissão com o municipio, ou por algum voluntarioso acto de minorias lucidas, prêtes a restaurar para o morto a posteridade severa a que deu júz a sua vida de genio e de trabalho. No Campo de Sant'Anna, e á frente da Escola Nova, é que esse entulho vil se não

conservará por muito tempo. Tudo o demanda : o intellectismo viçoso que numa capital deve exhalar-se de tudo e vir a nós, como oxigenio, o bom nome da arte e dos artistas, a massa monumental do novo palacio, e finalmente o decoro da rua, onde vem senhoras á janella, e creanças podem perguntar... Ora como forçosamente a ideia duma consagração pelo bronze torna á lembrança dos fieis de Sousa Martins, convenhamos num monumento menos attentatório da gloria dos outros, agora que o prurido dos enthusiasmos cegos passou, e que uma voz remorsal grita na consciencia de todos : e Magalhães Coutinho, e Manoel Bento e Camara Pestana ?

Estatua na via publica, enchendo square, parece-me um exagero d'admiração, nocivo até para o proprio estatuado. A' uma porque a gloria de Martins seja, perante a rudeza amnésica do publico, uma coiza de certo modo melindrosa, pois em vinte annos, esquecido o pobre dos beneficios do clinico, e esquecido o discipulo das conferencias do lente, não haverá meio de proval-a á gente inculta ; e á outra porque em Portugal a estatua politica tenha monopolizado as praças, a ponto de se dizer que « a rua é do rei », e quasi parecer mal expôr um homem puro no local onde tanto pulha se bronzêa. Restaria então fechar num templo o idolo, e fazer o culto intimo, rouban-

do-o á genuflexão da parvula gentalha. Eis o aspecto sensato: dar o nome de *Sousa Martins* a qualquer instituto activo, sanatorio, hospital, laboratorio, cifrando nisto os contactos da rua com tal nome; crear depois no atrio da Escola Nova, sob os arcos do claustro interior, ou na falta d'atrio ou crasta, entre os relvões do jardim, uma procissão de bustos ou figuras, onde o bronze eterno posterise, não sómente o professor Sousa Martins, como todos os grandes mortos do professorado clinico de Lisboa (e implicitamente condemno a substituição que se pretende fazer no monumento do Campo de Sant'Anna, attentatoria sempre do trabalho alheio, que mesmo imbecil, deve ser inviolavel), tudo porem no recato severo do Templo Medico, entre os silencios do estudo e a communhão dos altos credos profissionais, sob um perfume de sonho reverso ás familiaridades da plebe feróz que não entende a gratidão...

ESCRITORES DRAMATICOS E SEU PUBLICO

Agora que a eloquencia do pulpito perdeu a força, e que a eloquencia do jornal perdeu o credito, a auctoridade e prestigio do theatro accentuam-se, como os da unica moderna tribuna donde o moralista e o chocarreiro possam prégar o verbo á turba-multa. Aproveitar a curiosidade que elle desperta no publico, para atravez ficções litterarias lhe ensinar coisas mais solidas — forrar a litteratura scenica de conceitos tendentes a anotar criticamente toda a pathologia social da vida contemporanea — illuminar os passatempos da turba com obras phantasticas, mirando-lhe o cultivo da imaginação devaneadora — introduzir, direi, na carpintaria do theatro, a grande arte, tal me parece que nos differentes generos scenicos deva ser o empenho dos que, nesta quadra de mystificadores, ainda ponham na arte d'escrever e pensar uma certa consciencia.

Os que acham a litteratura theatral uma arte secundaria, evidentemente confundem a arte de escrever peças, com a de as papaguear, ou fazem criterio pelos originaes portuguezes dos ultimos annos, quem sabe? — criterio estranho, que nos levaria a negar naquelle ramo tão actual das Bellas-Lettras, a possibilidade dalguns homens de valor.

Se não são muitos os grandes em theatro, não provem isto da litteratura dramatica ser um genero mesquinho, senão de serem os escolhos tamanhos, que o vencel-os demande arrojos de condor. A ausencia do descriptivo, a succintez do dialogo e do estylo, a concisão symetrica das entradas e sahidas, fazendo do theatro uma psychologia viva e uma litteratura d'acção, dispensam naturalmente certos predica-dos discursivos, com que, por exemplo, num romance seria facil mascarar faltas d'interesse e atabalhoações mentaes do romancista. O ajustar em meia duzia de scenas, divididas em tres capitulos ou actos, um assumpto inteiro, com principio, meio, e fim, e que ás vezes pre-suppõe decorrer em meia duzia d'annos, tam-bem em vez de passar como um absurdo me-chanico de proscenio, se me afigura difficuldade estimulante (tal num poema a medição syllabica dos versos) que afervore pelo obstaculo a veia esthetica, e nervosise a obra, conden-sando-lhe as bellezas em fumegantes *raccourcis*.

Tanto o genero é difficil, que desde Dumas filho o theatro estacou (*), tateando sem atinar caminho paralelo ao que seguiu o romance, do romantismo para cá; e mais ou menos deliquesceria por tentativas dispersas, como as do theatro de *M. Antoine*, umas disparatadas, outras esplendidas, todas sem norte, se não surgira das brumas polares esse escandinavo creador d'almas sombrias, especie de Corneille do desespero, Ibsen, o mystico sonambulo de cuja obra nihilista gotteja a podridão da terra encharcada de vicios e doenças.

Em Portugal, onde tudo são tentativas, e qualquer o ramo d'obra, nenhuma especie d'actividade fecha cyclo, o movimento dramatico (cinjo-me ao contemporaneo p'ra não massar) consta até agora da tragedia *Frei Luiz de Souza*, unica de genio, ainda assim eivada dos seus defeitos de obra prima, e duma serie de dramalhocos e comedias sem plano, pouco reflectidas, mal observadas, e pela maior parte escriptas segundo o corte do figurino francez, corrente na estação.

(*) Foi isto escripto em 1895. Posteriormente começou em França um resurgimento, hesitante, mas claramente influenciado pelos dramaturgos allemães e escandinavos, e tambem um pouco pelo *ar novo* que as questões sociaes e moraes vão fazendo respirar ao espirito contemporaneo.

Os auctores, vindos de Garrett até nós, teem talento, bem sei, talento immenso, mas enfermam quasi todos de não saberem do seu officio senão os grosseiros rudimentos de carpintejar direitos d'auctor, em vez de peças. Tenho applaudido alguns sinceramente — lancem-mo em rosto, vá — se bem que renegando-os á sahida do theatro, furioso de, por um atavismo de raça, me ter deixado embaír por suas fungosidades oratorias, fórma vivaz da desorganisação mental contemporanea, tomando desacertos por theses, e por psychologia o miolo de palha das figuras. As causas desta bandalheira litteraria são complexas, e não divergem das que em outros ramos parallelamente aviltam a consciencia da nação.

Em primeiro logar temos o publico, que regula a escolha do producto artistico, visto ser elle quem paga, escuta e sanciona a obra, exigindo-a á imagem da sua phantasia, character e estadio de cultura interior; publico que em Lisboa se não póde dizer composto de labrós-tes e ignorantes, pois quem vae aos theatros não é o operario, mas as classes abastadas e superiores, a roda rica, a roda elegante, a roda culta, o beijinho, e nas platêas de D. Maria, do Gymnasio, da Rua dos Condes e Trindade,

a maioria é gente d'escolha, arrotando cursos, leitura, illustração — officiaes do exercito de terra e mar, dos que custam milhões e dão o tom; commercio, artes liberaes, profissões, posições donde a ignorancia é banida, pelo menos no texto da lei que lhes faculta o exercicio. Coisa singular! toda esta gente, que devia, depois de tantas provas publicas, ter um nivel mental sobrepairante á banalidade da córja anonyma, um criterio exigente, um gosto, já não diria perfeito, mas equilibrado sequer em coisas triviaes como é exprimir opinião sobre o livro lido, dizer em generalidade os porquês da sympathia artistica por um quadro, saber escutar uma aria, dirimir o substracto duma scena, ter o faro enfim, que raio! das coisas bellas da vida — toda essa gente, sahida da penitenciaria das suas occupações, ao ter de deitar fóra as muletas, de proceder como autonoma, de chamar a terreiro a *mens* deliberante, subitamente alheada, refo-lhando da parvoíce ativistica, a estupidez aco-corada lá em *travesti*, fica de bocca aberta, sem saber dizer uma palavra:

Deve-se explicar esta lesão do livre arbitrio, não exclusivamente pela ignorancia litteraria (porque enfim a sensibilidade artistica até melhor se faz nos livros de sciencia) mas pelos defeitos da educação geral, que tem semcerimonisado os cursos por fórmula, por exemplo,

na vida official não ser necessaria a cabeça para nada, bastando notas e empenhos para o individuo chegar a certos postos, regulados por certos vencimentos; e tambem por uma degenerescencia organica da gente, mal cruzada, comendo mal, com sangue preto (directo ou recochetado do cruzamento brasileiro), destrelhando precoce nos deboches, debatendo-se na garra das diatheses, e hereditariamente empulhecida por sessenta annos d'avós politicos que fizeram do constitucionalismo uma canalhocracia stygmatisada a penduricalhos de Nossa Senhora da Conceição.

Mercê destes factores, e doutros rasteiros mais, que ao plés não vem, reina por toda a parte, nas classes, instruidas, uma horrorosa inania intellectiva, uma cobardia d'opinião mascarada grosseiramente de desplante, uma indifference por tudo, uma incapacidade de trabalho reflexivo, provindo de não poderem demorar a attenção num ponto, alem dum apice... Ninguém digere o que lê, ninguém reflecte no que ouve: uma phrase fere apenas pelo eufonico, a ideia inutil — e eis ahi a razão do successo de quasi todos os nossos oradores, de quasi todos os nossos comediantes, e de quasi todos os nossos dramaturgos. O publico, passados os primeiros minutos d'attenção, hypnotisa-se do movimento das figuras, da orchestração syllabar, da vida dos gestos;

e o sentido da predica, ou da scena, desinteressam-n'o. Orador ou actor podem então impingir-lhe o que quizerem; elle não ouve; o esgoto da attenção, signal da sua inferioridade anthropologica, prohibe-lhe de seguir o mais rudimentar dos raciocinios; e nisto se fiam os Alpains, os Joões Francos, os Valbonzinhos, e outros declamadores de palco ou de comicio, para sob o enfatico de tribunos, lhe debitarem toda a casta de sensaboria ou d'esperteza — *á la Palisse*.

Trezentas vêzes tenho convidado frequentadores de D. Maria e do parlamento, a fazer comigo a seguinte experiencia: seguir na bocca dum fallador publico qualquer, comediante ou deputado, uma tirada oratoria de dez linhas, e reparar que, mesmo prevenido, ainda o orador está no meio da tirada, já o experimentador imperfeitamente poderia repetir de memoria, as phrases do principio. Se a tirada em vez de dez linhas, tiver vinte, então não são só as palavras della que escapam, mas o sentido mesmo que se emóssa, primeiro nas suas cambiantes lateraes, depois detalhes, e seguidamente a ideia mãe. Imagine-se o que succederá com o espectador anonymo e desprevenido! Esse não ouve nada: o simples ruido glotico dos titeres lhe basta, sem guarda ás particularidades da articulação bocal: gestos, figuras, côres... não pode mais; e se a

tirada é applaudida, tenham a certeza que a maior parte, tendo ouvido só as ultimas phrases, applaude sem saber de que se trata.

Tanto isto é verdade, que ha episodios de dramas, representados pelos actores duma fórma, e que a platêa entende ao inverso, sem isto parecer prejudicar o effeito concludente e emocional de cada acto. Coisas de choro, provocam riso, os personagens trocam as deixas, supprimem bocados, e o pateta do espectador tudo manduca e acata, com passividade igual, e igual estupidez.

A este asserto supponho se poderia fazer uma contraprova singular. Tomar cinco dos dramas historicos ultimamente vistos no D. Maria e D. Amelia; de cada um colher seu acto, a esmo, formando com os cinco (entre que, claro está, não haveria a menor ligação d'entrecho ou unidade de linguagem) uma especie de drama historico novo, que iria á scena sem prevenir-se o publico da ratoeira armada á sua papalvice. Dou-lhes um doce se, finda a obra, trinta pessoas sahissem estranhando a logica da peça e a salgalhada até dos nomes das figuras. Quando estava em D. Maria a companhia de Brazão e manos Rosas, havia lá uma peça celebre e gostada, em cujo quinto acto morria nonagenario um heroe que no prologo seria frouxo adolescente. Um grupo de *pessoas da sociedade*, aprovei-

tando a voga do drama, delibera leval-o á scena em recita d'esmola; e ensaiado a primor, cada tragico sonhava já corôas de loiro, quando subito a dama nobre adoece, sendo o grupo forçado a transferir.

Como viesse présto o carnaval, um ribaldeiro propõe armar-se em farça o drama — de que maneira? — invertendo-o, isto é, vindo a representação do epilogo para o prologo, o que pelo desconchavo das scenas daria uma pulha em tudo digna das jogralidades da quadra, ao paladar da fina roda a quem a picaresca recita era offerecida. Às oito horas, de feito, a sala cheia, começam os carpinteiros a montar a scena do quinto acto; o panno sóbe, e representa-se a peça por forma que depois do protagonista morto, eil-o resuscitando d'acto em acto, sem ser preciso explicar como se póde dos noventa annos retroceder té aos desoito, tornando-se a careca em cabelleira, em felicidades d'amor, a solitude, e a cachexia senil em rubia venustade. Agora heis-de julgar que o successo faceto da peça exhuberasse de muito a expectativa do folião que tivera lembrança de o inventar. Pois foi o contrario justamente! A peça, assim desarticulada e desconnexa, inda mais logrou commover e angustiar os assistentes, e foi um tal successo de pranto por aquelle velho que resuscitava e vinha fazendo annos ao contrario,

tomando gosto á vida e á berzundella, até ficar mocinho d'aula, que um espectador para sahir mais cedo houve que pedir emprestado um guarda-chuva, e certa madama (diz o *Diario de Noticias*, condessa) não tendo já que atirar, atirou-se ella mesma lá de cima, que até parecia uma canastra.

Outra causa deprimente da litteratura dramatica é a maneira como se intende na imprensa periodica fazer critica. O jornalismo de Lisboa, que salvo casos, é o mais incompetente do paiz, apenas cura, num ou noutro jornal mais sério e auctorisado, tratar á altura questiunculas de politica partidaria; o resto, verbos d'encher que o redactor entrega á creadagem. Os jornaes, ou são instrumentos da cubiça dalgum ex-ministro ou director geral; divorciados, por exclusões eleitoraes, do seu partido, e mirando crear *situação*, para desforra; ou noticiosos, não passam d'esquinas onde a besbilhotice chroniquisa as porcarias da vida da cidade — quem se matou, quem agarra bubões ou quem pediu a mão da prendada D. Elvira.

Nas redacções é o redactor principal o personagem d'importancia; trabalhe por conta propria, ou ajornalado ao serviço duma parce-

ria, galardoam-lhe d'ordinario os talentos com trinta mil réis mensaes e a promessa dum officialato de setenta mil; e como poucas vêzes seja um escriptor, um homem de gosto ou propendencia artistica de senso, acontece que esse cavalheiro, afóra a sornice do artiguinho politico, de nada mais se importa e nada mais sabe fazer. A missão de nas outras secções da folha, espalhar ideias e fazer opinião sobre os problemas correntes, fica pois entregue ao rato de redacção, que é quem faz tudo, desde a cinta dos jornaes até á critica dos livros e aos *compte-rendus* do instituto bacteriologico.

O estado de rato é o ultimo, social, de que por via de regra lança mão todo o menino cuspidos dos outros modos de vida onde se exija trabalho assiduo e responsabilidade moral ininterrupta. Fica já nas fronteiras da vadiagem, e finge dar domicilio e profissão a individuos sem habitos de faina, que interromperam os estudos, foram postos fóra d'escriptorios, ou gastaram a legitima paterna e estão a vêr. Para todos os modos de vida se requer attestados de competencia; só o rato de redacção tem carta branca; nem saber escrever precisa, e quando muito exigem-lhe no passado destas coisas policiaes que fazem o caracter e dão *presença d'espírito* para a lucta. Quem suppor que eu exaggéro, abra os jornaes do dia

em que me ler, quatro ou cinco ao acaso, e em dez minutos fiska motivo de lastima, de troca, d'indignação e d'ignominia!

Restrinjo-me ao ponto de como se faz nos jornaes a critica dramatica, e digo assim: no melhor caso, essa critica é exercida por analphabetos pagos com o bilhete d'espectaculo, não sabendo escrever, nem pensar, e precisando dos apertos de mão e da placa de cinco tostões de toda a gente. Que quer esse pobre diabo sem roupa branca, vivendo d'iscas e do onanismo litterario dos *novos*? — fazer-se tolerar, viver, está claro: na redacção, pelo nivelamento da sua estupidez á dos leitores do jornal, o que é o meio de não hostilisar o assignante; na vida litteraria, pela lisonja soez aos escriptores de nomeada, cuja convivencia sempre envaidece; no theatro, ás arrecuas aos comicos, para a entrada nos camarins, a recolher o *petit-mot* das gajas, tido cá fóra pelas senhoras particulares em grande conta.

No melhor caso sempre, isto é, suppondo o rato critico um individuo decente de character, nem elle teria independencia, nem tão pouco miragem mental para juizo dramatico de confiança: recrutado entre os relassos de collegio que justificam as reprovações por pécha litteraria, não saberia dizer senão grandiloquencias parvas; e por outro lado, com aquella vida cebacea de jornalista para todo o serviço,

esfomeado a credito pelas casas de carapau frito, pautada d'ambições, annos e annos, pelos regalos e empregos do director em chefe, desesperado das botas rotas, das cerdas esqualidas no beijo, dos punhos de duas vistas e dos *cache-nès* amarrados ao pescoço, ao pobre diabo falleceria arreganho para vasculhar de dentro do dramaturgo applaudido, o idiota.

Mas quasi sempre porém, por pedidos secretos, reverte a critica dramatica a bem d'intruso estranho á grossa faina do jornal; é então algum traductor corrido, algum *soute-neur* de actriz, algum tapeceiro de *levers-de-rideau* contando pôr em scena, drama; algum cunhado ou preguista do auctor — o auctor da peça mesmo — que commentam e *valorisam* na imprensa as producções que as empresas põem no tablado. Não raro, se vêem formar em quatro ou cinco jornaes, pequenos syndicatos de direitos d'auctor, onde outros tantos comediographos se defendem reciprocamente os productos, desviando do favor dos theatros, por conspirações de silencio, ou descomponenda, as peças estranhas.

Faz proximamente dois annos, foi em D. Maria uma coisa dramatica que os amigos do auctor queriam por força vêr engrinaldada. A peça era uma indigestão de sensaborias e estulticias, e o gallinheiro pateou, o que fez

crescer cá em baixo a furia dos amigalhaços, finalizando a scena em sopapo e injurias grossas, e nos jornaes do syndicato soltos artigos d'invectiva aos pateantes. Scenas eguaes se vieram repetindo depois, em outras *premières*, e o syndicato, que ainda dura, conseguia sustentar, a despeito das quedas, té á recita d'auctor, as peças dos seus socios, quotidianamente reclamadas por elle d'admiraveis e empolgadoras obras primas.

Este processo indigno continua, e o publico vae cahindo, mercê dos stygmata fataes que o assignalâm como escoria de raça sangrada d'energias. Passe o leitor em revista todos os nomes que nos diarios de Lisboa subscrevem criticas dramaticas; não encontra cinco de talento; se a lista fôr de vinte, apenas terão instrucção primaria, doze; o resto, vergontearsinhas de vadiagem mildiwsadas de preguiça, patetinhas das duzias parodiando do francez as agilidades d'elefante do Sarcey, gente que faria enfim sem intelligencia um rol de roupa, quanto mais a analyse d'uma peça!

Colloque-se agora o escriptor dramatico entre este publico e esta critica, e compute-se o que impreterivelmente succederá, mesmo aos que, cheios de talento, alimentem pela sua

arte, ideaes d'inconcussa probidade. Todas as condições de progresso e estímulo, essenciaes num officio em que o cerebro carece successivamente de se afinar pelo confronto das grandes obras, por uma concentração sollicita de faculdades, e pela assimilação de leituras superiores, ao alvorecerem num meio assim crasso, estacarão como repezas de numa primeira obra haverem dado tanto, e irão regressando nas outras (em vez de progredir) té ao estadio moral em que o escriptor, de nivel c'os seus juizes, passa de guia intellectual a ser o phonographo reles da bossalidade artistica do vulgo. E' o que succede aos que não teem a coragem de se isolar como anachoretas, no seu canto, como fizeram Herculano, Camillo, Anthero, João de Deus e Oliveira Martins antes de *dandy*, sequestrando-se das admirações traiçoeiras dos botequins e dos *foyers*, e levando a heroicidade ao ponto de só produzirem por gravidez d'espírito, obras sazoadas, filhas da sua convicção, refolhos do seu eu, embora para isso alguma vez fosse mister violentarem a hypocrisia official, verem de perto a miseria, ou pôrem a ferro em braza a crapula do tempo! Escrever bem é pensar bem — nem sempre — des'que moderadamente emanou das pharmacias litterarias a receita de parodiar paginas de mestres por um processo automatico que as espurga de

toda e qualquer scentelha cerebral. Graças a essa receita, surgem nas litteraturas contrabandistas, degenerados com a habilidade d'imitar toadas celebres — taes os que se dão toada de Junqueiro, d'Eça de Queiroz, de Verlaine, Meterlink e os mais em vóga — pavoneando-se como creadores e artistas de pulso no meio dum publico paralytico que levanta estatuas ao Fontes, e na apothese de 8 de março chamava João dos Dedos, ao apostolo da *Cartilha Maternal!*

E assim devia ser, des'que os que lêem, não teem discernimento para separar o joio, do trigo, a creação original, pessoal, da parodia acephala, e des'que os que criticam, resvalam a indignidades peores do que os que lêem.

Olhem para o que se está passando nas lettras portuguezas: escriptores cujos escriptos possam considerar-se o instrumento graphico dum cerebro autonomo, ha quando muito cinco ou seis, dos chamados velhos, que vivem para ahi troçados por uma caïnçada d'implumes, melhor cabida nas Monicas, a cozer butes, do que nos papeis a deshonnar a faina dos typographos.

Esses escriptores de modo algum são restos de gerações litterarias antigas, porque, já disse, em Portugal nunca houve movimentos litterarios espraiantes, continuando-se, fazendo escola, creando tradições; esses escriptores

são apenas avulsos e rarissimos casos de mysanthropos videntes, restos d'almas altivas que o escarneo fez desabrochar, como flôres, no meio da lama, creaturas inuteis no bandalhismo estrangeirado que faz o fundo intellectual da nossa gente culta, e que se fizeram por si, sem dever nada ás escolas, aos poderes publicos, aos mimos patrios, divergindo, batalhando, resistindo sempre, mau grado a sua falta de funcção. São as excepções, dizia eu, tirante as quaes, o resto é a algaravia bossal e um pouco desprezivel dos repizadores de toadas; e nisto não ha catilinarie, amigos! olhem que eu tenho alli na estante os cincoenta volumes *novos* dos ultimos dez annos, e posso mostrar-lhes de que originarias fontes procedem todas essas obrinhas gagas, verdadeiras masturbações de cerebros impuberes, que reduziram a litteratura nacional a um automatismo glotico de surdos-mudos, e em que ultima expressão miseravel de plagio e caganifancia artistica cae toda essa reflorecencia moderna de dramaturgos, contistas e poetas que por ahi se chamam talentos uns aos outros.

Que em certo ponto, logico é que a familia litteraria manqueeje dos tumores brancos das outras suas contemporaneas: pouca amplitude mental como a familia scientifica, pouca limpeza de mãos como a bancaria, gosto á pros-

tuição como a burguezia, e cada vez mais amiga de gozos materiaes, triumphos sem trabalho, espalhafatos e ovações seja a que preço.

Escrever bem está cada vez sendo mais serio; só para crear lingua são necessarios vinte annos de trabalho. Os que hoje debutam, vem sequiosos de successos, mas não querem pagar-os por esse longo martyrio da aprendizagem obscura que só docilisa a penna ao perfeito colear do pensamento, quando de todo se apagou o sorrir na bocca murcha do escriptor. Por consequencia, como a critica é benevola, e sem exigencias o publico, toca a arranjar uma coisa que pareça arte e não passe de missanga para pretos. Estas gentes d'agora são praticas, meio intrujonas, cynicas; perderam a fé, e da dignidade teem apenas os apercebimentos necessarios para estarem ao abrigo da policia; naturalissimo pois que não desdenhando ellas lançar mão do casaco alheio, escrupulisem pouco quando se tracte de pensar e escrever uma obra honesta, ou de simplesmente em jornaesinhos fazer vista com o estylo, as theorias e paradoxos dum escriptor (*). Quando appareceu ha vinte e

(*) Porque a verdade é esta: nada em Portugal auxilia a concentração e labores dum homem de penna, que em não enfeudando os seus talentos ás

um annos a *Morte de D. João*, os Junqueiros que nove mezes depois romperam a amesquinhar pela parodia os alexandrinos satanicos do poeta, foram tantos, que por fim já não era possivel descriminar o original, da imitação: imagens, melopéa, rimas, genero d'imaginação, tudo roubado, cada larapio pugnando-se como o verdadeiro auctor do elixir.

Quantos Eças pequenos derivaram do *Padre Amaro* e do *Primo Bazilio*?... Até as noticias dos diarios eram feitas da cascaria do Eça verdadeiro, e a cada instante o *largo sol*, o *punha tons*, e outros estribilhos de periodo de que o romancista se servia para cerzir

trapalhadas da politica e aos charivaris banaes do *struggle* commum, começa a ser mal visto, a ter fama de maluco, a fabricarem-lhe historietas infamantes, e eil-o na solidão moral dos pincaros que pagam caro o terem-nos feito maiores que os outros montes. Se o homem resiste, e ao cabo de vinte annos de leituras e observações reflectidas, d'estudos serios de sciencia e d'arte, consegue um peculio digno de se cristallisar nas paginas dum livro — dum livro em lingua chispante, metallica, marcial, damasquinado d'imagens, de botes secretos e de caricias acusticas — a primeira pessoa que depara ao sahir da toca, é um cavalheiro, primeiro official do ministerio da justiça, alatinado e nullo, *mestre de todos nós*, que lhe offerece editor sob condição dum prefacio da sua lavra. O editor, gallego esperto, depois de folheado o manuscripto, propõe dez

falhas de composição, advinham á penna dos *reporters*, como ultima-moda do pelintrismo litterario lançado pelo mestre.

E' talvez superfluo insistir nos assaltos á litteratura doutros nomes: os pastichadores de João de Deus, Cesario e Anthero, malandrins de proposito calcando sobre as composições mais bellas daquelles artistas, bocados phonographicos e roufenhos, que lhes tragam aura da banda do publico ignorante; os quatro ou cinco pandegos que transportaram para Coimbra a algaravia symbolico-isoterica dos conventiculos em que se pulverisou em França a reacção contra o realismo de Zola, reacção

libras, afóra descontos, e mostrando o cadastro dos successos litterarios do anno, averigua-se que orçam a 300 os exemplares vendidos, por cada 800 dados em brinde a jornalistas que já com dois pontapés ficariam bem brindados. Advirá portanto o triste na utilidade cruel dos seguintes aphorismos: — 1.º é perder tempo tentar o grande com publicos preparados apenas para o reles — 2.º escrever não é um sacerdocio, mas um modo de vida; o trabalho aprecia-se pelo que rende, e nunca pela influencia que produz — 3.º a litteratura do livro não compensa, e é necessario recorrer a outra mais bem paga...

guiando a est'outras deducções:

— Copiemos toadas,
intrujemos o publico,
escrevamos antes para o theatro.

que se compra toda em Montmartre por vinte cinco tostões, incluindo piolhos e o dictionario *d'argot* que serve para a lêr; a banda dos *sósistas* de Coimbra, imitando o poeta Nobre até nos manteus de Santantoninho, em certos versos de sachristão, nos votos de pureza eucharisticados a pilulas de mercurio e tendo por divisa a epilação do pubis e o roubo da Salve Rainha — e daqui para baixo os vermes dos vermes, restos de restos, embriões d'em-briões, coisas já quasi que sem vida articulada, litteratisando por caretas, gestos aphonos, mais cheios de basofia do que Goethes, e bem pintando entre que degenerescencias pôde acabar uma juventude medrada no criminalismo anarchico que é o fundo moral da geração.

Não digo que esta exploração da litteratura *nouveauté* seja mania exclusiva do grupo d'inferiores que tem por cargo zelar os bens da arte portugueza; mas os que sem macaquearem o extravagante, chouteam no cultivo do que julgam ser a sua maneira propria, repizam, sem no saber, tambem, toadas, como os primeiros; e passam-se dezenas de nomes sem topar escriptor que seja ao mesmo tempo um espirito d'alguma profundeza. Olhem para os de theatro, de Pinheiro Chagas para cá. A *Morgadinha de Val-flór*, que foi a grande peça litteraria do ultra-romantismo, é uma

oratoria *brilhante* que seguiu de perto o *Rapaç Pobre*, de Feuillet: qualidades do que chamavam estylo, teria, ao tempo, mas não ha um typo que resista, nem meia hora de dialogo que faça dizer do auctor — eis ahi alguém que vive de si mesmo...

A EXPOSIÇÃO DO GREMIO ARTISTICO

ABRIL DE 1899

E' uma das numerosas e edificantes versões que já temos para provar que os movimentos d'arte em Portugal, falham cedo ou tarde, mercê do industrialismo que introduzem nelles os amadores e os charlatães. Estas exposições annuaes de pintura e d'esculptura, começaram sob as vistas paternaes dalguns artistas probos, como Silva Porto, e durante annos conservaram o campo, não diremos sagrado pelos productos do genio, mas enfim, livre de gafanhotos, e fechado aos devaneios dos merceeiros. Pouco a pouco, á medida que os artistas, d'expositores derivavam em professores, e a pintura começava a se fazer prenda ociosa de mãos, nos passatempos das meninas casadoiras, começaram as exposições no *Gremio* a phylloxerar-se de amadores e de amadoras, e os artistas antigos a ceder o passo á trocatintice dos discipulos.

Ha já annos que o *Gremio*, salvo um ou outro caso d'exceptão, é apenas um consultorio de broxantes polychromos, vivendo da vaidade dalguns *poseurs* sem nexos, e das incontinencias de pintura mural que estão tendo em Lisboa os *restaurants* e as vaccarias. O artista d'officio tem cedido o passo ao borra-muros, e a arte de pintar, sem descer de preço, desceu d'ideal, e exercita-se em cartazes de toiros e taboletas. O Rei D. Carlos com o seu *Levantar duma armação de atum* (Algarve), é dos que mais cavalleiramente hobreiam no certamen. O seu pastel, mau grado o ser filhado na instantaneidade um pouco mechanica do Kodak, tem todavia qualidades de quadro que põem o monarcha em artista, desmentindo o parecer dos que vêem na obesidade um signal d'estupidez. Desenho largo, seguro traço, comprehensão integral do conjunto de fórmas que em materia d'arte pintada devam constituir o *quadro*, isto é, o drama completo, synthetico, caracteristico dum mais vasto cyclo d'estados emotivos — tudo isto ha no pastel do reiset portuguez, que se não fôra aquella côr de lytographia colorida, seria um dos mais flagrantos trechos da vida piscatória, fixados em papel, desde alguns annos. Infelizmente a côr das aguas falseia o azul turqueza da irradiante costa algarvia, onde o mar é mediterraneo já, na apaixonada belleza do

plainsalmo; e toda aquella toirada marinha, que outra coiza não é o erguer das armações d'atum, parece decorrer numa grande tina de mercurio, com a sua onda densa e xaroposa, os perfis da costa abaixando-se ao rez d'agua, e prejudicando assim a ideia classica que se tem das *falaises* soberbas, tragicas, desmanteladas, que vão desde a ponta de Lagos, ao monumental cabo de Sagres, de henriquina evocação.

Estas aptidões artisticas, dobradas doutras, sportsmanicas, que o sr. Carlos Gonzaga usa exhibir na cortiuncula de antigos moços de curro e heroes disponiveis, de que se cerca, teem-no conseguido pôr sympathicamente até aos olhos dos jacobinos ferózes, que enfim, á phrase classica do rei « reina e não governa », não` teem remedio senão accrescentar a attenuante, « mas já pinta ». Pinta e muito bem, e só elle vale, nesta exposição, quasi todo o *Gremio Artistico*.

No caso delle, guiando-nos o criterio de que todo o homem valido tenha obrigação de ser util dentro da esphéra em que é eleito, o que nos cumpriria fazer, era abdicar sem perda de tempo, e abrir *atelier* de pintor retratista, com vista aos atuns d'ambos os sexos.

Recapitulo pedindo que em preito ao indiscutivel talento de pastellista que possui, S. M. haja por bem outorgar-se a si mesmo o lagarto

de S. Thiago, com que já tem encalacrado alguns collegas seus no *Gremio Artistico*. E digo encalacrado, porque os pobres diabos acceitam a graça, e mezes depois penhoram-lhes os trastes, por não terem pago os direitos de mercê.

JOSÉ MALHÔA é um laborioso pintor, que partido de modestos recursos, e sem o ronflar de pomposos elogios, vem serenamente subindo a montanha verde onde a sua figura d'artista espargirá clarões duma gloria honradamente ganha a preço de labutas incessantes. Sem nunca ter ido a baptismos d'arte lá de fóra, nem contar para nada o que boquejem delle por ahi, acostumou-se desde prompto a não desperdiçar em convívios de cenaculos litterarios, tempo e energias que adrede canalizadas, dão dinheiro, e virilisam o ser, por orgulhosas ensimesmações, té á consciencia duma superioridade qualquer, intellectual, moral ou affectiva, conforme as dominantes do cerebro, da consciencia ou do coração.

Ha perto de vinte annos que assisto ás exhibições de quadros deste artista, e vejo o esforço discreto, probó, corajoso, para suster o vôo sempre mais alto, ou pelo menos não resvalar d'alturas já vencidas, o que nestes

nostros pintores contemporaneos é péxa certa, tanto que se apanhem despachados ou celebres — venho a dizer com doze discipulos pagos, e o logar de cabeça de pau nalguma escôla industrial. Contando apenas comsigo, mediu rigorosamente o alcance dos seus recursos e seus meios, e todo o seu aprumo de artista consiste em ter sempre á altura dos assumptos, a aptidão fulgural dos seus pinceis, isto para jámais soffrer cheques d'esthetica, ou fazer rir os que pretendera impressionar.

Salvo alguma vêz em que, por suggestão de maus historiadores, a ambição natural o levou a exprimir problemas altos de mais prá sua alçada, como nesse quadro do *Julgamento de Pombal*, que é ainda assim um rasoavel exercicio de pintura decorativa, Malhõa tem tido o senso de ficar modesto nos seus sonhos, e de por isso mesmo os ter vindo gradualmente a realisar por entre os applausos até dos seus antigos detractores.

A sua exposição deste anno é para assim dizer o melhor resumo das suas aptidões adquiridas. Ha um talento que em vez de força neurica, é apenas trabalho accumulado, e creaturas portanto que chegam, pela pachorra e pelo methodo, a pinaculos que outras muito antes attingiram pelo vôo. O triumpho é a meu vêr mais alto, nas primeiras, que são as desajudadas de Deus, e que, sem azas,

ateimaram em escalar o ceu, como Satan. Dos tres quadros que Malhõa est'anno amostra, o peor (retrato de D. Eugenia Relvas e seus filhos), é inda assim um bocado para que se póde olhar com sympathia, reconhecendo as difficuldades de agrupar naquella pose, as tres cabeças, e de dar á scenasinha familiar, sem mimeiras nem denguiques, a ternura e idealisação juvenil que ella requer. As duas velhas das *Papas* são um estudo da sordidez plebea, piolhosa, ramelosa, em que liquida a velhice anquilosada de trabalho, porfiando nos mestéres lazarentos da lucta pelo pão. Malhõa tem deferencias christãs por estas cafurnas da miseria, e a lista dos seus quadros de plebe, é já numerosa, e faz mesmo uma dramaturgia humoral na pequerrucha historia da pintura portugueza, que seria curioso reunir um dia ou outro. As velhas das *Papas* teem um desafio de factura e um cosido de cõr, onde se vêem vinte annos de pintura, e a tranquilla hombridade dum trabalhador sadio que procura exceder-se, e não vegeta, como alguns mysantropos maniacos, na adoração das suas proprias borracheiras. *No Forno* é uma nota differente, irradiante, hillare, da adolescencia talvez dessas mesmas mulheritas que estão já decrepitas nas *Papas*, e que neste quadrito primaveram ainda, como rosas silvestres, na veneziana alegria do amarello e do escarlata.

E' uma das coisas lindas que Malhõa tem na sua obra: tres raparigas do norte, occupadas no labor de coser brõa, sob o alpendre da cása, onde os pintos vagueiam, e verduras de parreiral cortam o ceu... O desenho é muito gracil, correcto, e a rapariga da pá, meio curvada, numa postura cheia de perigos para o desenhista, sahe triumphantemente da experiencia, e poisa a primor, sem o menor signal de rigidez. Toda a domesticidade da scena vem para nós a rir, como evocando; a graça das mulheres brota com appetites de pecego e fructa nova, á luz hillare que se lhe diffunde das saias encarnadas. Quão longe estamos, nesta esfusiante e forte mocidade, da monotonia cadaverica e daltonica de Columbano, bestificado pela thuriferação incontinente dos parvos, e recorrendo a artificios do antigo para nos dar illusões de original!

CONDEIXA. Laborioso, mólle e persistente. O seu quadro « *Recepção do Samorim a Vasco da Gama* », já exposto na Geographia, quando foi do centenario da India, é uma mesquinha e honrada concepção de artista, para quem a Historia, como assumpto d'arte, se impõe sob as realidades caseiras e as verosimilhanças pírias de um caso de hoje; o que

me parece mal comprehendido. O quadro figura um velho encruzado em cochins pobres, numa casa que parece o *chalet* do Campo Grande, cercado de canarins tísicos e apathicos, e recebendo as venias que lhe faz um figurão de cabaia vermelha, em nome d'uma dança da lucta, pintalgada de pobres vestuários. As linhas do quadro são mólles e mortas, como de quem não possui vistas *d'além*, nem se fornece de leituras historicas para integrar o assumpto no seu meio pathetico e oriental. As figuras teem desenho, e algumas são mesmo bem dadas como estudo de modelo, posto incaracteristicas no contexto dramatico, e absolutamente fóra da aura *heroica* que o assumpto requer, e actualmente falta em todos os artistas portuguezes, historiadores, romancistas, esculptores, pintores, comediographos, que á uma não teem imaginação para evocar, e á outra, são quazi tudo fumistas ignorantes, bebendo no reclame a sua principal reputação. Não é este o caso de Condeixa, que vive modesto na sua laboriosa obscuridade, e que é pena não tenha soffrido influxos de outra ordem, que lhe teriam evitado a desesperadora monotonia com que pinta. Desenhista escrupuloso, tem a estreiteza dos que só vêem numa fórmula a linha nitida que a torneja, e lhe circumscreve a côr, pespontando-a ao fundo, como um remendo

de panno noutro panno. A ausencia de physionomia é tambem um dos grandes males deste artista e de quasi todos os pintores nacionaes contemporaneos, onde Columbano capta, com os seus lodos e mutilações anatomicas, as sympathias de uma gente que até os instinctos de belleza traz perdidos! Olha-se para uma exposição de pintores, os mais differentes, e tanto o temperamento escasseia, e a visão pessoal se fundiu, pela uniformidade do industrialismo artistico, num receituário mais ou menos habil, de pintar, que todos esses paineis parecem de um só auctor, dia a dia mais aborrecido. A estupidez dos broxantes só tem parelhas na estupidez dos litteratos; os quadros valem os dramas; junte-se a critica do *Seculo* a passar cartas de genio; quatro milhões de bestas a pagar e a aparar toda esta diarrhêa, e tem-se o Kodak do paiz, nesta hora mental em que Sousa Monteiro desmônta Shakespeare.

LUCIANO FREIRE, tem um *Perfume dos campos* (ha symbolo!) onde figuram fabricas, fumando, e num florido penhasco uma deusa em pirueta ao de riba duns lyrios, litteralmente envolta em gazes. Tão litteralmente, que até se poderia chamar á deusa, uma gazoza, o

quadro servindo de cartaz a qualquer fabrica de bebidas, para o que tem as necessarias acomodações.

Está o sr. TORQUATO PINHEIRO em progredimento com o seu retratinho de velhóta, e o sr. CANDIDO CANAL com uns trazeiros de vácça (*Scena rural*), que me parecem duma psychologia penetrante, equivalendo á famosa entrada de costas do nosso Augusto Rosa, no papel do *Cesar de Bazan*. A vácça apella o bezerrinho, que vem do fundo do quadro, e muita gente, por falta de cultura artistica, tem confundido com um bezouro. A elegia saudosa da vácça, a anciedade jubilosa da mãe, tradul-as o sr. Canal por uma successão de linhas quebradas nos quartos posteriores do animal; de sorte que esse trazeiro é um rosto que até talvez nem lhe falte falar, se a vácça comeu do verde da pintura. E' painel para depois de se lêr o *Livro d'Agnello*, do sr. Anthero de Figueiredo, e daqui o recommendamos á mocidade catholica para que o mande pôr na sala das conferencias.

O nosso ANTONIO RAMALHO, que é a preguiça em pessoa, tem um restello d'azeitona

por concluir, que, já se vê, lhe vem a demostrar a tibôrna lá pró tarde; nuns *Arredores d'Evora*, um pouco tristes de côr, sente-se o escrupulo de desenho peculiar ás coisas boas deste artista; um outro quadrito de *burros*, incompleto, fixa um socego de herbivoros num pôr de sol do calido Alemtejo — dirieis o grupo palaciano da Academia Real das Sciencias, decretando talento ao seu confrade do *Falstaff*.

O sr. CARLOS REIS, com um *Dezembro* de nevoas e phantasmas, affirma mais uma vez a sua artificialidade de paysagista, e as suas reaes disposições de pintor de vistas theatraes. Não deve continuar a pintar quadros a oleo, porque á uma, convencional como é, não communica emoção ao espectador; e á outra, sem poder synthetico, compraz-se em pintar bocados, que mais ou menos habilidosos, nada querem dizer como intenção. De Silva Porto, de quem se diz discipulo, não herdou senão a cadeira de paysagem, e bem longe estamos daquelles ternos e portuguezes recantos, por onde o melancolico espirito do mestre nos levava, e que sobre cheirarem á terra patria, inda por cima biographavam, com tintas doces, a alma diaphana do pobre sonhador!

O sr. Carlos Reis sahiu daqui promettendo, como todos os que vão lá fóra completar-se; andou em Paris buscando pelos *ateliers* aquillo que muitos lá deixam, e elle nem sequer de cá levára, personalidade, em termos que ao repatriar-se, a sua maneira não conseguiu ferir sequer pela extravagancia do colorido, e os seus assumptos pareceram fugir ás métras da sensibilidade esthetica dentro de que se fixa a ideia de quadro, para se exasperarem noutras onde só cabe a scenographia. Quanto lhe temos visto em quadros de paysagem, não faz senão accentuar estas felizes tendencias do sr. Carlos Reis para scenographo — que tão poucos temos, capazes d'illustrar a primor uma peça de parada. O seu *Dezembro* não tem realmente senão trucs theatraes: o nevoeirozinho da *manhã de Clamart*, envolvendo os espectros d'arvores, de mysterio; as ovelhinhas brancas no primeiro plano, illuminadas por uma luz que é a fiada de gaz das gambiarras; relva que é um tapete, em vez de relva; enfim, duas arvores sem folhas, com rebentos nos ramos, que reduzidos a proporções naturaes, teriam mais de metro e pico de nervura.

Todas estes estranhezas sabem diabolicamente a receitauario d'*atelier*, e por mais que se busque no sr. Carlos Reis a pretendida originalidade, convem-se que o professor ou haverá

que refazer totalmente os seus processos, ou então tem que voltar para o theatro as suas vistas, onde ha muito falta scenographo nacional á altura do mestér.

Nem SALGADO, nem JOÃO VAZ estão, como deviam, no certamen; só expõem coisinhas; e no capitulo *Aguarella*, vemos uma senhora ingleza, Mrs. ROOPE DOCKERY, com uma pictoresca e variada exhibição de scenas populares do Portugal piscicula e vinhateiro, que muito praz mirar e agradecer. Mrs. Dockery é uma aguarellista que observa espirituosa e finalmente, e que das scenas humildes sabe tirar encantos sem maneirismo, como nessa aguarellasita do *Jogo do Peão*, e effeitos de força muscular, como nos *Lagareiros*, onde passa um clarão de Goya, no humorismo brutal dos corpos lambusados.

A esculptura não tem absolutamente nada que se veja. *O Mousinho de Albuquerque*, do sr. QUEIROZ RIBEIRO, é um boneco de relógio, inferior a quantos zínco industriaes vem de Paris. E' um impedido de craneo cheio de bóssas, hirto das pernas, de busto morto, e uma face onde não vibra sombra de sentimento ou éstro marcial. Quanto ao cavallo, um quasi nada melhor que o cavalleiro, não

é todavia de força a merecer ao reclame, epithetos de cysne moribundo. Deixemos o sr. Queiroz em paz mail-os seus bonzos, e restitua-se-lhe a obscuridade attinente á modestia dos seus recursos.

Quanto ás amadoras de pintura, como todas sejam de palleta merencórea, e pela mór parte, discipulas de Malhõa, cathegorisemol-as num grupo, fiquem na arte sob a designação de *Tristes Malhõas*, e estude o dr. Bombarda este ramo especial da psychiatria feminina. Eis o que se nos offerece dizer sobre a actual exposição do *Gremio Artistico*. Áparte um caso ou outro, é uma exposição de amanuenses. Empenhos para expôr, empenhos pra vender, e quanto a talento — nicles, nicles!

NA ATALAYA

Agosto é o mez das feiras, das villegiaturas e dos cyrios. Lisboa está deserta como nunca, e nenhuma coisa d'interesse bole á flôr da pacata somnolencia dos seus bairros. Nas terreolas de roda, os arraiaes e festarolas de egreja chamam a embasbacação dos ociosos a ir admirar as procissões e foguetes de lagrimas, a deixar nas locandas alguns tostões que vivifiquem o commercio local, e algumas peripecias que entrettenham a conversa das comadres.

Entre as romarias nomeadas do povoleu da capital, destaca a da Atalaya, num alto descoberto, a nascente de Aldeia Gallega, da outra banda do Tejo. Para ahi converge no ultimo domingo d'agosto, multidão de pandegosromeiros, vindos de muitos bairros populares da capital e de muitas aldeias e villórias da cercania, organisados em procissões, com pendão, cyrial, anjos, andor da Santa, padre,

sachrista e homens d'opa e tocheiro acceso — curiosos sequitos de plebe, entre o frascario e o devoto, que atravessam ao estrepito das philarmonicas as ruas da cidade, passando em barcos o rio, ou transpondo em vistosa e nem sempre bem aprumada cavalgada a distancia que separa os seus logarejos d'origem, do santuario da Senhora d'Atalaya, a par d'Aldeia Gallega, como disse. Estes cyrios ou votos, que hoje não passam de pretextos para folias no campo, onde o vinho produz o melhor das distracções, datam dum seculo ou dois, e destinaram-se a perpetuar os favores da Senhora a burgos infectados de pestes e fomes memoraveis.

Nas epochas de fé religiosa, faziam-se com extraordinaria pompa e devoção, bem proprias da sympathia ou terror que os idolos inspiravam: hoje porém, cahido o culto, permanecem um pouco por pictoresco, mascarando as necessidades frascarias da turba que regressa á animalidade licenciosa, e gosta de se espojar entre comezaina, femeas, e uma real borracha de bom vinho.

Como o santuario da Atalaya é pequeno e sem albergarias pra romeiros, como poucas casas se vêem nas rociadas de redor, os trinta ou quarenta cyrios que lá se juntam, nos ultimos sabbado e domingo d'agosto, arrumados os andores e apetrechos devotos, á lufa-lufa, no

templo, armam tendas a esmo pelos campos, accendem fogueiras, vá de fazer comida, de tocar e bailar o fado ao som das guitarras e violas, de decilitrar e fazer arruaça toda a noite, té que a madorna d'alva os amozenda num somno de borrachos, deixando alguns pares solitarios ás vezes em bem accusadoras posições. O movimento de gente ás festas do Domingo, é no santuario da Atalaya, de tres a quatro mil pessoas: vão de Alcochete, vão da Moita, vão de Alhos Vedros, vão de Setubal, vão de Palmella, vão d'Azeitão, de Cezimbra, etc. — afora os seis ou sete cyrios que, como disse, sahem dos bairros populares de Lisboa. Todo o dia largam vapores do Caes Sodré, levando forasteiros, atravez o Tejo, para Aldeia Gallega. Ao longo da estrada que abre na ermida, toldos de lona abrigam botequins e vendas de fructa e vinho, ruidosas de gargalhadas e descantes. E' uma poeirada suffocante; o sol caustica, e a cada momento gritos: *affasta! Eh homem! Eh homem!* — são os cocheiros avisando a turba-multa dos pedestres a que abra alas, por onde fiadas de carros cortam, num furacão de guizos, estalos de chicote, pragas e assoisses...

Na madrugada de sabbado pra domingo, quando os primeiros clarões do dia ascendem, com a sua pancada d'aza, no azul secco e metallico d'agosto, ha uma curiosa cerimonia

a gozar no chafariz que junto fica quazi á igreja da Atalaya. E' a lavagem das caras dos romeiros, que se ordenam por grupos, terras, visinhanças, e vão das suas tendas, processionalmente, ao chafariz, como outros tantos cyrios *laicos*, alguns co'as philarmonicas no coice, e á frente o mordomo ou juiz, que leva no braço a toalha com que, lavagem feita, se enxugam os carões de toda aquella rustilhada. Chegados ao tanque, vá de tirar os casacos e as blusas, d'arregaçar a camisa, e mergulhar na agua as trombas sujas da poeira e as manapolas viscosas da porcaria dos festins. Ahi começam tumultos facetos: o cyrio que chegou primeiro não quer ceder logar aos estranhos que vem depois; ha gritarias, dichotes, chapadas d'agua pró monte, debandadas de mulheres ganindo porque lhes molharam os casibeques... Intervenção dos maridos e dos manos, arremedos de batalha, té que algum trombone cheio d'agua se despeja na cabeça dalgum fogoso desordeiro — depois do que, no meio das gargalhadas, uma borracha congrraça no mesmo pé de kermesse as sem-razões de gregos e troianos. Ás oito horas começam no templo as festarólas. Ha cyrios privilegiados que vão primeiro; outros que se inscrevem por ordem de chegadas; alguns, refilões, que se metem adeante, a vêr se a coisa pega...

No adro, é delicioso de comico vêr os ajustes de sermões, missas e ladainhas. Estão os padres pelos cantos, ou os sachristas por elles, a intrigar, a fazer mais barato, a dizer mal da fazenda dos collegas. Missa secca, dil-a o padre Nazareth por cinco tostões, sem omittir um episodio só do santo sacrificio. Não é como padre Assumpção, que pápa o latim e engróla cerimonias, por forma que ainda não tem erguido a hostia, já está gosmando o *ita missa est*. Mas o freguez torce o nariz á ideia duma placa de cinco em orações. Dirige-se ao outro, com quem regateia a coisa dez minutos. Este reclama tres tostões, mas hão-de-lhe pagar almoço, com sua garrafória grande de rascante. Vem a ficar a missa por doze vintens — pague a patente! A patente são dois decilitros na barraca mais perto: e lá vae o padre sellar o contracto, borrando o estomago onde dalli a pouco ha-de cahir a hostia sacrosanta.

Assim não ha missas mais rapidamente encomendadas.

Em tres, quatro horas, dizem-se vinte, trinta, sem que o latego de Deus desça a cingir de novo os alquiladores da sua fé.

O sol deslumbra e cega de raios abrazadores, bate nas côres gritantes das saias, no rodopio dos bailes e dos grupos, incende os movimentos, doira a poeirada do arraial, e

por todo o immenso campo chamusca de febre o pictoresco barbaro de toda aquella córja em liberdade. Saloios e saloias dos vales do Tejo e Sado, carmellos colonos da charneca adusta que vae do Pinhal Novo ao deserto dos Pegões e Poceirão; maritimos das pescarias de Cezimbra e de Setubal, catraeiros do Seixal, Barreiro, Aldeia Gallega e Alcochete — petintaes dos bairros fuscos de Lisboa, fadistagem da Mouraria, Alfama, Alcantara e Bairro Alto, operarios frandunos, soldados, marujos, regateiras e mulheritas do povo endomingadas... toda esta mészcla de plebe, convergida dos burgos mais oppostos, das profissões e mistéres mais divergentes, alli vem esquecer as amarguras da sua faina habitual, e afogar nas farturas crassas dum dia, talvez que a lazeira sinistra de mezes de vida madrasta e precisada!

Tambem, nesse dia de pandega, não ha ninguem com fome ao pé daquela gente. Os aleijados e pobresinhos que se achegam á hora da manduca, os cegos cantores que, mão no hombro dos moços, olhos longinquos, circulam por entre gamellas e chapadas de melão, offerecendo cantilenas, os pequenos vagabundos de mão estendida, lamuriando em bicha, entre verminas e andrajos, nenhum parte sem esportula ou bucha confortante; todos jantam e folgam, porque na sua senti-

mentalidade mosarabe, este povinho é bonacheirão e compadecido, gostando de consolar, de saber a vida dos que soffrem, e ficar remordendo depois, em lastimas fadistas, a historieta dramatica de cada pedinte que esmolou. Esta cauda de derreados e côxos que em Portugal formiga, de janeiro a dezembro, em carreiros de miseria, pelas romarias e feiras, á cóca da caridade sentimental das populações, e que nestes ultimos annos ameaça invadir cidades, e emporcalhar até as ruas largas de Lisboa, deriva talvez, como instituição e maçonaria, daquella côrte de milagres que Victor Hugo poz na *Nôtre Dame* entre os capitulos illucidantes da leprosa plebe medieva, por elle entrevista nas Hespanhas, e de que nós tambem possuimos pictorescas dependencias. Frequentes vezes teem cahido entre mãos da policia apuntos e denuncias da vasta rede mysteriosa duma especie de federação de mendigos, com sede nas Beiras, e relações *commerciaes* pelo paiz.

Esta associação dalguns milhares de monstros physicos, recolta os dez réis e vintens da caridade a favor dalguns chefes que accumulam o cargo, com o de larapios e assassinos, e no meio da horrivel tragedia dos aleijados, cegos e idiotas, consegue, dizem, que viver folgadoamente. Ora é um ou outro pequeno macillento, encontrado a dormir ou a chorar

na soleira duma porta, e que muito espremido sobre o sítio onde mora e a gente a que pertence, se descose a dizer que pede por conta dum pai d'acaso, que o apanhou na estrada, com fome, ou o comprou na Beira a uma familia de emigrantes.

(Ora esta historia de sequestro, tão assombrosamente frequente, apesar das leis, apparece complicada de mais terrificos accidentes: punção dos olhos, para exploração da cegueira, deformação das articulações, cultura do rachitismo e todas as doenças consumptivas e deformantes . . .

Que me recorde, num periodo de dez annos, teem os jornaes levantado talvez por quatro ou cinco vezes o tampo destes pavorosos laboratorios dos *compra-chicos*, no meio da surpresa incredula dum publico que fiado na argucia da policia, no rir de civilisação manante á flôr das caras, suppõe que tudo vae bem, e já não ha lobos no redil. Os desgraçados que trabalham por conta, teem obrigação de levar diariamente ao dono, uma esportula certa, e para isso elle os desloca de poiso, os transforma d'aspecto, os faz mudar de lamuria e até d'enfermidade, havendo cegos que passam a aleijados, e escrofulosos que apparecem de hydrocefalos, quando o publico, massado dos seus choros, encolhe os hombros sem vintem pingar na mão do pilharete . . .

Da ondulosa colina em que se alevanta o santuario, o olhar, correndo sobre campos, hortejos, vinhas, matto e pinhaes de rama curta, fluctua, embriagado da côr, vindo topar a norte a expansão que o Tejo faz, chamada *mar de palha*, em cujo fundo, além, num recorte de montes, Lisboa desenrola o seu panorama esfumaçado. E' uma coisa de sonho romanesco, essa admiravel grisalha da casaria polyedrica, comprimindo-se, tamanha, nos valles e gargantas, trepando ás cavalitas dos outeiros, molhando os pés nos caes, cantando pelas bôccas dos sinos, ou nos meios cansaços da faina, ennovelando a tumultuosa respiração pela guela das empenachadas chaminés!

Ás primeiras obliquidades do sol, pendendo, em cataratas d'ouro para a barra, magia não sei qual toca d'apothéose o panorama da cidade e seus contornos, que a propria gente rustica a cada passo lança os olhos, mordida dessa melancholica seducção.

Na agua do rio, azul lavado, com barcos d'aza vermelha, e uma facha d'espelho reflectindo a casaria dos caes de ponta a ponta, claridades de verão plaqueam lagos, onde gaivotas singram, entre as arripiadas tranças da corrente; limpido o ceu, mui alto, com

absurdos d'ideia artezoando a cupula infinita, deixa o espirito offegar á cóca de problemas — uma poeira paira, rolando pollens, espectralisando a luz, idealisando, recuando, revelando planos, valores, puindo na foz do rio a fornalha solar que incende a barra, e escorre n'agua listrões d'oiro sangrento.

Apezar da distancia e das tres leguas de mar que nos separa, a cidade inda assim campeia enorme, e a intumescencia da maré parece que a traz a nós, crescendo da agua, como um panno de fundo no reverso do qual alguem se agita. O contraste dos dois espectaculos surprehende: no arraial de cá, uma assoisse plebea de kermesse, as rugidões do vinho, gestos de corja, apetites suinos de ralé — para além d'agua, um silencio magnifico, e como que a espectação hypnotica dum grande sonho de fumista. E' esse silencio que, com a luz phantastica do poente, relevando e socovando faces na casaria acavalada pelos montes, parece tornar a cidade maior, a sombra della mais diaphana, e mais estranha a sua poesia evocativa. Com a inclinação do sol, arde em ala o poente, e o corredor da barra é como um grande foco de labaredas escarlates, fulvas, brancas, acharoadas de cereja e roza e madre-perola, donde se cõa em feixe divergente, um turbilhão de poeira luminosa, que trespassa as formas, e apaga

as linhas rígidas, fazendo de tudo quanto doira, silhuetas.

Inda outra noite ao redor do santuario: o arraial da vespera, já mais attenuado em borborinho: a noite amadornada do cansaço das danças, das comatosidades do vinho, das sacieiras da comezaina e da luxuria. A' formiga, agora dez, logo desoito, ranchadas de romeiros teem partido; os de mais perto, ahi pola tardinha, depois da jantarada, descalças ellas já de pé e perna, a trouxa das garridices á cabeça, o chaile, a saia rica, as botas de cordovão abotoadas; elles de vestia ao hombro, cinta cahida, olheirentos, poeirentos, a viola nos dedos, os varapaus de rojo, a ponta de cigarro no beijo, um ramo de manjarico ou um cravo, atraz da orelha.

Na manhansinha seguinte, debandada. Na bracieira immensa da ermida, por ordem tradicional, vão-se ordenando as procissões. Chamadas

— *Oh Troles, avia-te!*

— *Oh Silva, raios te partam, malandro, que tão amigo és da murraça!*

— *Oh Penteado, vem pegar na santa, deixa a rapariga!*

e os indigitados, despedindo-se das suas relações, até ao anno, pespegam na borrachã um beijo ultimo, e vem a correr tomar a opa e o respectivo logar na procissão. O dos foguetes

na frente, com seu tição de lume engatilhado no pipo dum de seis respostas. Bandeiras; um anjo com uma aza de menos, a pedir pão com manteiga a um cambaio que o leva pela mão. A philarmonica não toca, ladra o hymno; entre flôres de papel, mal aparafusada, a santa baila sobre a peanha florida da padiola. Pelas estradas, divergindo, cada cyrio começa a tomar então o seu caminho: os que vão por terra, dado o giro tradicional de roda da egreja, desarmam logo e põem-se á futrica, indo a santa de carroça mal-o padre, e toda a canalha em cavalicóques e jericos, entre descantes e fadejos que nem sempre acatam Deus e a decencia das mulheres; os de Lisboa, tardios, inda jantam e bailam, vindo molhar no Terreiro do Paço ahi por volta do acender dos candieiros. Pelos repregos da terra, que é vermelha, gredenta, coberta de rosmano, carqueja e urze, vão-se lentamente pisgando esses cortejos pagãos de povoleu, vibrantes na luz caustica d'Agosto, e cada vez mais pequeninos, rebatidos nos fundos como manchasinhas de pintura, a poeirada os amortalha e esvae por traz dalgum feixe de pinheiros. Logarejos que topem, tascas na estrada, com seu ramo de pinho sobre a porta, ranchos de lavradores e d'arrieiros, tudo lhes serve para uma assuada festiva; e vá de foguetes e berros, porcarias de lingua,

ganidos de philarmonica, `vivorio, que acordam os echos, fazem correr visinhos aos postigos, cantaricar os gallos nos poleiros, ladrar a canzoada...

Pelos caminhos e corregos da ermida, porque já não seja preciso, *desarmados* tambem como as barracas de peixe, os bainiques de caffè, as carreiras de tiro e os theatritos de fantoches, mendigos vão já sem lamurias nem cajado, os aleijões num sacco, as tintas das ulceras terri-veis, lavadas, altercando c'os donos a objurgatoria eterna do capital e do trabalho; e as rodellas de lépes telintam nas sacólas, as pragas voam, os cegos vendo, fallando os mudos, os amputados refeitos já de mãos e pés nos sacôtos que exhibiam, e todos numa raiva de partilha, com outras vozes, já outras caras, livres do *officio* como qualquer actor fóra de scena, somem na turba o rosto de *phenomenos*, confundindo, borrando os vultos na anonymia da jolda circulante.

Na torna-volta pra Lisboa, pelo caminho d'Aldeia Gallega, que desce o monte em descançadas rampas bordadas de pinhal e vinha verde, a cada momento se nos depara c'os vencidos e estropiados da batalha: um ou dois, estendidos aqui, a resonar o final da monstruosa bebedeira dos tres dias; outros além, de bruços sobre lagos de vomito; altercações de pares imprevidentes, que gastaram

tudo, e não teem dinheiro pra passar o Tejo na falua; restos d'adeuses, de merendas, de mancebias fortuitas, annuaes, desatando-se em descomposturas obscenas, traz das moitas... A noite vem, serena, forte e limpida, dos cerros, que os corvos enchem dos seus gritos viris, curvando vôos; lá se fica o santuarinho na montanha, e as casitas brancas, agazalhadas de silencio, onde alguma voz appella os que se vão... De roda o matto cheira á rezina das plantas veraniças; ondas de mosquitos zumbem de raspão; e o immenso fundo da cidade, do Tejo e das montanhas, passa de vagar por mil cambiantes, emmurchece de côr, sinistrisa-se de fumaradas, laivos, onde fios de vidraças chamejam de sangue e fogo ainda, como feridas...

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

A gloria de Raphael Bordallo está feita, e a sua biographia artistica tambem ; de sorte que eu só tenho a alinhar recordações do muito que ha escripto e pensado em louvor do egregio artista. Raphael Bordallo é numa familia d'intellectuaes e emotivos, peor ou melhor apreciados pelo publico, a vigorosa vergontea que faz frondejar, elle só, a arvore bordalenga, e que entre tantos Bordallos conhecidos, excede o estalão de todos, pela flexuosa belleza e relumbrante diadema com que o seu genio aureola o trabalho que tócam as suas mãos, ao mesmo tempo patricias e plebeas. A complexidade do seu temperamento artistico surprehende, pela diversidade de tentativas que lhe deva a arte nacional; elle caricaturista, decorador, esculptor de barro, louceiro... ; e a graça veste elegancias novas a cada borboleta que brota do seu cerebro — mesmo ás que, parecendo animadas de vida, não passem

comtudo de chinezices recortadas em papel. Cabeça linda, que as enxundias deprimentes dos cincoenta necessariamente empastaram já nas suas mais aristocraticas arestas, e que ainda ha dez annos, com a sua ardente-tinta, o bigode de sombra, a trunfa ninivita e os olhos carbonosos, era a materialisação vivissima daquella caprichosa intelligencia, abundante, facil, original, dum filão aurifero sem estanque...

Longos annos, lisongeando a espiritualidade frondista da sua indole batalhadora e amiga de rir dos males alheios, a caricatura absorveu-lhe a actividade, e neste campo o seu logar pica á direita, na historia da ironia aquem-romantica, dos mais notaveis lapistas europeus. Convem dizer que não sendo Bordallo pensador nem philosopho, como o foram um pouco Daumier, Gavarni, e como actualmente o está sendo Forain, a sua caricatura faz rir sem mais preoccupar depois que a gente riu: é o riso argentino e claro de nossos paes, do bom tempo em que viver era ainda uma successão de factos simples, e as mil preoccupações do *struggle* não tinham deformado as nervuras do character; de sorte que o espirito, sem meandros, reflectia ingenuamente as coizas, não quero dizer como um lago limpo, mas assim como um quieto charco, cuja superficie logra reflectir um pouco o azul

do ceu. A caricatura de Bordallo tem isto: humor, chacota, panria: é o processo d'escarneo movido á Baixa por um alegre tunante em trilha de folia; virtuosidade pasmosa, improvisação endiabrada, abundancia de côr e movimento, excesso ás vezes de detalhes mascarando a ausencia duma concepção larga e profunda, e nem sempre, infelizmente, um criterio de homem culto garantindo a escolha do assumpto, e salvando o lapis, nas abundancias do texto, do mau gosto de tratar o pueril primeiro que o resto... E', já lhes disse, na caricatura europea, um nome raro, e no meio duma obra consideravel, estragada a fazer paginas d'actores e cantores sem nome, politicastros sem brio, e escriptorécos sem nexo nem sexo (as exigencias tressuantes do jornalista lisboeta, vivendo do assignante e repastando a *actualidade*, como prato de resistencia), algumas dezenas dellas resahem, fumegantes de genio como na primeira hora, elaboradas d'instincto, certo, mas com a chancellia de as ter esquissado a verve calamitosa dum gigante.

Chega-se a termo em que, quasi todo o ridiculo esgotado, a caricatura não rende, e eis Bordallo visando as suas perceptividades plasticas para a loiça. Funda-se a fabrica das Caldas: assumpto estranho, recomeço de vida, periodo de gestação e procura tateantes, quasi ás cegas num caminho de responsabilidade

excepcional!... As primeiras creações do Bordallo louceiro são peníveis, entende-se, que já ninguém hoje sabe da cabeça de Minerva, armado e prestes para a liça — e como não podia deixar de ser, ou é caricatura a loiça que elle faz, ou então uma obra heterogenea, resultante da assimilação das Caldas antiga, (menos a ingenuidade), com um proposito de chic documentando ausencia de saber.

Na primeira exposição, que veio a realizar-se nas salas da Sociedade de Geographia ou do *Commercio de Portugal*, Rua de S. Francisco, supponho, e foi um successo entre as gentes da moda que lá foram, appareciam já, no meio de peças taradas dalgum dos vicios cima expostos, coizas duma certa desinvoltura e phantasia — como a collecção de jarras monumentaes, que para logo augurou viabilidade viçosa ao novo ceramista. Tempos correram, durante os quaes agros problemas technicos, como o dos temperos da pasta, o segredo complicado dos esmaltes e sua adherencia absoluta aos barros trabalhados (em termos de se não esfoliarem na peça, depois de prompta, estalarem, ou falsearem, depois do fogo, por erro de dosagem, o tom chromatico, querido pelo ceramista), agros problemas technicos foram sendo resolvidos por Bordallo, com mais ou menos dolorosa experiencia. As exigencias praticas da fabrica, não se ajus-

tando sempre ás concepções artisticas do mestre, forçoso alguma vez batalhar co'as sensaborias da gerencia, que péde loiças de venda quotidiana, em vêz de *bibelotage* sem outro proveito domestico do que a vista: e dahi virem a lume serviços de loiça branca, pesada, d'ornamentação deficiente, e que por falta d'estudo não conseguiram bater as fabricas corriqueiras, mas classicas e tradicionaes, da nossa velha louçaria. Entrementes a crise financeira denuncia-se; o Estado, sem credito, não póde mais subsidiar tentativas d'industrias desabrochadas ao calor do oiro dos emprestimos; de sorte que a assoisse da fabrica das Caldas, limita-se, dispensando o maior tomo dos operarios e aprendizes, e circumscrevendo o trabalho á entretenga minima dalguns braços, para se não dizer que liquidára inteiramente. Eis o periodo d'agonia psychica de Bordallo! o periodo jeremiaco, dramatico, das lamentações e desesperos, em que o panico de vêr terramotar uma obra creada com paixão, lhe invade as noites, e a pictoresca phantasia cavaquista, uma das mais esfusiantemente estelláres que eu tenho ouvido, lhe pyrotechnisa o desgosto em admiraveis satyras verri-neiras, em queixumes sarcasticos, em apódos sem preço, podendo-se dizer que a paragem da loiça fazia voltar flammejante a caricatura, e a alma artista, damasquinada de dôr, espar-

gia, nesses revolteios de chimera scintillante, a divina insomnia de crear, crear continuamente...

Estavam d'encomenda as estatuas de barro para repovoar as capellitas do Bussaco, e pela esculptura, pintura e marcação das scenas nos respectivos santuarios, outorgára um ministro, cremos que Navarro, certa quantia que ia sendo paga mensalmente. A quantia porem adelgacava, cada vêz mais, seu fio d'oiro, e com a fabrica periclitante, ultra-sensivel se ia fazendo a mingua do dinheiro.

Era o tempo d'eu visitar os ateliers de Raphael nas Caldas da Rainha, o parque emaranhado e quazi ao abandono, o chalet de cortiça, forrado de tabúa, e com a original mobilia de pinho pintado, fayanças de Darque e sanefas d'algodão oriental. Confesso que me compungiu a vacuidade frigida de tantas officinas sem gente, os fornos extinctos, e quebrados os monstros do caprichoso lago do jardim. Tanta iniciativa, talento e trabalho, para alli, em estilhaços, no meio da indifferença bestial dum povo analfabeto! Forçoso porem dobrar a cabeça á fria mingua da caixa forte... Não havia real, e innumeradas encomendas de casas francezas, a quem tinham seduzido as ceramicas de Raphael na exposição de 89, não podiam seguir, por miseria dalgumas centenas de mil réis — o custo das fornadas! Como

terá vivido a fabrica desde então? Não me cumpre historiar as vicissitudes crueis por que ella tem passado, e passará. Os lucros dessa industria só me interessam no ponto em que os progressos da arte se intromettam; o resto é materia d'accionistas. Lembrarei todavia, como topico para o computo pratico do caso, que poucas vêzes artistas deram bons administradores, pois a phantasia não conta, nem tempo tem para especular com artimanhas de balcão.

Só toquei este ponto por frisar duas coizas desoladoras: uma, local, e vem a ser a completa incapacidade do portuguez para fazer dinheiro com o trabalho industrial (haja vista a vida ephemera das novas industrias, e a paragem doutras, a gozar de cócoras os beneficios da pauta, como um negro á sombra do baobab); geral a outra, universal, e vem a ser o aguilhão que é a pobreza no trabalho do genio creador.

A fabrica fechada, ou pelo menos reduzida a um minimo de producção que se não pôde chamar industria, mas curiosidade, deixou a Raphael Bordallo vagáres contemplativos, preguiças de gestação durante as quaes subiu de gosto a sua obra, trepando a cúmes que o

ramerão commercial sou a dizer lhe não hou-
vera tão cedo desvendado.

Por occasião dessa minha visita ás Caldas da Rainha, pude occupar-me nos *Gatos*, tão encomiasticamente quanto o sabe uma emoção d'impulsivo vibrando á surpresa de coizas para que não estava preparado, dalgumas figuras de barro (a esse tempo nem sequer inda cosidas) que deviam entrar nos grupos para as capellas do Bussaco. Quazi cinco annos volvidos, e diluculado o juizo das instantaneas cegueiras duma primeira percepção, direi agora que, sem quebra de admiração pelo talento figurista de Bordallo, me cumpre soffrear os exageros meridionaes do que então disse, e repôr em arrazoados modestos o sentido justo e fixo do que no pamphleto dos *Gatos* quiz frizar.

E' certo que mau grado haver nas Caldas um esculptor para modelações anatomicas, collaborador obscuro e dedicado de Raphael na parte mais fatigantemente technica da esculptura, se não póde chamar bem esculptura, no grande sentido, ás figuras em preparação para o Bussaco. Ha nellas um arranjo para assim dizer *mise-en-scénico*, que as impede de serem bellas, de per si, ou apparecerem sósinhas como obras impeccaveis, e só ligadas em grupos, num nicho ou palco confinado, com luz de theatro, a distancia do espectador, virão a

dar o effeito empolgante que o dramaturgo-ceramista houve por bem communicar-lhes. E' isto claro, nem outra coisa se podia esperar de quem appareceu esculptor sem estudos classicos, e embóra cheio de genio, como ráros da pleiade actual, todavia não logra adivinhar segredos que são o *a b c* do estatuario de profissão. O inegável é o effeito dramatico de certas scenas da Paixão, tratadas por Bordallo, a energia terrivel d'algumas figuras, e a admiravel comprehensão local da vida hebraica, recolhida de leituras e achados d'observação particular.

Neste sentido escrevi, algures, nos *Gatos*: « entra-se agora na obra do Bussaco, encomendada para substituir os antigos barros, alguns tão bellos, que povôavam as capellas dispersas pela matta, barros que muitos attribuem a um monge do convento, e de que ao certo nunca se poudé averiguar a procedencia. Nessas velhas esculpturas, o modelador seguia um pouco a móda italiana, no arranjo classico das roupas, no convencionalismo parado dos gestos, e na egualdade desesperadamente serena dos perfis. A antiga Paixão do Bussaco, fosse de frade, fosse de profissional, o certo é que se resentia dum espirito devoto e dum cinzel pouco nervoso; o terreno escapára ao modelador extatico do celeste, e a emoção naturalista da vida substituiu-a elle

por uma especie de espiritualisação pomposa, oratoria, que dava a toda essa obra, tão longa, o aspecto glacido duma successão de quadros vivos... A escultura de Raphael Bordallo é toda *narrativa*, nem outra concepção da christologia era de suppôr gerasse uma cabeça d'artista, pouco disposta a especulações de symbolologia religiosa. Bordallo é sob o ponto de vista destes problemas difficeis, um ingenuo commentador da fé da multidão, e como tal possuido da crença corrente e disposto a expressal-a por um criterio naturalista semelhante ao que os flaubertianos empregam para stenographar os dramas sociaes. Para a sua arte, o caso de Jesus deu-se effectivamente conforme a reportáge e os commentarios dos livros santos: Jesus é para elle o Christo das prophcias judaicas, o enviado directo do Deus grande, o espirito-carne descendo ao mundo para ensinar o exemplo da justiça, da confraternidade e do perdão. A obra do Bussaco é por consequencia mais do que uma arte de modelagem e estudo d'attitudes; é um estudo mental inconsciente, avocado das recordações catholicas dos primeiros annos, e expresso pelas formulas da escola litteraria em que o artista desabrochou e se fez homem. Todavia estas duas impulsivas nẽm sempre conseguem cerzir-se a ponto de darem um todo homogeneo e sem ranhuras; basta observar em

qualquer dos grupos passionaes que atraz descrevo, o realismo franco, livre pensador, das figuras profanas, e a especie de mystica rigidez convencional do Christo, para advir em que a inspiração de Bordallo, passando dos judeus ao Redemptor, trepida, hesita, varada do respeito da lenda, e receosa d'amesquinhar-se dando ao filho de Deus, feitiços de condemnado — numa palavra, acobardando-se de restituir a essa figura de nihilista manso, que prégou o desdem pelo Estado, pela administração, pela justiça, pela familia, pela propriedade, pelo trabalho, por todas as engrenagens-mães da vida social enfim, a physionomia e a postura que a reconstrução scientifica lhe fixou.

« Este contrasenso ingenuo não prejudica por forma alguma o drama sacro, que de mais a mais Bordallo formula para uma turba-multa de forasteiros antes beatos do que analystas, num paiz onde o christianismo continua a ser intransigentemente semita, e onde ninguem vê no Christo o pretexto allegorico, local, duma divinisação solar d'origem arica. Temos pois d'encarar esse drama na pratica e supersticiosa bonhomia de que o impregnou o esculptor, qual dispensando-o da intenção symbolica e philosophica, qual reduzindo-o a um caso de tribunal, numa terra de fanaticos estreitos e aduncos phariseus de gestos nevropathas. Neste campo restricto, a obra de Raphael

Bordallo é, salvo as primeiras figuras da serie, que são tentativas de quem subitamente acorda estatuario, duma belleza e força d'expressão grandes e raras... Eu não poderei bem affirmar que alguma vêz, nessa escultura de curioso, falhas de modelagem não atraíçõem a ausencia dessas pequeninas sabedorias que as pacientes lições de tres annos ensinam aos esculptores de profissão, e elles tanta vêz manuseam para mascarar ausencias de talento. Convenho até que na obra de Bordallo, de quando em quando haja deformidades ou rudezas anatomicas: mas com que ululante audacia, com que desespero magnifico, com que revoltada eloquencia, esse excepcional aprendiz visiona os submarinos da catastrophe christã tomada ao vivo! dando a *recherche* do movimento, da paixão, da fé a toda a brida, com uma elasticidade de factura, um calor d'enlaces, um imprevisto de *raccourcis*, um ar respirante enfim de historia domada, que é impossivel não vêr por traz daquella furiosa labuta d'esgáres, gritos, reviravoltas, tragedias, o germen vivaz duma passionologia d'arte pessoal, inedita entre nós, e verdadeiramente extraordinaria em qualquer ponto do mundo em que fluisse... »

A industria da telha vidrada, polychroma, e azulejos do antigo gosto portuguez, ou para melhor dizer, hispano-arabe, tiveram tambem na fabrica de Bordallo resurreições que infelizmente não teem sido corôadas de successo. Destes artefactos, o preço, um pouco alto, impediu se divulgassem por muitas obras, que a terem-nos adoptado, haveriam que parallelamente provêr-se d'outros luxos, pois não se comprehende uma casa de telhões polychromos e azulejos arabes, sem um tal ou qual defenimento architectonico, obras de madeira e ferro trabalhado, decorações, pinturas, mobilia d'arte; e tudo isto faria subir de muito o custo da obra, desde a simples fabrica della, té depois aos ultimos pormenores d'adorno e acabamento.

A mór parte dos lindos typos d'azulejo portuguez da Batalha, da Bacalhôa, Santa Cruz e Sé de Coimbra, Evora, Caldas e outros logares onde monumentos architectonicos das duas primeiras dynastias poderam offerecer variedades de desenho e esmalte á contemplação assimilativa de Bordallo, foi por este reproduzida fielmente, e está na collecção mosaïsta da fabrica, á espera que os ricos se lembrem de colgar as fachadas e atrios dos palacios com aquelles soberbos brocados faiscantes.

A miseria do paiz, e os sombrios e geraes prognosticos quanto a um futuro de bancarota e fome irremissiveis, necessariamente teem concorrido para que os capitalistas se retraiam, e mesmo no superfluo, prefiram coizas que menos custem, fazendo, é claro, mais espalhafato. Os artefactos das Caldas pois, como de resto todos os productos d'industrias dispensaveis, só conseguirão vender-se á força de praticos d'uso e modicos de preço, luctando e vencendo os seus rivaes, substituindo-se a outros pela melhora e belleza do fabrico, e enfim, achando meio de serem necessarios a todos, em vêz d'estarem á espera das generosas larguezas de meia duzia d'argentarios.

Vae em dois annos que, visto um prenuncio de melhora na riqueza publica, trazido pela subida dos cambios brasileiros, por alguns annos felizes para a agricultura e industria, protegidas, e mesmo pela valorisação da propriedade, motivada pela depreciação da moeda de papel, que se não guarda — vae em dois annos que a febre das construcções recommçou em Lisbôa, por artes de se encherem de casas, vales e montes ainda ha pouco cobertos de hortas e olivedo.

Nas avenidas e ruas que vão da Rotunda, ao Matadouro, S. Sebastião da Pedreira e Campo Grande; na quinta dos Castellos, ao

Intendente; nos terrenos do palacio Redondo, a Santa Martha; ou pelos arrabaldes que mó-
lham no rio, direito á barra (Parede, Estoril,
Cascaes, e por hi fóra) são bairros e bairros
conglomerados ou esboçados, novellos de ca-
zaria encarrapitando-se nos altos, formigueiros
de janelórias e telhados multicôres, subindo
as ladeiras aos bordos, fazendo escovinhas de
faias, dando-se as mãos com medo de cair —
ou no ripanso dos largos, outros, a cavaquear
pelos lettreiros das lojas, brégeiram o caso
pelo cigarro acceso das chaminés — e assim
de longe, toda essa cazaria nova, rica e pobre,
tem uma verve de collegiaes escapos á vigilan-
cia dos prefeitos, correndo em bichas nos cam-
pos, direito a muros de quintas que resistem,
de pedra e hirtos como antigos granadeiros,
té que noutro sitio, por terra, deixam o campo
livre aos sitiantes, e ahi vão estes furando os
pobres muros com gestos ferrabrazes, saltan-
do-lhes em passo de carga, por cima, e no olho
das aguas furtadas, risos bailões, dizendo —
o gajo rende-se! Grandes e pequenos, modes-
tos ou ricos, esses brancos edificios, de linhas
duras e recortes previstos, são a banalidade
da raça em fasciculos de tijollo e pedra de
Cascaes. Os grandes, d'aluguer, em estylo de
fabricas, são polyedros esburacados de rectan-
gulos, linhas hostis, côres irritantes, e com
telha de Marselha cobrindo geometricamente

a estupidez da corja que lá móra. Os pequenos, *de proprietario*, comodas de pés pra cima, figurados em estatuetas e vasos do Lamego, aos cantos duma platibanda envernizada de branco, a fingir pedra. Bairros inteiros, ruas inteiras se percorrem, sem variantes; dum lado e outro, as mesmas fabricas de moagem de seis andares, os mesmos palacetes em theatro de provincia, pilastrados em corpos, com uma varanda corrida de janellas nobres, que é a sala, e por cima o decorativo frontão, a obra rica, onde entre relevos de *carton-pierre* se vê algum olho de boi, relógio, ou as iniciaes do dono da casa a oiro sobre fundos d'estuque azul ou amarello. Que quer dizer esta falta de gosto macissa e lorpa, esta rotina eterna no typo de construir, quando tudo na vida evolute e se transforma? Nos interiores ainda a hygiene e a decoração fazem conquistas; a casa de hoje tem ar, tem luz, e um ou outro morador lá tenta illuminal-a de graça, pelas acquisições que a arte industrial e a inventiva educada, adaptam ao ninho, num proposito d'arte e de conforto; mas quanto ao vulto externo, ao modo de pôr a casa em scena, de a integrar na scenographia complexa da rua, de lhe dar cara, typo, um córte original, um *que* do morador e dos seus gostos — oh quanto a isso retrogradámos de todo — e quem dera cá, para os d'aluguer, ao menos o

typo pombalino, apesar do seu ar auctoritario, mas pessoal, viril, e com um minimo d'architectura escorando d'arte a aliaz banal aptidão de fazer tócas, que até o castor possui, sem se suppôr por isso o principe dos brutos.

Defronte do paço de Queluz ha uma casita artistica de pedra, que pertenceu a Pombal, e é hoje dum proprietario, de nome Teixeira, ou quer que seja . . . Com o seu portico de grinaldas, braços, vultos de genios, seu rez-dochão de sóbrias janellas, e a cada banda da casa, seus portões de jardim, coroados d'urnas, tendo por azas, cobras coleantes, aquella residencia fica na lembrança como sitio encantado onde um mysterio d'amor, d'estudo, de felicidade serena e solitaria cogitação da nossa vida, quizeramos corresse; e se partimos, os olhos nella se vão, captivos da sua aristocratica e gentil sombra, das suas proporções graves, correctas, da sua linha simples, do donaire distincto enfim que toda ella reçuma, e donde a sua alma de pedra, evocando eras mais altas, põe no espirito romanticas curiosidades, interrogações, problemas, todo um passado de graças e requintes, perfumando, envolvendo da casita toda as lindas velhas pedras — as velhas pedras que tantas coizas sugerem, e tão longe estão das villas cagadas e chalés pelintras da Queluz nova — venho a dizer de tudo o que em construcções modernas

se tem feito, dentro e fóra dos muros de Lisbôa! A ponto vamos, que em Portugal parece não haver já architectos, mas caixoteiros. O espirito artista elimina-se, apulhas-tra-se o gosto, numa ancia de barato que é a chancella dos tempos chalros onde, pela nivelção das castas, toda a vida do espirito tende a afundar-se numa barbaria insuportavel. De quem a culpa? Do proprietario, que por economia e ignorancia, suspeita do architecto-artista, preferindo-lhe em tudo o mestre d'obras, sem reparar que um modelo de casa original, verdadeira obra d'arte adaptada ás necessidades e regalos da vida intelligente, lhe custaria aproximadamente o mesmo que os polyedros bossaes do praticção.

Do proprietario, claro; mas porque não tambem do architecto, que até agora não tem sabido ser util, e do mestre d'obras que se fica no papel de pedreiro astuto, explorando como intermediario o trabalhador e o senhorio; e do morador enfim, que continua a não sentir o prazer da habitação? Ora por que processo lutar contra esta rotina eternisada? Ha só a diffusão da cultura artistica, uma das confluentes da educação geral, que conviria acendrar a todo o preço, para por ella renovar o gosto, creando a procura do *apartamento* e da casinha d'arte, o que determinaria da banda do proprietario, por processos tardos

embora, uso da terra, uma completa revolução na architectura da casa d'aluguer.

Vae-se por esses bairros novos, e a uniformidade monotona dos typos de palacete e casarão d'aluguer, o antiquado bronco das massas, o deficit d'elegancia, a ausencia d'estylo, a inalteravel chateza solida e sem destaque, o horror do pessoal, do original, caracterisam logo o povo d'ouriços cacheiros que nós somos, de cerdos acuados, com a phobia do ar livre e o pavor dos olhos de quem passa. Longe topareis algum modelo insolito e diverso, mas esse receoso d'ultrapassar a méta modesta dos restantes, não vá o visinho rir, e o transeunte deitar algum feitiço... Como ha-de ser! A Camara, a quem cumpria zelar pela vestidura architectonica da terra, provendo á linha esthetica, referente não só a cada casa e sua integração na fileira doutras, como tambem á perspectiva scenographica de massas extensas (composição architectonica de praças, calculo da mancha paysagista de bairros, montes, vales e declives), por fórma a, nos grandes conjunctos, produzir a cada passo silhuetas d'arte, impo-nencias panoramicas ligando-se por unisonos de graça e surpresas de harmonia: a Camara, regida habitualmente por animaes sem pruridos d'espírito, quazi todos logistas e pela maior parte alheios, senão hostis, aos proble-

mas da decoração, tornada hoje imprescindivel na vida dos povos psychicos, a Camara dizem que tem no orçamento uma especie de synhedrio artista, d'architectos e engenheiros, cujo papel seria fazer respeitar as leis do gosto, mas a cuja incuria ou coacta impotencia, verdade, deve Lisbôa o horrivel charivari de cazações que vae por hi. Aqui deixaram vedar panoramas classicos, pela obstrucção de quintos andares deante dos pictorescos jardins e platós dos montes historicos: exemplo, as Chagas, as Albertas, N. S. do Monte; além destruíram a symetria grave de certas velhas construcções características: exemplo, varandas corridas no logar das mansardas do Rocio; mais adeante gazometros apar torres de sonho, roendo com os fumos chimicos da hulha, as pobres velhas rendas que debuxou Garcia de Rezende sob as vistas paternas de seu amo; logo depois a nomenclatura das velhas ruas, poetica e tão linda, cuja perscruta nas chronicas cria uma sorte de paixão nupcial pela cidade, quasi toda ella suprida por nomes d'estafermos, Moncos-verdes, Sorianos, Coelhoos, Garcias, peidos quintos, gente d'ocasião, com um hontem duvidoso, e um amanhã de mófa ou esquecimento; e se finalmente do velho viermos ro-dando sobre o novo, ide á rotunda da Avenida, e grandes ruas que dalli se vão moinar prós arrabaldes, e constatareis que o tal synhedrio

artista, dado tenha existencia nas folhas da paga, em pouco mais signala vida official: ou competencia lhe falta como regulador destes assumptos, ou lhe falta liberdade, para sobre o constructor exercer efficaz intervenção.

E' este um caso de preoccupar a engenharia artistica superior de todas as cidades, e que lá fóra goza das honras de primaz: magnificar, afinar o aspecto externo, não como estorvo á liberdade d'acção do constructor, que é por toda a parte bem mais sensivel que o nosso ás victorias da arte e da elegancia, mas para lhe avocar na consciencia um dever civico novo, como seja noblificar a terra que se habita, tornando-a risonha e formosa como a aurora, dando-lhe halos de graça e de nobreza, hellenisando-lhe o ar pela vibração d'ideias sãs e fórmãs impecaveis — donde, applicado o conto á Lisbôa nova, diremos que é dever de todos impedir nas ruas de luxo o predio nodoa, o odioso predio quartel, fabrica de moagens, gallinheiro-pombal, com tectos de zinco e tres ordens d'aguas furtadas por corôa.

Era bello vêr na ultima exposição de Paris os esforços da architectura ingleza para, sobre themas locaes, variar ao infinito os seus typos de casa nacional. Desde a casinha operaria, de madeira, assente sobre plataforma de masame, seu quinchoso de roda, para flôres, e a sala grande, comedeiro e salão da familia,

destacando em torreão da massa total, afim de receber luz pelas tres faces — desde a casinha operaria té aos projectos custosos de palacios para clubs, museus, bibliothecas, theatros, rezidencias d'apparato, eram milhares de modelos e planos d'edificios, em cartão, faia pintada, perspectivados e alçados sobre tela, aguados em albuns e paineis de toda a casta, aquillo revelando uma teimosia, um estudo, um amor da terra, uma erudição, uma actividade d'arte, admiraveis, apanagios triumphaes duma raça chegada á chefia do mundo, e fecundando os genios da civilisação c'o seu poder d'estranha ubiquidade!

Julgareis seja este inquerito aos motivos tradicionaes da architectura e decoraçáo da casa ingleza, um caso virgem? Pois em quazi todos os paizes do velho e novo mundo elle está feito. E' principalmente um caso de busca e escolha scientificas, para dos elementos simples, componentes, apurar aquelles que num dado povo a tradiçáo e a arte prenderam, vetustamente, ao solo e ao habitante, e com estes crear o projecto da nova habitaçáo, nacionalisada, reintegrada na sua pureza una e genuina. Trabalho d'apaixonar artistas e eruditos, mas que ainda em Portugal mal principia, abandalhados que vamos do mal francez d'importar tudo, até os nomes dos deboches, e os das cadellas de Paris com que

baptisamos cá as nossas filhas. Na *Arte Portuguesa*, jornal de Gabriel Pereira e Casanova, começou uma serie d'estampas retratando a casa nacional, e debutava pelas casitas populares do Minho e Beiras, para seguir dalli ao mais complexo.

Falliu a publicação, como é costume, por não retratar brasileiros, nem servir palha ao rumino queixal do assignante, e ficaram em mãos de Henrique das Neves os dispersos desse começo d'inventario patriotico, que por comesinhas imagens nos teria rezenhado historicamente a habitação do norte, mal-os seus ingenuos motivos ornemanistas, os seus nichos e os seus pateos, e todos os ferros forjados e alpendres de parreira, e as arejadas varandas onde a vida cazeira toda decorre, e as janellas velhas de saccadas de bilros, com padieiras e engas de castanho lavrado d'esculpturas. Por ventura a curiosidade desse inquerito traria outros, recoltados no sul e no meio dia, onde ha tanta coiza linda a recoltar (Alemtejo e Algarve sobretudo), té que o inquerito prompto e os albuns cheios, algum architecto de tino um dia tentasse a renacionalisação da cása portugueza, livrando-a da salganhada dos estylos e typos de Paris, que ás vêzes chegam a brigar com as condições do clima, os habitos de vida e a refulgencia da luz meridional: exemplo, o *petit-hotel* coberto d'ardozia onde

o morador no verão derrete ; exemplo, o caricato chalé de tectos a pino e mansarda em bico, para evitar acumulações de massas de gelo, num paiz onde, coitado, o gelo raro passa de geada.

Ah meus amigos ! a casa portugueza merecia bem o trabalho de a resuscitarem do desprezo injusto em que cahiu, e ser erguida outra vêz, com tradicionaes motivos genuinos, nas mil variantes d'estylisação, desenho e typo, que a phantasia dum artista descobre entre a baiuca alpendrada do rabuzano beirão, vestido de saragoça, e o palacio portuguez do seculo xvii, de brazão carrancudo e janellas duplas nos cunhaes. Esperar que os pensionistas do Estado, vindos de França com a sua architectura franceza no bolso e o desdem pelo'paiz já no sorriso, convirjam d'inicio proprio a este rasgo de missão extrapairante aos seus instinctos dispersivos, curando de naturalisar, chegados cá, a educação profissional que receberam, é não conhecer as ruins sarnas do portuguez cosmopolita, que crucifica e renega na primeira esquina, a sua terra, sem vergonha de ficar até á morte o servente passivo do estrangeiro. Cabeça que emprehendesse esta reabilitação da morada portugueza, haveria por força de ser grande, de querer forte e resistencia imputrescivel ; mas se por hi andam architectos de talento, a nenhum té gora cabe o galardão de haver

tentado sequer feito tão alto; simples pintores, decoradores, um ou outro proprietario-artista, um ou outro erudito homem de letras, eis os besteiros intrepidos da lucida batalha, os reintegradores da habitação na sua variante d'estylo portuguez. — Tem por exemplo Villaça, no Estoril, uma casinha composta sobre motivos conventuaes, para o meu amigo Manuel Gomes, aproveitando o torreão de resaltos frestados de gelozia verde, a janella balcão em arco de côro, e nas janellas baixas, as grelhas de ferro terminando por cima em maçarócas d'enrocado, que é das primeiras tentativas de estylisação tradicional, comprehendidas na area d'influencia de Lisbôa. Nenhum architecto té gora tentou renacionalisar a casa portugueza, disse eu? — pois enganei-me, ha um, e novo, o sr. Raul Lino, que fez estudos na Allemanha, com Haupt, architecto illustre a quem se deve o livro erudito, preciso e esculpulo, sobre a Renascença em Portugal, e que ainda ha pouco tornado ao paiz, revêla já na galhardia dum artista amoroso das nobres elegancias, a argucia dum espirito calmo que se impôz retrabalhar a architectura typica da terra, partir e assimilar da tradição, em vêz de ser por Lisbôa, como os outros, simplesmente um lavrador de sementes esurias, um remendão d'estylos luizinhos e manoelsinhos, sirgando a obra bastarda das

gerações *artistas* de até gora. Poucos são por ora os trabalhos conhecidos de Raul Lino, mas em todos méche o fito patriótico de, como elle diz, « achar um modo de construir que seja original e moderno, e sobretudo tenha character portuguez ».

Ahi está o projecto para o pavilhão portuguez na exposição de Paris, de cunho monumental e tão engenhosas adaptações (demasiado proximas talvez) de monumentos conhecidos, visando evocar num todo rico, naquelle caravansará do mundo, a imagem da patria luzitana. Ahi está o projecto de casa para o pianista Rey Collaço, no Mont'Estoril, genero *chaumière*, onde uma serie de configurações e motivos ruraes das nossas casas do Minho e beira-mar, engendra um ninho rustico d'artista, illustrado de varandas e d'alpendres. E ainda por cadernos de trabalho, photographias e jornaes, alguns bellos projectos d'estylisação tradicional da casa portugueza, de sobre-cenhofidalgo ou silhueta romanesca, onde os motivos typicos fervilham, e abundam os achados pictorescos, em misulas, cunhaes, balcões, torrélas, galerias de crasta e de castello, resaltos, nichos, portadas curiosas, escadarias tornejantes, e gradaria forjada, lanternins, brazões, mosaicos e azulejos, que é um namorar seis seculos d'arte e vida patria, a revêr os berços-solares das fortes

raças que enobreceram e estragaram esta linda terra de malucos.

Eu não sei se na obra do sr. Raul Lino estes agregados se homogenisam já num todo integro, ou por agora não passam d'aposições pictorescas, mais ou menos proximas, que o artista ainda não teve tempo de transformar e fundir em *coiça nova*. Sei porém que o vulto destes lindos compostos me evôca aiosamente ideias d'ancestralidade e patria recuadas, a graça mobil da gente, a esbelteza fidalga dos moimentos, o muito ar e muita luz da minha terra, as lumbradas de sol, as nortadas de Dezembro, a magia das luas passionaes, tudo isto d'envolta com essa procura de mysterio romantico, essa febre de pompa, d'amor e d'aventuras, que nos ficou do arabe, a escaldar no sangue aventureiro. E depois o que seja duma semi-consciencia d'arte nova que se acerca, o presentimento duma elegancia differente da dos estafados predios de mestre d'obras, e dos irritantes chalés, *petits-hotels* e *petits-chateaux* que o irritante francez pra cá nos manda, com os jornaes de modas e os volumes de tres francos, ao desbarato duma civilisação de caixeiros que nos tem depravado a olhos vistos. Motivos de sobra para favorecer e animar a todo o transe esta especie de revindicação patriotica nas artes de construir a habitação, que a despeito da pyrronice estran-

geira dos nossos architectos de nome, e turba-multa de ricos que lhes ouve os conselhos immoraes, vem emprehendendo a meia duzia d'artistas vingadores da genuinidade nacional. Se a lassidão proverbial dos luzitanos nestas cruzadas em que a continuidade do esforço é a unica móla de successo, excepcionalmente deixar que o intento vingue; se fizerem almas os propulsores do movimento; se a nova religião fôr proclamada por apóstolos eloquentes, e achar echo na turba, e vulgarisada fôr com provas praticas e exemplos, no mundo rico dos proprietarios e constructores, por certo assistiriamos ainda a uma coiza fermosa, verdadeiramente digna de ser vista: qual resurgirem na vóga, pelo consenso unanime de todos, outra vêz as nossas velhas formas artisticas da cása — eu não quero dizer em estylo puro portuguez, que jámais tivemos na arte, estylo proprio, porem nas variantes terrenhas, typicas, tradicionaes da nossa terra, tão lindas e inconfundiveis algumas — em modelos consentaneos da luz, do clima, das tradições, dos habitos de vida, floreados, variados pela sabedoria e invenção dos novos architectos, já a esse tempo convertidos ao amor feroz do seu torrão.

Nesse dia propicio, que Deus me faça raiar antes da morte, renascerão por seu turno as velhas industrias subsidiares da architectura,

que fomos deixando perder por desmazello: a olaria artistica e a ceramica, a talha em madeira, o ferro batido e as tapeçarias muraes ao gosto d'Arroyollos: voltarão as camaras colgadas de pannos, ao gosto nacional dos seculos xvi e xvii, rodapisadas de madeira de laves, ou d'azulejos desenrolando motivos allusivos, com seus tectos de tumba avivados de pintura, seus fogões de lareira onde tóros d'azinho ardem, e fiam velhas em rócas, e velhos lêem gravemente in-folios d'aventuras... Então se ha-de apreciar n'altura o vivo senso esthetico de Bordallo, entre os primeiros que presentiram esse renascimento da decoração tradicional, e certo as suas moldagens *in situ*, de grandes massas de ceramica, para o effeito ornamental de certos pontos, as suas tentativas d'azulejo historico e mourisco, e a sua telha vidrada, para os telhados de pagóde chinez, em pontas recurvas, que nos ficaram das peregrinações de Fernão Mendes, serão coroadas de successo, vistas com olhos de vêr por todos que sonharem installar-se á portugueza, num cantinho bem portuguez, donde se vejam cepas, um pedaço de mar, e entre carvalhas as torres duma igreja...

Voltando á loiça artistica e a Bordallo, alguns o accusam de não ter o que se possa chamar, maneira sua, nem muita vêz guardar respeito aos estylos, e agrupar, outras, na decoração das peças, elementos que brigam, — donde uma falta de harmonia, um ar estranho que esfria o gosto e deixa o espectador indifferente, mau grado o talento ultra-provado do ceramista. Não é completamente a minha opinião, e em quatro palhetadas vou dizer. A respeito de maneira propria, amigos, originalidade absoluta não existe; todo o phenomeno deriva do anterior e é causa do immediato: e entre outros factores, hereditariedade e educação, impedem o homem mais pessoal, *de ser elle sósinho*. A originalidade pois é relativa, e essa, rara, ainda assim, por exigir uma tempera de character que a nivelação social cada vêz mais tende a abolir. Tome-se uma serie d'artistas da mesma raça e genero, chronologicamente seguidos num periodo regular. Fazem todos cadeia, e nenhum quebra violentamente, com a sua obra, a sequencia evolucional da obra commum. Em seiscentos ou setecentos, quando muito dois ou tres reagirão, mas sem fugir á lei evolutiva que os articula uns aos outros, como rails da

mesma via de progresso. Raphael Bordallo é desses poucos resistentes, mas especifico que a sua originalidade, com ser pouco profunda, emotiva e não intellectual, como o temperamento, deve exclusivamente mirar effeitos pictorescos, sem mór escolha dos meios e dos processos. E é exactamente o que succede, queiram vêr...

Respeito a estylos, só o poderia guardar um erudito, que Bordallo está longe de ser; por outro lado, aquella sua maravilhosa aptidão assimilativa tende a transformar tudo o que tóca — vá sem dizer que um pouco á pancadista... Dahi a ceramica, não é, como a architectura, uma arte d'estylos definidos — donde a accusação não ter grande couceira. O terceiro ponto é, me parece, mais difficil de bater que os outros dois. Na rica phantasmagoria decorativa de Bordallo, uma ou outra vêz a escolha dos meios falha de logica, compromettendo a pureza do gosto. Isto se nota na fayança dos primeiros annos da fabrica, em que o caricaturista, travestido de louceiro, resta caricaturista na loiça, inda algum tempo. Pois que admira! O artista não adextrado ainda nos segredos do officio, inconsciente do valor dos elementos tradicionaes, entra na ceramica com irrespeitos de *gavroche*, revolucionando á pedrada, e aproveitando a vacuidade mental para negar, que é sempre facil. Com o olho

Lewis Wallace, Ben-Hur. Episodio commoventissimo da vida de Jesus. 2 volumes	600
Emilio Gebhart, Ao tanger dos sinos, collecção de dezoito preciosos contos traduzidos por Eduardo de Noronha: 1 vol. lindamente brochado	500
Lino d'Assumpção, As freiras de Lorrão (Ensaio de monographia monastica). 1 vol. br.	600
— As monjas de Semide (Reconstituição do viver monastico). 1 vol. br.	600
— Martyres (Paraphrase d'uma lenda christã). 1 vol.	500
Affonso Lopes Vieira, Para quê? (versos). 1 vol. br.	700
— Auto da « Sebenta ». 1 vol. br.	200
— O Poeta Saudade. 1 vol. br.	600
Alberto d'Oliveira, Palavras loucas. 1 vol. br.	600
Antonio de Vasconcellos, Estudos historicos — I. Viriathos (Um capitulo da historia da Lusitania). 1 vol. br.	350
A. Osorio de Castro, Exiladas (versos). 1 vol. br.	400
Augusto de Castro, Religião do sol. 1 vol. br.	500
Barão de Cadore, Diniz (romance). 1 vol. br.	600
D. João de Castro, Jesus (poema). 1 vol. br.	500
Eugenio de Castro, Sagramor (poema). 1 vol. br.	600
— Rei Galaor (tragedia). 1 vol. br.	400
— Saudades do Ceu (poema). 1 vol. br.	400
— Oaristos (versos). 2. ^a edição. 1 vol. br.	400
— Constança (poema). 1 vol. br.	500
J. A. da Silva Cordeiro, A crise em seus aspectos moraes (Introducção a uma bibliotheca de psychologia individual e collectiva). 1 vol. br.	600
Luiz de Magalhães, D. Sebastião (poema). 1 vol. com illustrações de A. A. Gonçalves, br.	1\$000
Manuel da Silva Gayer, Poesias. Canções do Mondego — Rimas escolhidas. 1 vol. br.	600
— Peccado antigo, 1 vol. br.	400
— Os Novos — I. Moniz Barreto. 1 vol. br.	400
— O Mundo Vive d'Illusão (poema). 1 vol. br.	400
— O Mondego (poema). 1 vol. br.	400
Silva Mendes, Socialismo libertario ou Anarchismo. 1 vol. brochado	600
Teixeira de Paschoaes, Sempre (versos). 1 vol. br.	400
— Terra Prohibida (versos). 1 vol. br.	600